

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
UNIVERSITÄT LEIPZIG

LUNA PAULA GRAFFE

DIE TABUISIERUNG DES SCHIMPFENS IM UNTERRICHT VON DEUTSCH
ALS FREMDSPRACHE – EINE UNTERSUCHUNG ZUR RELEVANZ DES
SCHIMPFENS IM DEUTSCHEN SPRACHGEBRAUCH

O TABU DO INSULTO NO ENSINO DE ALEMÃO COMO LÍNGUA
ESTRANGEIRA – UM ESTUDO SOBRE A RELEVÂNCIA DO INSULTO
NO USO LÍNGUA ALEMÃ

CURITIBA/LEIPZIG

2019

LUNA PAULA GRAFFE

DIE TABUISIERUNG DES SCHIMPFENS IM UNTERRICHT VON DEUTSCH
ALS FREMDSPRACHE – EINE UNTERSUCHUNG ZUR RELEVANZ DES
SCHIMPFENS IM DEUTSCHEN SPRACHGEBRAUCH

O TABU DO INSULTO NO ENSINO DE ALEMÃO COMO LÍNGUA
ESTRANGEIRA – UM ESTUDO SOBRE A RELEVÂNCIA DO INSULTO
NO USO LÍNGUA ALEMÃ

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Ruth Bohunovsky.

Orientador(a) Leipzig: Prof(a). Dr(a). Silvia Dahmen.

CURITIBA/LEIPZIG

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Graffe, Luna Paula

Die tabuisierung des schimpfens im unterricht von deutsch als
fremdsprache : eine untersuchung zur relevanz des schimpfens im
deutschen sprachgebrauch. / Luna Paula Graffe. – Curitiba; Leipzig, 2019.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná; Universität Leipzig

Orientador : Prof. Dr. Christian Fandrych

1. Língua alemã – Estudo e ensino - Falantes estrangeiros. 2. Palavrões.
3. Tabu. I. Título.

CDD – 430.7



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

ATA Nº934

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS

No dia vinte e quatro de junho de dois mil e dezenove às 11:00 horas, na sala 1001, Rua General Carneiro, nº 460 - Ed. D. Pedro I, foram instalados os trabalhos de arguição da mestranda **LUNA PAULA GRAFFE** para a Defesa Pública de sua dissertação intitulada *Die Tabuisierung des schimpfens im unterricht von deutsch als fremdsprache - eine untersuchung zur relevanz des schimpfens im deutschen sprachgebrauch*

O tabu do insulto no ensino de alemão como língua estrangeira - um estudo sobre a relevância do insulto no uso da língua alemã. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: RUTH BOHUNOVSKY (UFPR), THIAGO VITI MARIANO (UFPR), PAULO ASTOR SOETHE (UFPR). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, reuniu-se e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela **APROVAÇÃO** da aluna. A mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, RUTH BOHUNOVSKY, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 24 de Junho de 2019.

RUTH BOHUNOVSKY

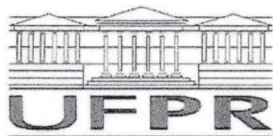
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

THIAGO VITI MARIANO

Avaliador Externo (UFPR)

PAULO ASTOR SOETHE

Avaliador Interno (UFPR)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **LUNA PAULA GRAFFE** intitulada: **Die Tabuisierung des schimpfens im unterricht von deutsch als fremdsprache - eine untersuchung zur relevanz des schimpfens im deutschen sprachgebrauch**

O tabu do insulto no ensino de alemão como língua estrangeira - um estudo sobre a relevância do insulto no uso da língua alemã, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 24 de Junho de 2019.

RUTH BOHUNOVSKY

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

THIAGO VITI MARIANO

Avaliador Externo (UFPR)

PAULO ASTOR SOETHE

Avaliador Interno (UFPR)

RESUMO

Este trabalho contribui para a pesquisa, na medida em que pretende apresentar o campo de pesquisa sobre insultos e palavrões fora de sua invisibilidade e tabu, tornando sensível, através de um processo de abordagem exploratória, um tema que não recebe uma atenção especial no contexto científico, nem no contexto do alemão como língua estrangeira e segunda língua. Para este fim, o presente trabalho examina, por um lado, até que ponto insultos e palavrões são geralmente prescritos e considerados tabus na linguagem cotidiana alemã. Além disso, o plano de fundo do tabu é examinado em busca de insultos e palavrões no contexto do alemão como língua estrangeira e segunda língua. Como preparação para a segunda parte empírico-prática, o embasamento teórico é apresentado na primeira parte deste trabalho. Utilizando uma análise de corpo das legendas dos 20 filmes mais visitados no cinema entre os anos de 2013 e 2018, os palavrões identificados são analisados descritivamente, de acordo com suas frequências, na parte prática. A seguir, é realizada uma análise exemplar da intenção de insultar enquanto dimensão intencional do insulto. Posteriormente, esse resultados são aplicados ao contexto do alemão como língua estrangeira e segunda língua, assim como são descritas possíveis estratégias didáticas para o ensino.

Palavras-chaves: Alemão como língua estrangeira e segunda língua, Insultos, Palavrões, Tabu

ABSTRACT

This work intends to bring the research field around cursing and swear words in the German language into the spotlight and out of its taboo and to raise awareness for a topic that receives little attention, neither in scientific context nor in the field of German as a foreign and second language, using an explorative approach. Therefore, the work investigates how swear words and swearing are generally perceived and placed under a taboo in the German language. Furthermore, the background of this tabooing in the field of German as a foreign and second language is examined. In preparation for the empirical-practical second part, the theoretical background is presented in the first part of this thesis. Using a corpus analysis of subtitles of the 20 most visited cinema feature films from 2013 to 2018, the identified curse words are analyzed descriptively in the practical part according to their frequencies. This is followed by an exemplary analysis of the intention of cursing as a situational dimension. Subsequently, these results are applied to the field of German as a foreign and second language with a following description of potential didactizations.

Keywords: German as a foreign and second language, swearing, cursing, slurs, swear words, taboo

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Arbeit beabsichtigt, das Forschungsfeld um Schimpfen und Schimpfwörter aus seiner Unsichtbarkeit und Tabuisierung hervorzuholen und in einem explorativen Annäherungsprozess für ein Thema zu sensibilisieren, das weder im wissenschaftlichen noch im Deutsch als Fremd- und Zweitsprache-Kontext besondere Aufmerksamkeit erfährt. Dazu untersucht die hier vorliegende Arbeit zum einen, inwieweit Schimpfwörter und das Schimpfen im deutschen Sprachalltag generell einordnet und tabuisiert sind. Ferner werden die Hintergründe der Tabuisierung ums Schimpfen und um Schimpfwörter im Deutsch als Fremd- und Zweitsprache-Kontext untersucht. In Vorbereitung auf den empirisch-praktischen zweiten Teil werden im ersten Teil der Arbeit die theoretischen Grundlagen vorgestellt. Mithilfe einer Korpus-Analyse aus den verschriftlichten Untertiteln der 20 besucherstärksten Kinospielelfilmen der Jahre 2013 bis 2018 werden im praktischen Teil die identifizierten Schimpfwörter entsprechend ihrer Häufigkeiten deskriptiv analysiert. Hiernach erfolgt eine exemplarische Analyse der Schimpf-Absicht als situative Dimension des Schimpfens. Anschließend werden die Ergebnisse auf den Deutsch als Fremd- und Zweitsprache-Kontext angewendet und mögliche Didaktisierungen für den Unterricht beschrieben.

Schlüsselwörter: Deutsch als Fremd- und Zweitsprache, Schimpfen, Schimpfwörter, Tabuisierung

INHALTSVERZEICHNIS

INHALTSVERZEICHNIS.....	I
ABBILDUNGSVERZEICHNIS	III
TABELLENVERZEICHNIS	IV
ABKÜRZUNGSVERZEICHNIS	V
1 EINLEITUNG	1
2 FORSCHUNGSÜBERBLICK ÜBER DAS SCHIMPFEN	7
2.1 LEXIKALISCHE DEFINITION DES SCHIMPFENS	7
2.2 SCHIMPFEN IN DER LINGUISTISCHEN FORSCHUNG – EIN ÜBERBLICK.....	10
2.3 SCHIMPFWÖRTER ALS PEJORATIVE SPRACHE.....	13
2.3.1 <i>Schimpfwörter als Pejorativa</i>	13
2.3.2 <i>Wortbildung und Attribute von Schimpfwörtern</i>	15
2.3.3 <i>Beleidigungswörter als Pejorativa</i>	17
2.4 DIE HERKUNFTSBEREICHE DER SCHIMPFWÖRTER: TABU UND TABUISIERUNG	20
2.5 BEDEUTUNGSWANDEL UND SCHWEREGRAD VON SCHIMPFWÖRTERN	26
2.6 SPRACHSTIL DER SCHIMPFWÖRTER.....	28
2.7 VERORTUNG DES SCHIMPFENS ZWISCHEN SEMANTIK, PRAGMATIK UND AUßERSPRACHLICHEN QUELLEN.....	32
2.7.1 <i>Deskriptive und expressive Bedeutung von Schimpfwörtern</i>	33
2.7.2 <i>Schimpfwörter im Gebrauch: Scherzhafte Beschimpfung, Fluchen und reale Beschimpfung</i>	35
2.7.3 <i>Außersprachlicher Parameter – Sprecher</i>	43
3 FORSCHUNGSSTAND: SCHIMPFEN IM DAF- UND DAZ-KONTEXT	46
3.1 SCHIMPFEN ALS TABUISIERTES FELD IN DER DAF- UND DAZ-FORSCHUNG	46
3.2 URSACHEN DER TABUISIERUNG DES SCHIMPFENS IM DAF- UND DAZ-UNTERRICHT	48
4 EMPIRISCHE ANALYSE ZUM GEBRAUCH VON SCHIMPFWÖRTERN IN DER DEUTSCHEN SPRACHE	53
4.1 METHODISCHES VORGEHEN ZUR BESTIMMUNG VON SCHIMPFWÖRTERN MIT HILFE EINES ERSTELLTEN FILMKORPUS.....	53

4.2	KATEGORISIERUNG DER HÄUFIGKEITEN VON SCHIMPFWÖRTERN AUS DEM ERSTELLTEN FILMKORPUS	60
4.3	EXEMPLARISCHE ANALYSE DER SCHIMPF-ABSICHT ALS SITUATIVE DIMENSION DES SCHIMPFENS IN DER FACK JU GÖHTE-FILMTRILOGIE.....	70
5	AUSWERTUNG DER ERGEBNISSE AUS DER ANALYSE ZUM GEBRAUCH VON SCHIMPFWÖRTERN IM HINBLICK AUF DIDAKTISIERUNGSVORSCHLÄGE FÜR DEN DAF- UND DAZ-UNTERRICHT	86
6	FAZIT	95
	LITERATURVERZEICHNIS	VII
	ANHANGVERZEICHNIS	XXI
	ANHANG.....	XXIII

ABBILDUNGSVERZEICHNIS

ABBILDUNG 1: HÄUFIGKEITEN DER SCHIMPFWÖRTER IN IHREN HAUPT- UND SUBKATEGORIEN (QUELLE: EIGENE DARSTELLUNG)	60
ABBILDUNG 2: HÄUFIGKEITEN DER SCHIMPFWÖRTER IN IHREN HAUPTKATEGORIEN (QUELLE: EIGENE DARSTELLUNG)	69
ABBILDUNG 3: HÄUFIGKEITEN DER ABSICHTEN ZUM SCHIMPFEN (QUELLE: EIGENE DARSTELLUNG)	71
ABBILDUNG 4: KOLLOKATIONEN VON SCHWUL UND HOMOSEXUELL (QUELLE: SKETCHENGINE)	91

TABELLENVERZEICHNIS

TABELLE 1: SCHIMPFWÖRTER IN IHREN TABU- UND QUELLBEREICHEN (QUELLE: EIGENER DATENSATZ)	24
TABELLE 2: ABSICHTEN DES SCHIMPFENS (QUELLE: EIGENER DATENSATZ)	42
TABELLE 3: BESUCHERSTÄRKSTE KINOFILME IN DEUTSCHLAND MIT KINOSTART ZWISCHEN 2013 – 2018 (QUELLE: COMSCORE.COM (2019))	59

ABKÜRZUNGSVERZEICHNIS

PC	Political Correctness
GfdS	Gesellschaft für deutsche Sprache
NPC	Non pejorative correlative
PG	Personengruppe
FSK	Freiwillige Selbstkontrolle
FJG1	Fack ju Göhte 1
FJG2	Fack ju Göhte 2
FJG3	Fack ju Göhte 3

1 Einleitung

„Er aber, sag’s ihm, er kann mich im Arsch lecken!“ (Goethe 2005, S.73 Erstauflage 1773)

Das obige Zitat aus der Feder von Johann Wolfgang von Goethe hätte so mancher zunächst vielleicht nicht der Dichter-Koryphäe zugeordnet. Ein weltberühmter Poet, der seit zwei Jahrhunderten auf der ganzen Welt Anerkennung erfährt, lässt seine Figuren in seinem Werk *Götz von Berlichingen* (1773) derartige Reden schwingen? Allein ist er damit nicht. Auch Friedrich Schiller wählte rüde Worte, als er in seinem Drama *Die Verschwörung des Fiesco zu Genua* (1783) seinen Protagonisten Fiesco „Heraus, Hassan! Hurensohn der Hölle“ (Schiller 1974, S.55, Erstauflage 1783) ausrufen ließ.

Doch nicht erst Goethe und Schiller finden an vulgären Sprachauswüchsen gefallen. Schimpfen hat Tradition. So zierte eine viertausend Jahre alte Sumerische Tontafel folgender Schriftzug: „Wer diese Tafel bricht [...] den mögen [...] die Götter des Himmels [...] mit einem Fluch strafen [...] und sein Name, seine Nachkommen sollen vom Land hinweggefegt und sein Fleisch den Hunden zum Fraß vorgeworfen werden!“ (rezitiert nach Essig 2012, S. 19) und eine indische Schrifte aus dem dritten Jahrhundert vor Christus wütet: „Du bist ein Kindesmörder [...]. Du sollst an einer ekelerregenden Krankheit sterben, und alle Menschen sollen dich meiden.“ (rezitiert nach Essig 2012, S. 27).

Beschimpfungen und Beleidigungen, gar Diskriminierungen wie bei dem angeführten Zitat von Friedrich Schiller, sind auch heutzutage noch Teil von Debatten und Auseinandersetzungen im medialen Diskurs. Im Jahr 2016 sorgte etwa das Schmähedicht des Moderators und Satirikers Jan Böhmermann auf den türkischen Präsidenten Erdoğan für Furore (Siemens 2017). Dabei scheinen Beschimpfungen und Beleidigungen in der Politik an der Tagesordnung. Ganze Bücher existieren, die sich allein mit den sich gegenseitig im Parlament diffamierenden Politikern beschäftigen (vgl. Falke/Kaspar 2001; Pursch 2011). Verbale Ergüsse in der Politik sind – neben dem wahrscheinlich bekanntesten Ausruf Joschka Fischers „Mit Verlaub, Sie sind ein Arschloch, Herr Präsident“ (rezitiert nach zdf 2018) – auch an emotional aufgeladenen sportlichen Ereignissen keine Seltenheit. Stellvertretend und vielfach angeführt sei hier die Auseinandersetzung zwischen dem französischen Weltklasse-Fußballer Zinedine Zidane und seinem italienischen Kontrahenten Marco Materazzi bei der Fußballweltmeisterschaft 2006. Die grobe Beschimpfung Materazzis „Preferisco la puttana di tua sorella“ (rezitiert nach Gauger 2012, S. 2) endete mit dem körperlichen Angriff Zidanes auf Materazzi sowie einer roten Karte für den

Handgreiflichen und dem Fußballweltmeistertitel für den Beschimpfer (Achille/Pighin 2008, S. 135f.).

Die Böhmermann-Affäre führte zwar nicht zu körperlicher Gewalt, wucherte jedoch zum politischen Eklat aus, der selbst Bundeskanzlerin Angela Merkel in Handlungsnot brachte (Siemens 2017). Erdoğan empfand Böhmermanns Gedicht, in dem der türkische Präsident unter anderem als „schwule“, „ziegenfickende“ und „perverse Sau“ bezeichnet wird (rezitiert nach Bayer 2016), als derartigen Affront, dass er Anzeige erstattete (Gasteiger 2019). Das Strafmaß von Beschimpfungen und Beleidigungen gegen Personen ist auf der ganzen Welt Bestandteil von Gesetzen. In Deutschland können so zum Beispiel Volksverhetzung und Hassrede gegen Personen gerichtliche Konsequenzen nach sich ziehen und nach Paragraph § 130 mit einer Freiheitsstrafe von bis zu drei Jahren geahndet werden (vgl. StGB 2019).

Nicht immer jedoch findet die öffentliche Auseinandersetzung der Schimpf-Thematik in den bereits angeführten negativen Kontexten von Anfeindungen statt. In der erfolgreichsten deutschen Kinofilmreihe „Fack ju Göhte“ (2013, 2015 und 2017) nehmen Hauptdarsteller Elyas M'Barek und seine Schauspielkollegen kein Blatt vor den Mund und schimpfen und beschimpfen sich auf mitunter rüpelhafte, aber liebenswerte Weise in die Herzen der Zuschauer (comscore 2019). Über sieben Millionen Zuschauer pro Kinofilm verzeichnete die Trilogie und ließ M'Bareks Ausruf „Chantal, heul leise“ zum geflügelten Wort avancieren (bedeutungonline 2019). Eine Sünde der Jugend könnte man meinen, die Sprachverkommenheit zelebriert, sich abgrenzen und schockieren möchte. Und in der Tat findet sich besonders in der Jugendsprache der häufige Gebrauch von derben Schimpfwörtern (Neuland 2018, S. 191). Gleichzeitig sind gegenseitige Beschimpfungen in der Jugendsprache wie „Ej, du Opfa, klar man!“ (Meininger 2017, S. 51) auch Zeugnis von scherzhaft-neckenden Sympathiebekundungen (Meininger 2017, S. 51).

Das Interesse an und der Gebrauch von Schimpfen und Schimpfwörtern ist durchaus kein ausschließlich deutsches Phänomen. Der amerikanische Schimpf-Forscher Timothy Jay widmet sich seit über 20 Jahren dem Schimpfphänomen und Schimpfverhalten und fand heraus, dass in Amerika lebende Personen durchschnittlich 80 bis 90 Schimpfwörter pro Tag benutzen (Jay 2009, S.155f). Im Vergleich zu einem Tagespensum von ca. 16.000 Wörtern, machen die Tabuwörter also etwa 0,5 bis 0,7 Prozent aus. Dies entspräche, so Jay (2009, S. 156), nahezu dem Prozentsatz von 1,00 Prozent, mit dem auch Plural-Personalpronomen wie *we* und *our* in der US-Amerikanischen Sprache benutzt werden.

Umso erstaunlicher ist es, dass sich innerhalb der weltweiten wissenschaftlichen Forschungen kaum Arbeiten zur Schimpfthematik finden. Studien und wissenschaftliche Erkenntnisse verfassen wenige Forscher, wie der bereits genannte Timothy Jay. Forschungsweisend in der deutschen Forschung ist Reinhold Aman, seinerzeit Begründer der Malediktologie, einem 1973 gegründeten Forschungszweig, der sich aus psychologischer und linguistischer Perspektive mit Schimpfen und Schimpfwörtern beschäftigt. Darüber hinaus ist das Forschungsdefizit innerhalb der deutschen Forschung um das Schimpfen jedoch sehr auffällig. Allerdings ist in den letzten Jahren z.B. durch vermehrte Forschung im Bereich der verbalen Aggression das Interesse am Schimpfen erwacht (vgl. u. a. Oksana Havryliv 2009, 2017). Dennoch scheinen Forschungen zum Schimpfen von einem gewissen Tabu umgeben zu sein, dem auch Professorinnen und Professoren zu unterliegen scheinen. Ob es der Tabuisierung zuzuschreiben ist, dass Prof. Hans-Marting Gauger und Prof. Dr. Roland Ris sich als Fluchforscher der Schimpfforschung erst seit ihrer Emeritierung widmen?

Dieses Tabu um Schimpfwörter findet sich auch im öffentlichen Raum. Wenn schon Kinder lernen, dass sie Schimpfwörter nicht aussprechen sollen (Kümmerling-Meibauer/Meibauer 2015, S. 22) und Erwachsene, anstatt sich den Frust von der Seele zu reden, Schimpf-Malbücher ausmalen können, die kathartische Zwecke erfüllen sollen (Kohtz 2017). Auch im Hinblick auf hilflose DaFZ-Lehrer, die auf eventuelle Fragen der Lernenden nach Schimpfwörtern unsicher kichernd mit solchen „Schweinereien“ überfordert sind, möchte diese Arbeit den Schritt in das Dunkle wagen und versuchen zumindest teilweise Licht in das Konglomerat um Schimpfen und Beschimpfungen bringen. Nun läuft die Wahl einer wissenschaftlichen Annäherung zum Schimpfen unumstößlich Gefahr, dass Leser Thema und das verwendete Vokabular als anstößig und unwissenschaftlich werten. Deshalb wird in dieser Arbeit der Versuch unternommen, da wo notwendig auszuformulieren und da wo möglich umzuschreiben, jedoch sei der sensible Leser vor den folgenden in mancher Ohren und Augen ordinär erscheinenden Formulierungen gewarnt.

Zurückkommend auf den DaFZ-Kontext ist die Tabuisierung vom Schimpfen und Schimpfwörtern hier ebenso zu spüren. Die Forschungsarbeiten fallen noch einzelner aus als in der allgemeinen Schimpf-Forschung und in Lehrwerken werden Lernern zum Ausdruck ihrer Emotionen zurückhaltende Phrasen wie „Ohje, das ist ja wirklich dumm gelaufen“ angeboten (Braun-Podeschwa et. al. 2014, S.65). Im Gegensatz dazu können außerhalb des Unterrichts beim Erlernen einer neuen Sprache Schimpfwörter hoch im Kurs stehen und nicht selten als

Eisbrecher zwischen Sprachen und in Smalltalkunterhaltungen auftreten. So wäre es nicht verwunderlich, wenn der A1-Lerner zwar noch nicht zwischen *der*, *die* oder *das* unterscheiden kann, aber problemlos deutsche Schimpftiraden von sich gäbe, die Bekannte und Freunde, als „Lehrer“ fungierend, im ersten Alltagskontakt nur zu gerne vermittelten. Es gilt deshalb zu hinterfragen, inwiefern die Schimpf-Abstinenz bzw. Tabuisierung von deutschen Schimpfwörtern, die dem Lerner im Lehrwerk suggeriert wird, mit der Realität des Schimpfens in der deutschen Sprache übereinstimmt und welchen Nutzen in Spracherwerb und kulturellem Lernen eine Enttabuisierung der Schimpfwortsphäre mit sich brächte.

Um die generelle Relevanz von Schimpfen und Schimpfwörtern im deutschen Sprachgebrauch und spezifisch für den DaF- und DaZ-Unterricht festzustellen, untersucht die hier vorliegende Arbeit das Vorkommen von Schimpfwörtern im alltäglichen deutschen Sprachgebrauch sowie die Möglichkeiten ihrer Anwendbarkeit im DaFZ-Kontext. Hierzu soll zunächst der Schimpfwortschatz abgesteckt und analysiert werden. Dazu wird folgende erste Forschungsfrage vorgenommen:

1. Welche Schimpfwörter werden im deutschen alltäglichen Sprachgebrauch genutzt?

Ferner soll der Frage nachgegangen werden, mit welcher Absicht Schimpfwörter im deutschen Sprachgebrauch genutzt werden. Hierzu wird die folgende zweite Forschungsfrage formuliert:

2. Mit welcher Absicht werden die identifizierten Schimpfwörter im deutschen alltäglichen Sprachgebrauch genutzt?

Aufbauend auf den Ergebnissen der Wortschatzanalyse und der Absichten-Analyse sollen Didaktisierungsansätze für den Deutsch als Fremd- und Zweitspracheunterricht vorgenommen und vor diesem Hintergrund folgende Forschungsfrage formuliert werden:

3. Wie können die identifizierten deutschen Schimpfwörter und deren Benutzung im alltäglichen Sprachgebrauch im Bereich Deutsch als Fremd- und Zweitsprache in Hinsicht auf die Didaktisierung Anwendung finden?

Um der Beantwortung dieser Forschungsfragen nachzugehen, werden im ersten Teil der Arbeit die theoretischen Grundlagen für die darauffolgende praktische Untersuchung mit empirischer Materialgrundlage vorgestellt. Zunächst wird zum grundlegenden Verständnis eine lexikalisch-definitiorische Verordnung des Begriffes *Schimpfen* vorgenommen. Kapitel 2.2 erweitert diesen

umfassenden Blick auf das Themenfeld *Schimpfen*, indem durch einen knappen Forschungsüberblick die Vielschichtigkeit des Schimpf-Themenfeldes herausgearbeitet wird. Um die Schimpfwörter verordnen zu können, wird auf deren pejorative Bedeutung eingegangen. Hiernach werden deren Wortbildungsmöglichkeiten aufgezeigt und die Verknüpfung mit Beleidigungswörtern hergestellt. Daraufhin erfolgt eine Einbettung der Schimpfwörter in ihre Herkunftsbereiche, um deren Tabu-Status und Quellbereiche identifizieren zu können. Anschließend werden die Schimpfwörter vor dem Hintergrund ihres möglichen Bedeutungswandels untersucht. Dies erfolgt im Hinblick auf die Feststellung des Beleidigungsgrades von Schimpfwörtern. Kapitel 2.6. definiert den Sprachstil der Schimpfwörter anhand Duden-Wörterbuch-Definitionen. Auf Basis der bisherigen Betrachtungen im zweiten Kapitel werden danach im Hinblick auf die Forschungsfragen 1 und 2 Hypothesen formuliert, anhand derer im zweiten Teil der Arbeit überprüft werden soll, welche Schimpfwörter und ihre dazugehörigen tabuisierten Quellbereiche sich im deutschen Sprachgebrauch wiederfinden lassen. Hinführend zur Beantwortung der zweiten Forschungsfrage untersucht Kapitel 2.7 ausgehend von der expressiven und deskriptiven Bedeutung von Schimpfwörtern, die Kategorie *Schimpf-Absicht* in Kombination mit der Beziehung von Sprecher und Adressat sowie Zuhörer im Hinblick auf Schimpfwörter und leitet davon ausgehend eine entsprechende Hypothese für den praktischen Teil im vierten Kapitel ab.

Kapitel 3 fokussiert sich auf Schimpfen im DaFZ-Kontext. Dazu wird der allgemeine vorliegende Forschungsmangel zur Schimpf-Thematik mit der Thematik bestimmter gängiger Tabuisierungen im DaFZ-Unterricht generell verbunden. Anschließend wird sich in Kapitel 3.2 genauer mit dem im DaFZ-Unterricht vermittelten Sprachstil und Inhalt von gesprochener Sprache auseinandergesetzt, um auch hier die mangelnde Auseinandersetzung mit dem alltäglichen Schimpfen aufzuzeigen.

Im zweiten Teil der Arbeit werden die aufgestellten Hypothesen aus Kapitel 2 in der empirischen Forschung überprüft. Dazu erfolgt zur Beantwortung der Fragen eine Korpusanalyse anhand der 20 erfolgreichsten deutschen Kinofilme der letzten sechs Jahre. Hiernach schließt eine vertiefende Analyse zur Beantwortung der zweiten Forschungsfrage an. Die Wahl, einen Korpus aus Kinofilm-Dialogen zu erstellen, lehnt sich an die Theorie von Heiss/Soffritti (2005), Lay (2009), Solte (2016) und Mac (2011) an, die die Erstellung von Film-Korpora zur Analyse gesprochener Sprache als authentisches und adäquates Analysewerkzeug ansehen. Neben den optimalen Möglichkeiten zur Auswertung durch die Verbindung von Audio und Video, wird

das Kinofilm-Korpus zum einen aufgrund der in ihnen vorkommenden Situationen- und Sprechervielfalt gewählt, zum anderen mit dem vorausschauenden Blick auf gewinnbringende Didaktisierungsansätze im DaFZ-Unterricht. Anschließend an die Untersuchungen aus dem ersten Teil von Kapitel 4 werden die Ergebnisse in Kapitel 5 auf den DaFZ-Kontext angewendet und mögliche Didaktisierungen für den Unterricht beschrieben. Die Arbeit schließt mit einem zusammenfassenden Fazit, das den Gang der Untersuchung reflektiert, Limitationen aufzeigt und einen Ausblick für weitere Forschungen formuliert.

2 Forschungsüberblick über das Schimpfen

Wie bereits in der Einleitung angedeutet, gestaltet sich die Zuordnung einer einheitlichen Schimpf-Definition schwierig. Diese Schwierigkeit zeugt aus der Komplexität der vielfältigen Forschungsansätze und Gebiete zu *Schimpfen* als Thema. Um diese breite Varianz eindämmen zu können, nähert sich Kapitel 2.1 der Definition vom *Schimpfen* mithilfe einer objektiven-lexikalischen Annäherung. Sie dient als Ausgangspunkt für weitere semantische und pragmatische Untersuchungen. Nach dieser definitorischen Annäherung an den Themenkomplex des Schimpfens erfolgt eine entsprechende kurze Übersicht zum Schimpfen in der wissenschaftlichen Forschung, die als Orientierungshilfe für den weiteren Verlauf der Arbeit dienen soll. Hiernach wird die Frage nach dem Wortschatz der Schimpfwörter mithilfe einer Analyse von pejorativer Sprache bearbeitet. Hierbei werden die Wortbildungsmöglichkeiten von Schimpfwörtern, deren negative Konnotation sowie die Differenzierung von Schimpf- und Beleidigungswörtern betrachtet. Zudem werden die Herkunfts-Tabubereiche, die den Wortschatz der Schimpfwörter bestimmen, vorgestellt. Vor dem Hintergrund des Bedeutungswandels werden anschließend exemplarisch Schimpfwörter und ihr sich durch den Wandel verändernder wahrgenommene Schweregrad aufgezeigt, um dazu übergehend den Sprachstil dieser zu erfassen. Kapitel 2.7 wird die pragmatischen und außersprachlichen Faktoren *Absicht*, *Sprecher-Beziehung* des Schimpfens analysieren.

2.1 Lexikalische Definition des Schimpfens

Folgend wird mithilfe der Duden-Wörterbuchdefinitionen¹ eine Verortung des Schimpfwortfeldes vorgenommen. Die Wahl des Duden erfolgte aufgrund von Umfang und Zugänglichkeit.

In der Duden-Definition werden dem *Schimpfen* als Substantiv (Subst.) und *schimpfen* als Verb (V.) vier Bedeutungen zugeschrieben (Duden 2019a):

1. „seinem Unwillen, Ärger mit heftigen Worten [unbeherrscht] Ausdruck geben,
2. jmdn. schimpfend [...] zurechtweisen, ausschimpfen: die Mutter schimpft mit dem Kind,
3. jmdn. herabsetzend, beleidigend als etw. bezeichnen und

¹ Die Duden Wörterbücher sind als Online-Wörterbücher in digitalisierter Form über den IP-Login der Universitätsbibliothek Leipzig zugänglich (Datenbank-Infosystem (DBIS)). Für die Arbeit genutzte Wörterbücher: Universalwörterbuch, Synonymwörterbuch, Bedeutungswörterbuch

4. (salopp spött.) etw. Bestimmtes zu sein vorgeben, sich als etw. nennen, bezeichnen: und Sie schimpfen sich Fachmann!“.

Beispielhaft als Synonyme angeführt werden: „(umgangssprachlich (ugs.)): donnern, drauflos-schimpfen, schnauzen; (gehoben (geh.) abwertend): fluchen, geifern; (abwertend): keifen; (ugs. abwertend): herumschreien; (emotional abwertend), (salopp): anscheißen, den Marsch blasen, einen Anschiss verpassen; (derb): zur Sau machen, zusammenscheißen; (abwertend): anschreien; (ugs. abwertend): anschnauzen“ (Duden 2019a)

Geht man von der dritten genannten Definition bei *sSchimpfen* (Subst. + V.) aus und untersucht *beleidigen* auf seine lexikalische Beschreibung hin, wird dies als „jemanden (durch/mit etwas) beleidigen, die Gefühle oder Ehre einer Person durch Worte oder Handlungen sehr verletzen <jemanden schwer beleidigen>“ beschrieben. Als Synonyme werden unter anderem „ausfallend werden, beschimpfen, kränken, verletzen, schmähen; (ugs.): anrempeeln“ genannt. Die Bedeutung von *Beleidigen* bzw. *Beleidigung* als Substantivierung deckt sich mit der des Verbs *beleidigen* (Duden 2019b).

Des Weiteren wird *beschimpfen* als Synonym von *beleidigen* genannt und in diesem Zusammenhang wie folgt definiert: „jemanden (mit etwas) beschimpfen, eine Person durch Schimpfworte kränken oder beleidigen (auch z. B. indem man behauptet, sie habe etwas Verbotenes getan)“ und „jemanden (als etwas) beschimpfen eine Person beleidigen, indem man sie als etwas Negatives bezeichnet <jemanden als Dieb, Verräter beschimpfen>“. Die Bedeutung von *Beschimpfen* als Substantiv sowie *Beschimpfung* sind weitestgehend synonym zu *beschimpfen*. Als Synonyme werden u.a. „dissen; (abwertend): begeifern (ugs. abwertend)“ (Duden 2019c) genannt.

Auch *fluchen* kann in seiner partiellen lexikalischen Bedeutung synonym zu *schimpfen* begriffen werden:

1. „im Zorn, in ärgerlicher Erregung Flüche, Kraftausdrücke gebrauchen, ausstoßen: laut f.; unflätig fluchend verließ sie das Büro;
2. in großer Erregung u. unter Verwendung von Kraftausdrücken heftig auf jmdn. od. etw. schimpfen: er fluchte auf das Wetter.

3. mit heftigen oder derben Ausdrücken schimpfen“² (Duden 2019d)

Während *beschimpfen* (auch *anschimpfen*, *ausschimpfen*, *beleidigen*) ausschließlich eine Gerichtetheit aufweisen, sich also auf Subjekt oder Objekt (jmd./etwas. beleidigen/beschimpfen) beziehen, kann sich *schimpfen* und *fluchen* auch als ungerichteter, monologischer Vorgang vollziehen („seinem Unwillen, Ärger mit heftigen Worten [unbeherrscht] Ausdruck geben“). Demnach lässt sich das *Schimpfen* bzw. *schimpfen* als Hyperonym fassen, unter dem sowohl geschimpft bzw. beschimpft (beleidigt, geflucht, ausgeschimpft) wird.

Diese erste Unterscheidung zwischen monologisch-ungerichteter und dialogisch-gerichteter Sprechvorgang beim Schimpfen wird auch innerhalb der wissenschaftlichen Forschung aufgezeigt (vgl. u.a. Kiener 1983, S. 123ff.; Havryliv 2017, S. 28). Auszumachen ist zudem, dass das Schimpf-Wortfeld um das Bedeutungsfeld *negative Emotionen* kreist; entweder auf Seiten der Adressanten (Unwillen, Ärger, Zorn, Erregung) oder auf Seiten der Adressaten („Gefühle oder Ehre einer Person durch Worte oder Handlungen sehr verletzen, Person durch Schimpfworte kränken (Kränkung)“). Es wird ersichtlich, dass bei den Definitionen immer ein beleidigtes oder beschimpftes Subjekt genannt wird. Ein Ziel des Schimpfens ist demnach, laut dieser lexikalischen Definition, jemandem durch verbale Äußerungen bzw. Aggressionen emotionalen Schaden zuzufügen.

Gemeinsamkeit innerhalb aller Bedeutungen des hier vorgestellten Schimpfwortfeldes (*schimpfen* (V.), *Schimpfen* (Subst.), *beschimpfen*, *Beschimpfung*, *Schimpfwort*, *beleidigen*, *Beleidigung*, *fluchen*) ist die negativ abwertende Komponente, die auch bei den aufgelisteten Synonymen überwiegt, da hinsichtlich der Zuordnung innerhalb der Wörterbuchdefinition die meisten Synonyme mit dem Zusatz „(emotional) abwertend bzw. negativ“ vermerkt werden (siehe: „fluchen“, „geifern“, „keifen“, „herumschreien“, „anschreien“, „anschnauzen“, „dissen“, „begeifern“). Gemein haben sie also, dass sie einen sprachspezifisch-negativen Wortschatz benutzen können, um das *Schimpfen* zu vollziehen.

Es stellt sich heraus, dass *Schimpfen* und *beschimpfen* monologisch und dialogisch erfolgen und auf eine emotionale aggressive Handlung abzielen können, bei der ein spezifischer Wortschatz benutzt wird, der sich durch Negativität auszeichnet. Diese Definition vom *Schimpfen* ist nur eine erste Verortung mithilfe lexikalischer Definitionen, keine absolutistische Maxime.

² *Fluchen* und *schimpfen* werden heutzutage oft synonym zueinander gebraucht. *Fluchen* allein im Sinne eines religiösen Tabubruchs kann als veraltet angesehen werden (vgl. Nübling/Vogel 2004, S. 19 f.; Achilles/Pighin 2008, S.136)

Sie soll innerhalb der Arbeit als Grundlage für ausgehende Analysen zur Thematik und zur weiteren Erforschung des Schimpfwortfeldes dienen.

2.2 Schimpfen in der linguistischen Forschung – Ein Überblick

Die Duden-Wörterbuchdefinition im vorherigen Kapitel verknüpft das Schimpfen zum einen mit einem spezifisch negativen Wortschatz, zum anderen mit einer emotional-aggressiven Handlung. Das nun folgende Kapitel trägt zur weiteren näheren Verortung vom Schimpfen in der wissenschaftlichen, speziell linguistischen Forschung bei. Besondere Aufmerksamkeit liegt auf den raren Forschungsergebnissen aus dem deutschen Sprachraum, den Forschungen zu verbaler Aggression sowie auf internationalen kontrastiven Forschungen mit Deutsch als Vergleichssprache.

Wissenschaftliche Forschungsarbeiten über das Schimpfen sind – eventuell auch gerade aufgrund einer etwaigen Tabuisierung im wissenschaftlichen Bereich – ein rares Gut. Besonders innerhalb der empirischen Forschung fehlen authentische Erhebungen aus der spontanen gesprochenen Alltags- bzw. Umgangssprache, in der die Schimpfwörter meistens verordnet werden (Havryliv 2009, S. 18). Selbstgewählte Beispiele wirken nicht nur künstlich, sondern spiegeln auch oft nicht die tatsächlich in der Alltagssprache genutzten Schimpfwörter wider, wie Havryliv (2009, S. 18) feststellt.

Innerhalb der verschiedenen linguistischen Forschungsrichtungen seien zunächst die im Verhältnis zur gesamten deutschen Forschung besonders zahlreich erschienen populärwissenschaftlichen Arbeiten zum Schimpfen genannt werden. Dies betrifft sogenannte Schimpfwörterbücher, die oft eine große Anzahl an Schimpfwörtern aufweisen (u.a. Bartels 1995; Pfeiffer 1996 nennt über 10.000 Schimpfwörter, Herold 2015 über 11.000). Oft stehen diese im direkten Zusammenhang mit dem Hinweis für Lerner, auch Nicht-Muttersprachler bzw. Deutschlerner, wie der „richtige“ Umgang mit Schimpfwörtern zu handhaben sei. Bei diesen Schimpfwörterbüchern zeigt sich oft eine Fokussierung auf einen spezifischen deutschen Dialekt. Maledikologie-Koryphäe Reinhold Aman stellte etwa spezifisch bayrisch-österreichische Schimpfwörter vor (Aman 1986; weitere Schimpfwörterbücher u.a. sächsische Schimpfwörterbuch Kleeberg 2010, österreichisch Jontes 2014, plattdeutsch Schuster/Mergener 1997). Havryliv (2009, S. 21) merkt dazu an, dass dies vor dem Hintergrund, dass Schimpfwörter besonders häufig im Dialekt verwendet werden würden, nicht besonders verwunderlich sei.

Neben diesen populärwissenschaftlichen Schimpfwörterbüchern, die auch vulgäre Tabuwörter benennen – oft mit dazugehörigen Tipps im Sinne des Beleidigungsgrades oder im Sinne der Political correctness (PC) – finden sich auch Schimpfwörterbücher, die das „richtige“, entkräftigte Schimpfen oder kreative Schimpfen abseits der vulgären Schimpfwörter lehren möchten (vgl. u. a. *Sie Vollpfosten!: Gepflegte Beleidigungen für jeden und jede*; Meinunger, 2017). Mitunter sind diese speziell an Kinder adressiert, die dadurch im Sinne eines vermeintlichen Erziehungsaktes von der unflätigen Ausdrucksweise der regulären Schimpfwörter weggeführt werden sollen: *Endlich richtig schimpfen mit Dr. Tielmanns streng geheimem Schimpfwörterbuch!* (Thielmann 2018). Entsprechend harmlos gestalten sich die Schimpfwörter wie *alberner Anzug-Affe*, *erbärmlicher Erbsen-Enterich* oder *peinlicher Pudding-Plumpser* (Schwarz/Schober 2009).

Oft beinhalten diese Schimpfwörterbücher neben dem bloßen Auflisten von Schimpfwörtern auch einen kleinen informativen Teil zur Praktik des Schimpfens (u. a. Achilles/Pighin 2008, Günther 2014, Meininger 2017). Einige Werke aus der Populärliteratur konzentrieren sich auch ganz auf diesen informativen Teil und erforschen Schimpfen und Schimpfwörter aus multimedialer und/oder interkultureller bzw. vergleichender Sicht (u. a. Burgen 1998, Essig 2012). Oft werden die deutschen Schimpfwörter hierbei auch in Kontrast zu Schimpfwörtern anderer Sprachen gestellt (u. a. Philippi 2011, Gauger 2012).

Die meisten (nicht populärwissenschaftlichen) Forschungsarbeiten, auch außerhalb des deutschen Raumes, behandeln die Schimpf-Thematik stets unter einem konkreten linguistischen Gesichtspunkt, was durch die Komplexität des Phänomens *Schimpfen* auch sinnvoll erscheint. Einen großen Teil machen diesbezüglich Arbeiten zur bereits erwähnten verbalen Aggression bzw. sprachlichen Gewalt (u. a. Kiener 1983, Biffar 1994, Krämer 2010, Havryliv 2003, 2009, 2017, Bonacchi 2017, 2019) aus. Seit den 1990er Jahren untersuchen Forschungsarbeiten vermehrt verbale Aggression aus pragmatischer Sicht im Hinblick auf sprechakt- und relevanztheoretische Erkenntnisse (Bonacchi 2019, S. 439)³. Im Zusammenhang mit der Sprechakttheorie nach John Austin (1962) und John Searle (1975) werden verbale aggressive Äußerungen untersucht. Hierbei wird die verbale Aggression innerhalb der lokutionären, illokutionären und perlokutionären Akte eingeordnet. Lokution ist der Äußerungsakt, also das, was auf phonetischer

³ Für weitere Informationen zu relevanztheoretischen Ansätze nach Sperber/Wilson (1986) in Verknüpfung mit verbaler Aggression und einem pragmalinguistischen Ansatz vgl. Mateo/Yus 2013.

bzw. inhaltlicher Ebene gesagt wird (Oberflächenstruktur: Bonacchi 2017, S. 14). Der illokutionäre bzw. illokutive Sprechakt bezieht sich auf die vollführte Sprechhandlung wie Fragen, Aufforderungen oder Bitten (Pafel 2015, S. 238). Der perlokutionäre Akt beschreibt die „Wirkung in der Welt“ (Bonacchi 2019, S. 439), eine Konsequenz also, die sich als Wirkung einstellt (Bonacchi 2019, S. 439). Verknüpft mit dem Forschungsbereich der verbalen Aggression sind die Forschungen zu Hassrede bzw. Hate Speech (u.a. Meibauer 2013a.), Forschungsarbeiten zu ethnischen Beschimpfungen (u.a. Markefka 1999) sowie Forschungen mit dem Schwerpunkt der Political Correctness (u.a. Nduka-Agwu/Hornscheidt 2010; Arndt/Ofuatey-Alazard 2015).

Eng im Zusammenhang mit den Forschungsarbeiten zur verbalen Aggression stehen Forschungsarbeiten im Hinblick auf Emotionen (u. a. Fries 2004, 2008; Schwarz-Friesel 2013). Vermehrt innerhalb der englischen Forschung kommt in den letzten Jahren den „ethnic slurs“ Aufmerksamkeit zuteil; Schimpfwörtern, die auf Personen- oder Personengruppenbeleidigungen abzielen (u. a. Hedger 2013; Whiting 2013; Anderson/Lepore 2013; Camp 2013; Sosa 2018; deutsche Forschung: Technau 2016, 2017, 2018). Auch werden Arbeiten im Zuge des neu erwachten Interesses an pejorativer Sprache (u. a. Finkbeiner et. al. 2016) durch Forschungsdiskussionen über die expressive Bedeutung dieser verfasst (u. a. Kaplan 2004, Potts 2007, Gutzmann 2014; d’Avis/Finkbeiner 2019). Des Weiteren entstehen neuere Untersuchungen, die das Schimpfen innerhalb von Scherzkommunikation bzw. Banter oder (mock)impoliteness erforschen (deutsche Arbeiten u. a. Günthner 2006; Andreeva/Bonacchi 2015, Technau 2018; englische Forschung: Haugh/Bousfield 2013; McKinnon/Pilar 2014)⁴ – also genau gegenteilig zu der bisher oft angenommenen Frustrations-Aggressions-These, nach der das Schimpfen einhergeht mit negativen Emotionen und Frustration (Bonacchi 2017, S. 7).

Thematisch hat sich Silvia Bonacchi (2013) mit der deutschen Schimpfforschung aus kontrastiver Perspektive beschäftigt, wobei sich Bonacchi thematisch auf Höflichkeits- und Unhöflichkeitsstrukturen zwischen dem Deutschen, Italienischen und Polnischen fokussiert. Françoise Hammers Forschungen (2002; 2004; 2006) ziehen hingegen einen französisch-deutschen Sprachvergleich aus phraseologischer bzw. pragmatischer Sicht heran. Zur kontrastiven Forschung mit der deutschen Sprache als Vergleichssprache sind die Arbeiten von Damaris Nübling und Marianne Vogel aus dem Jahr 2004 sowie Jörg Meibauer und Franz d’Avis aus dem Jahr 2013 zu nennen. Sprachliche Schwerpunkte werden im Vergleichen der eng verwandten

⁴ Besonders die Rolle von Prosodie wurde in Bezug auf den scherzhaften Gebrauch von Schimpfwörtern untersucht (vgl. u.a. Andreeva/Bonacchi 2015).

Sprachen Schwedisch, Deutsch und Niederländisch gesetzt (s. auch Sauer 2001). Vor diesem Hintergrund lässt sich ein Konsens innerhalb der Arbeiten finden, die die tabuisierten Quell- bzw. Herkunftsbereiche der drei verschiedenen Sprachen unterschiedlich verorten. So entstammen die Schimpfwörter des Deutschen häufiger den skatologischen, die niederländischen den sexuellen und die schwedischen den religiösen Wortschatzbereichen (u. a. Nübling/Vogel 2004, S. 28f.). Diese Tendenzen gilt es jedoch vor dem Hintergrund des stetigen Bedeutungswandels von Sprache zu hinterfragen.

Anhand dieser Übersicht zum Forschungsstand des Schimpfens zeichnet sich ab, dass innerhalb der deutschen Forschung der Fokus auf Arbeiten zur verbalen Aggression, Hassrede, ethnische Beschimpfungen, der sogenannten *slurs*, sowie im Sinne der PC-Debatte vermehrt auf der Bedeutung dieser ethnischen bzw. politisch inkorrekten Beleidigungen liegt. Zusätzliches Forschungsinteresse besteht an pejorativer Sprache in Zusammenhang mit expressiver Bedeutung von Schimpfwörtern und die Einbettung von Schimpfwörtern innerhalb einer scherzhaften Umgangsform. Ein erster Vergleich kontrastiver Forschungsarbeiten zeigt den Zusammenhang des skatologischen Tabu-Herkunftsbereichs der deutschen Sprache auf.

2.3 Schimpfwörter als pejorative Sprache

Die Bedeutung von Schimpfwörtern, die während des Schimpfens gebraucht werden, aus linguistischer Sicht zu umfassen, gestaltet sich durch ihre Komplexität als ebenso schwieriges Unterfangen wie die Eingrenzung eines universal gültigen Schimpf-Begriffes in Kapitel 2.1. Deshalb erfolgt zunächst ein Abstecken des möglichen Schimpfwortschatzes auf pejorative Sprache, die im Hinblick auf ihre negative Konnotation und die als ebenfalls negativ konnotierten zu untersuchenden Schimpfwörter eine elementare Rolle spielt.

2.3.1 Schimpfwörter als Pejorativa

Innerhalb der Duden-Definition wird *Schimpfwort* weiträumig als „beleidigender, meist derber Ausdruck, mit dem man im Zorn jmdn. oder etwas belegt“ (Duden 2019e) definiert. Vor diesem Hintergrund fasst Aman (1973, S. 165) die Einordnung, was als Schimpfwort gelten kann, sehr allgemein und begründet, da der Mensch theoretisch zu allen Objekten negative Stellungnahme beziehen könne, sei es mit Hilfe von Transformation möglich, dass sich alle Wörter, die Gegenstände und Sachverhalte beschreiben, zu emotiven Semen wandeln könnten und so innerhalb der Rede theoretisch jedes Wort zum Schimpfwort umgewandelt werden könne. In der Tat

ließe sich argumentieren, dass sich der Versuch einer allein deskriptiv-lexikalisch terminologischen Erfassung der verschiedenen Arten von Schimpfwörtern, dem expressiven Charakter geschuldet, ohne das Hinzuziehen weiterer semantischer, pragmatischer oder außersprachlicher Parameter nur unbefriedigend bewerkstelligen ließe.

Diese Einordnung deckt sich mit dem Verständnis innerhalb der Forschungsarbeiten zu verbaler Aggression, in denen hervorgehoben wird, dass sprachspezifische verbale Aggression wie *Schimpfen* und *Beschimpfung* prinzipiell über einen sprachspezifischen Wortschatz verfügt, zu dem „vor allem die skatologischen (schmutzigen) Wörter, zumeist Bezeichnungen von Dingen oder Tieren, die Ekel, Abscheu oder Abneigung erregen“ (Kiener 1983, S. 15) gehören (vgl. auch Havryliv 2017, S. 28). Havryliv (2017, S. 28) betont in diesem Zusammenhang, dass diese negativen Bezeichnungen meist von aggressivem emotionalem Gehalt seien und die negativen Gefühle und Einstellungen des Schimpfenden ausdrückten. Das bedeutet, dass der Wortschatz von Schimpfwörtern folglich pejorativ aufgeladen ist.

Bei einer Pejoration wird im Zuge einer Sprecherwertung, im Gegensatz zu Melioration, eine negative Bewertung vorgenommen. Das benutzte Wort wird somit als *pejoratives Lexem* oder als *Pejorativum* als negativ konnotiert bewertet. Pejorativa treten nicht ausschließlich als Substantive auf, sondern können auch als „Adjektive (*verfickt, hässlich, schlampig*), Verben (*abkratzen, tratschen, stinken*), Interjektionen (*bäh, igitt, pfui*) und Intensivbildungen durch bestimmte Affixe (*Geschwätz, Lauferei, rummachen*) oder Morpheme (*Arschgesicht, Kommunistenschwein, sauscheiße*)“ auftauchen (Technau 2018, S. 3).

Die negative Bewertung kann auf allen linguistischen Ebenen ausgedrückt werden. Deshalb kann theoretisch auch hier wieder jedes Wort zum Pejorativum transformiert werden (Finkbeiner et. al. 2016, S.1f). Innerhalb der Forschung gibt es diesbezüglich verschiedene Wege, die Ansätze von Pejorativa auf Wortbildungs-, lexikalischer, semantischer, pragmatischer und außersprachlicher Ebene zu erfassen. Pejorationen, auch non-verbal, erfolgen z. B. über Mimik und Gestik (Havryliv 2009, S.20; nach Technau 2018, S. 4: u. a. Fries 2008, S.299; Andreeva/Bonacchi 2015, S. 1-19) oder über Artikulation und Intonation eines gesprochenen Wortes (Havryliv 2009, S. 20; bei Technau 2018, S.4: u.a. Saka 2007, S. 150). Havryliv (2003, S. 91). Havryliv (2003, S. 91) hält fest, dass ein Schimpfwort beim Akt des Beschimpfens nur eine Komponente des Pejorativums sei, sich die Beschimpfung darüber hinaus also auch auf anderen linguistischen Ebenen abspielen kann. Dennoch betont sie, dass die Begriffe *Pejorativum* und *Schimpfwort* in der Linguistik in der Regel als Synonyme auftreten (Havryliv 2009;

S. 61). Mit einem ausschließlich denotativen Verständnis von Schimpfwörtern folgen Nübling et al. (2006, S. 114) genau dieser begrifflichen Gleichsetzung: Die negative Bewertung von Beleidigungen setze sich in der denotativen – sprich lexikalischen – Bedeutung der (Schimpf-) Wörter fest und habe „nichts mehr mit Konnotationen, die zusätzlichen individuellen Assoziationen entsprechen, zu tun.“ In diesem Fall sprechen Nübling et al. (2006; S. 114) allerdings von solchen Beleidigungen, bei denen die benutzten Schimpfwörter so stark assoziativ negativ aufgeladen bzw. gesellschaftlich konnotiert oder gar tabuisiert sind, dass eine Verstärkung der Pejoration über andere Komponenten (z. B. Gestik, Mimik oder Sprachintonation) irrelevant wird.

2.3.2 Wortbildung und Attribute von Schimpfwörtern

Arten der Wortbildung

Nachdem sich das Kapitel 2.3.1 dem Begriff der Pejorativa und dem Wortfeld der in dieser Arbeit synonym gesehenen Schimpfwörter gewidmet hat, soll im Folgenden ein Blick auf mögliche Wortbildungsprozesse der Pejorative geworfen werden.

Havryliv (2009, S. 46ff.) unterscheidet zwischen nicht-abgeleiteten Pejorativa, die von sich aus eine pejorative Bedeutung besitzen (genannt werden hier u.a. *Gauner*, *Nutte*, *Bengel*)⁵ und strukturell-abgeleitete Pejorativa, die mithilfe von Wortbildungen entstehen (vgl. auch Ekkehard/Stathi 2010, S. 54). Innerhalb der Wortbildung seien Affigierung und Komposition genannt. Binnen der Affigierung sind Präfigierung (z. B. *Urtrottel*) und Suffigierung möglich. Die Suffigierung bei Substantiven erfolgt, indem der pejorative bzw. negativ-einschätzende Stamm und die Suffixe (*-er*, *-in*, *-bold*, *-ler*, *-ling*, *-ian(jan)*) das Lexem in andere lexikalische Wortklassen transformieren (*blöd* = *Blöder*, *Blödling*, *Blödian*) (Havryliv 2009, S. 47, s. a. Finkbeiner et. al. 2016, S. 3).

Die Benutzung von Halbpräfixen innerhalb der Wortbildung ist ebenso möglich. Prinzipiell kann hier zwischen einem nicht-pejorativen und einem pejorativen morphologischen Kopf unterschieden werden (Meibauer 2013b; S. 24f.). Im Sinne eines nicht-pejorativen Kopfes können Substantiv und Adjektiv mit dem Kopf kombiniert werden. So transformiert ein pejoratives Halbpräfix wie das Adjektiv *scheiß-* oder wie das Substantiv *Huren-*, - ein neutrales Lexem (z.

⁵ Havryliv (2009, S. 47) fügt an, dass viele Lexeme der nicht-abgeleiteten Pejorativa über einen ursprünglich pejorativen etymologischen Aspekt verfügten, der jedoch innerhalb der heutigen Bedeutung den Sprechern nicht mehr bewusst ist. (vgl. *Hure*: althochdeutsch von *huor* mit der Bedeutung Ehebruch; *Nutte*: ursprünglich berlinisch *Nut* für Ritze (der Vagina) s. a. Duden – Universalwörterbuch <https://owb.langenscheidt.com/>)

B. Kind) zu einem Pejorativum (z. B. *Hurenkind*, *Scheißkind*), bei dem der pejorative Effekt durch das Präfix entsteht, der Kopf jedoch ein neutrales Lexem ist (vgl. Meibauer 2013b, S. 25). Schimpfwörter können darüber hinaus auch mit pejorativem Kopf durch das Zusammenfügen von neutralem Halbpräfix und pejorativem Lexem (z. B. *Oberdepp*, *Vollidiot*; Havryliv 2009, S. 48) oder durch eine Komposition mit neutralem und negativem Kopf-Lexem generiert werden, z. B.: *Politikerarsch*, *Lehrersau* oder *Lehrerfotze* (Meibauer 2013b, S. 25). Ebenfalls können Schimpfwörter in der Verbindung eines pejorativen Kopfs mit einem pejorativen Lexem als Halbpräfix entstehen (z. B. *Sautrottell*, *Mistvieh*, *Scheißschlampe*, *Sauidiot*). Havryliv, ebenso wie Kiener (1983, S. 144), stellt heraus, dass das Halbpräfix *scheiß-* in besonders hoher Frequenz erfolgt, wenn es gegen Personen oder Sachen gerichtet ist. Darüber hinaus sind Modelle mit Halbsuffixen (*-bruder*, *-schwester*, *-hans*, *-heini*, *-hengst*, *-huber*, *meier-*, *-fritze*, *-liese*, *-michel*, *-peter*, *-tante*) möglich (Havryliv 2009, S. 48; Meibauer 2013b, S. 25).

Diese Wortbildungen können auch als Determinativkomposita eingeordnet werden, bei denen ein neutrales, nicht-pejoratives Hauptwort durch ein zusätzliches pejoratives Bestimmungswort zu einem neuen Wort, einem Pejorativum, wird (z. B. *Wichskind*) oder bei denen sich eine Bedeutungskonkretisierung des pejorativen Hauptwortes durch ein weiteres Bestimmungswort vollzieht (z. B. *Kanackensau*; Havryliv 2009, S. 48). Außerdem können Schimpfwörter durch eine Konversion, eine Umkategorisierung, eines Wortes entstehen, bei der der Wortstamm gleichbleibt (z. B. *blöd* zu *Blöde(r)*, *alt* zu *Alte(r)*); Havryliv 2009, S. 49).

Als weitere Untergruppe der Wortbildungsmöglichkeiten lassen sich auch zwei neutrale Lexeme zusammengefügt als Schimpfwort interpretieren (z. B. *Erbsenzähler*). Das negative Moment misst sich in diesem Zusammenhang an der Wertung des Sprechers – alles, was als abwertend empfunden wird, kann hier verwendet werden. Eine weitere Gruppe solch metaphorischer Pejorativa sind Genitiv- und Dativmetaphern, etwa „Du Stuhlgang einer Hexe!“ (Aus Werner Schwab. *Troiluswahn und Cressidatheater*, bei Havryliv 2009, S. 52). Diese werden allerdings hauptsächlich in literarischen Texten genutzt, so Havryliv (2009, S. 52f.). Zumindest werden solche Metaphern von den Probanden, die Havryliv mündlich und schriftlich bezüglich der Nutzung von Pejorativa befragt, nicht angegeben. Auch Kiener vermutet sie in der Alltagssprache eher weniger (1983, S. 156; zur Wortbildungsprozessen bei Schimpfwörtern, Pejorativa allgemein s. a. auch Kiener 1983, S. 141-143; Meibauer 2013; Finkbeiner et. al. 2016, S. 2-4; Dammel/Quindt 2016,).

Arten der Attribute – Konstituenten

Bei der Bildung von Pejorativa werden diese häufig mit Attributen zusammen gebildet. Hier seien Attribute mit konkretisierenden Wortverbindungen genannt: pejorative Lexeme, die universale pejorative Bedeutungen haben und konkretisiert werden (z. B. *falsches Schwein*, *ignorantes Arschloch*). Daneben finden sich intensivierende Attribute mit Bedeutungsverstärkung, die ein Lexem in seiner pejorativen Konnotation noch verstärken (z. B. *verdammter Trottel*, *dumme Sau*, *blöde Kuh*, *mieser Hund*). Zudem gibt es formelhafte Verbindungen von Lexem und Attribut (Kollokation), die häufig gemeinsam benutzt werden und in ihrer Verbindung auch in Wörterbüchern festgehalten sind (z. B. *alter Knacker*, *blöde Kuh*, *dumme Gans*, *blöde Ziege*) (Havryliv 2009, S. 54f.). Als letzte Verbindung werden zweigliedrige Aussagen genannt, d. h. ein pejoratives Attribut in Verbindung mit einem neutralen Lexem, das den „realen Adressatenstatus“ (Havryliv 2009, S. 55) bezeichnet, also den Adressaten als das beschreibt, was er tatsächlich ist (z. B. *beschissener*, *dummer*, *geschmackloser*, *Mensch*; *blöder*, *verfluchter Kerl*; *dummes Kind*, *widerlicher Typ*).

Zusammenfassend sei festgehalten, dass bei der Bildung von Schimpfwörtern nicht-pejorative und/oder pejorative Halbpräfixe in Kombination mit pejorativem und/oder nicht-pejorativem Lexem auftreten können. Außerdem werden Schimpfwörter häufig mit verstärkenden oder konkretisierenden Attributen genutzt.

2.3.3 Beleidigungswörter als Pejorativa

Bisher wurde bereits eine allgemeine Analyse von derben Ausdrücken der pejorativen Sprache im Hinblick auf die Prozesse der Wortbildung und Konnotation vorgenommen. Folgendes Kapitel definiert pejorative Beleidigungswörter, die als Schimpfwörter ebenfalls in der empirischen Forschung in Kapitel 4 untersucht werden, und ordnet sie im Verhältnis zu Schimpfwörtern ein.

Havryliv erstellt in ihrer Forschung aus dem Jahr 2009 zur verbalen Aggression eine terminologische Differenzierung von Schimpfwörtern mit Bezug darauf, welche Bedeutungen den Beschimpften durch die jeweiligen Schimpfwörter zugewiesen werden. Sie diskriminiert *universale* (*Arschloch*) und *einschätzende* Pejorativa (*Arschkriecher*), deren beschimpfende Absicht bereits auf lexalischer Ebene ersichtlich ist, gegenüber Affektiva (z. B. *Hund*, *Sau*), die erst durch Kontext, Sprecher, Situation und Sprecherabsicht eine negative Wirkung erreichen und erst dann als Schimpfwort verstanden werden können (Havryliv 2009, S. 36ff.). Havrylivs

(2009, S. 38f.) universale Pejorativa zielen auf eine allgemeine negative Charakteristik des Adressaten ab und zeichnen sich durch eine ungenaue, mehrdeutige Bedeutung aus. Sie werden meistens verwendet, wenn sich Adressat und Adressant nicht näher kennen, und verwenden oft nationale oder regionale Attribute (z. B. *Kana(c)ke*, *Nigger*, *Neger*, *Pola(c)ke*). Einschätzende Pejorativa sind darüber hinaus Lexeme, die sowohl negative Eigenschaften des Beschimpften als auch die negative, subjektiv (be-) wertende Stellungnahme des Sprechers gegenüber dem Handeln bzw. dem Sich-Geben des Beschimpften beschreiben, etwa *Arschkriecher* oder *Tratschtante* (Havryliv 2009, S. 35ff.). Zu den Pejorativa zählt Havryliv (2009, S. 66) außerdem auch Vulgarismen; pejorative Lexeme, die in anstößigen oder obszönen Äußerungen vorkommen: „Vulgarismen sind stilistisch untergesetzte Bezeichnungen von Körperteilen [...], physiologischen Prozessen und Ausscheidungen [...] oder sexuelle Verhaltensweisen“.

Ähnlich zu Havrylivs Unterteilung differenziert auch Technau (2018) Pejorativa in seiner schematischen Darstellung „tabuisierte[r] Kommunikationsmittel“ (Technau 2018, S. 8). Auch er diskriminiert in Pejorativa, die allein durch ihre lexikalische Verordnung eine abwertende Konnotation innehaben, und Wörter, die sowohl pejorative als auch neutrale Lesart haben können (kongruent zu Havrylivs Kategorie der Affektiva). Ferner unterscheidet Technau (2018, S. 8f.) zwischen pejorativer Sprache – die verbale Äußerung – und nonverbaler Mittel.

Bei den Pejorativa macht Technau (2018, S. 7f.) über Havrylivs Einteilung hinaus einen Unterschied zwischen Schimpfwörtern und Beleidigungswörtern, verpasst in seiner Untersuchung aber, beide Begriffe definitorisch gegeneinander abzugrenzen. So würden Beleidigungswörter aus einem „bestimmten Bereich pejorativer Sprache“ (Technau 2018, S. 3) stammen und seien pejorative Lexeme als Personenbezeichnungen mit pejorativer Bedeutung. Wie Schimpfwörter – die nach Havryliv (2009, S. 35) vor allem solche personengerichtete pejorative Lexeme einschließen – in diesem Kontext eingeordnet werden, wird zunächst nicht ersichtlich. Da Technau (2018, S. 6f.) jedoch in einer tabellarischen Darstellung zur Begriffsübersicht Schimpfwörter auf gleiche Ebene mit Beleidigungswörtern setzt, beide Begriffe als Pejorativa bezeichnet und jeweils als „negativ wertend“ einordnet, lässt sich – unterstützt durch seine genannten, nicht personengerichteten Beispiele für Schimpfwörter (*Fuck*, *Kacke*, *Scheiße*) – anhand der zugeschriebenen Eigenschaft von Beleidigungswörtern als *Personenbezeichnungen* im Umkehrschluss eine Abgrenzung beider Begriffe dahingehend schlussfolgern, dass Schimpfwörter im Gegensatz zu Beleidigungswörtern nicht personengerichtet (oder objektgerichtet), sondern adressatenunabhängig zu interpretieren sind.

Beleidigungswörter unterteilt Technau (2018, S. 6ff.) in zwei Gruppen: solche, die sich auf Personengruppen (^{+PG}) beziehen, und solche, die sich nicht auf Personengruppen (^{-PG}) beziehen. Technaus Einordnung basiert auf Jay und Jay (2015), die die drei Kategorien *taboo expressives* (*fuck* – *Scheiße*, Schimpfwörter bei Technau), *general expressives* (*fucker* – *Arschloch*, Beleidigungswörter^{-PG}) und *slurs* (*nigger* – *Neger*, Beleidigungswörter^{+PG}), definieren (s. Technau S. 282). Ferner differenziert er in Anlehnung an Homs (2008, S. 417) und Hornsby (2001, S. 140f.) die personengruppenbezogenen Beleidigungswörter danach, ob für die bezeichnete Personengruppe eine weitere, nicht-pejorative Bezeichnung existiert (not pejorative correlative; +NPC z. B. *Afro American* statt *nigga*) oder ob es für die Bezeichnung einer Personengruppe kein nicht-pejoratives Gegenstück gibt (-NPC; z. B. *Bauer* oder *Kommunist*). Es sei aber darauf hingewiesen, dass eine neutrale Beschreibung der NPC oft schwierig zu definieren ist (z. B. bei dem Ausdruck *Jude* als Beleidigungswort) (Technau 2018, S. 5; s.a.). Nach Technau eignen sich reine Schimpfwörter oder Beleidigungswörter, die sich nicht auf Personengruppen beziehen, durch ihre Beschränkung auf die expressive Komponente weniger zum Beleidigen (Technau 2018, S. 234 u. 341). Beleidigungswörter mit Personengruppen-Zugehörigkeit hingegen würden eine Eigenschaft des Beschimpften abwerten, die nicht moralisch bewertbar ist bzw. seine Identität und nicht sein Verhalten beschreiben, das er beeinflussen kann (Technau 2018, S.341).

Aufteilung der Erscheinungsformen von Schimpfwörtern von Technau (2018, S. 6f.):

1. Schimpfwörter: z. B. *Fuck*, *Scheiße*
2. Beleidigungswörter ^{-PG+NPC}: z. B. *Absteige*, *Knast*, *Fresse* (Hier gibt es keine Personengruppe, aber positives Pendant (*Absteige* = *Villa*))
3. Beleidigungswörter ^{-PG-NPC}: z. B. *Arschloch*, *Blödmann*, *Depp*
4. Beleidigungswörter ^{+PG+NPC}: negativ wertend auf Basis einer Personengruppen-Zugehörigkeit. Nochmal unterteilt in 1. Ethnophaulismen (*Judensau*, *Kanake*) und 2. andere Personengruppen (*Arschficker*, *Balg*, *Fettsack*, *Spasti*, *Weib*)
5. Pejorative Attribute, Verben, Morpheme, Intensivierer, Interjektionen etc. = negativ wertend, intensivierend = *behindert*, *schwul*, *verdammte*, *verfickt*, *Dreck-*, *sau-*, *Scheiß-*, *Bäh*
6. Wörter mit neutraler und pejorativer Lesart: Beleidigungswörter ^{+PG-NPC}: *Mädchen*, *Bauer*, *Hippie*, *Jude*⁶, *Opfer*, *Tante*, *Türke*

⁶ Technau (2018, S. 8). merkt an, dass durch den stetigen Bedeutungswandel Wörter eine Bedeutungsverengung oder Pejorisation durchmachen können und somit die Bedeutungskategorie wechseln können. (Beispiele: *Jude*, *Zigeuner*, *Neger*, *Idiot*). (s. dazu Kapitel 2.5 Bedeutungswandel)

Auf Vulgarismen geht Technau (2018) nicht explizit ein, fasst sie aber in seinen Beispielen sowohl als Schimpfwörter (*Fuck*, S. 6) als auch als Beleidigungswörter (*Arschloch*, S. 6) mit ein. Havryliv (2009, S. 66) führt an, dass es zwischen Schimpfwörtern (hier fasst sie entgegen Technau personengerichtete sowie -ungerichtete Pejorativa zusammen) und Vulgarismen keine klare Trennlinie gebe, setzt dann aber eigenmächtig eben diese Trennlinie mit der Begründung, Schimpfwörter „sollten einen Bezug auf Menschen (den Charakter des Menschen, sein Benehmen, sein Aussehen)“ (Havryliv 2009, S. 66) haben. Vulgarismen könne man diesen Bezug hingegen nicht zuschreiben, da sie sich stattdessen nur auf Körperteile, Stuhlgang und Erbrechen sowie auf sexuelle Praktiken bezögen. Dieser Trennung wird in dieser Arbeit nicht nachgekommen. Vielmehr wird sich an Technau (2018) orientiert, wobei Vulgarismen als Unterkategorie der Schimpfwörter und Beleidigungswörter berücksichtigt werden sollen. Denn ausgehend von Technau (2018, S. 6) und gegensätzlich zu Havryliv (2009) wird unterstellt, dass Vulgarismen zum Schimpfen und Beleidigen „genügen“, aber vor allem in der Alltagssprache auch eben dazu genutzt werden. Diese Annahme wird durch die Tatsache gestützt, dass kuratierte und verlegte Wörterbücher wie der Duden (2019), aber auch offene und durch die Öffentlichkeit, also den „Volksmund“, formulierte Enzyklopädien wie *Wikipedia* (2019) Vulgarismen, etwa *Fotze* oder *Arschloch*, als Schimpfwort interpretieren. In dieser Arbeit wird diese besondere Form der Schimpf- und Beleidigungswörter der Lesbarkeit halber als *vulgäre Schimpfwörter* zusammengefasst.

2.4 Die Herkunftsbereiche der Schimpfwörter: Tabu und Tabuisierung

Nachdem in den vorherigen Kapiteln bereits die pejorative Bedeutung der Schimpfwörter herausgearbeitet wurde sowie deren sprachspezifisch negativer Wortschatz, lassen sich im Zuge dessen bestimmte Herkunftsbereiche ausmachen, die im Folgenden erläutert werden sollen. Dazu wird zunächst die Verknüpfung der Begriffe *Tabu* und *Tabuisierung* im Zusammenhang mit Schimpfwörtern vorgestellt, die maßgeblich für deren Herkunfts- bzw. Quellbereiche verantwortlich sind.

Tabu als Wort wird im Duden unter der Definition einer Sitte oder Regel, in einer Gesellschaft über ein bestimmtes Thema nicht zu sprechen oder etwas nicht zu tun, geführt (Duden 2019f). Trumm (2014, S. 12) nennt es eine Art „Berührungsverbot“ (Trumm über verbotene Handlungen und sprachliche Ausdrücke, die gemieden werden sollten (Birk/Kauzner 2009, S. 400)). Neben einem der bekanntesten und noch heute oft zitierten Essays von Sigmund Freud *Totem und Tabu* (1912) wird zur Tabu-Definition auch noch auf dessen etymologische Wortherkunft

aus dem Polynesischen verwiesen sowie auf James Cooks Reise nach Tonga 1771, bei der er das Wort aufgeschnappt haben soll (s.u.a. Schröder 1995, S. 15; Hess-Lüttich 2013, S. 26f.). Trotz der vielfältigen Formen beschränken sich die Themen rund um Tabubereiche meistens auf eine kleine Anzahl an Themen: u. a. Tod, Religion, Gesundheit, Krankheit, Geld und Sex, die in fast allen Kulturen vorzufinden sind (Birk/Kaunzner 2009, S. 40, Büchle 1994a, S. 190). Je nach Wertesystem kann somit die unterschiedlich hohe Tabuisierung und damit der wahrgenommene Schweregrad der Themen innerhalb verschiedener Gesellschaftsgruppen variieren. (Büchle 1994a, S. 190).

Diverse Tabuthemen innerhalb der Gesellschaft sowie der Wortschatzbereich, aus dem sich Schimpfwörter schöpfen, stehen in einem engen Zusammenhang. Jay (2009, S.153) setzt *taboo words* synonym zu *swear words* als Schimpf- und Fluchwörter und benutzt sie, um den Wortschatz der *offensive emotional language* zu beschreiben. Wörter, die sich auf einen Tabubereich beziehen oder die einen Tabubruch bewirken, weisen hierbei einen hohen Gefühlsanteil auf (Kiener 1983, S. 15). Eine Unterscheidung wird auch an dieser Stelle ferner zwischen vulgären Schimpfwörtern wie *taboo expressives* (Jay/Jay 2015, S. 252) und Beleidigungswörtern (*general pejoratives* und *slurs*; Jay/Jay 2015, S. 252) getroffen. Erstere werden nach Jay (2009, S.155) in emotionalen Ergüssen und „zum Ausdruck von Frustration, Ärger oder Überraschung“ (Technau 2018, S. 234) benutzt. Gemein haben Tabuwörter also einen expressiven Inhalt, der über die deskriptive Bedeutungsebene hinaus eine expressive Bedeutung hat. Diese wiederum kann Emotionen und/oder Meinungen zum Ausdruck bringen (Technau 2018, S. 21). Keller/Kirschbaum (2003, S. 2) definieren Tabuwörter, als „Wörter, die man zwar kennen sollte, aber nicht ohne weiteres verwenden darf.“ Um Tabuwörter zu vermeiden, werden vor allem im englischen Sprachraum Varianten wie f-word oder f**** (in der Schriftsprache) benutzt (vgl. u. a. Trumm 2014, S. 61). Eng im Zusammenhang stehend mit der „political correctness“ bei der N-Wort als Synonym für den tabuisierten Begriff genutzt wird (vgl. u. a. Kelly 2013). Neben diesen Strategien der Vermeidung gibt es eine Vielzahl an Euphemismen, die anstelle des Schimpfwortes bzw. in Form von Abwandlungen gebraucht werden. So werden neben den bereits bedachten Reduktionen wie *Sch...* für *Scheiße* auch Form von Substitutionen in Anlehnung an das ursprüngliche Schimpfwort kreiert. Anstelle von *Scheiße* werden hierbei dann beispielsweise Wörter wie *Scheibenkleister* genutzt (Havryliv 2009, S. 156f.).

Diverse Forschungsarbeiten zu den deutschen Schimpfherkunftsbereichen verweisen auf den skatologisch-analen Herkunftsbereich als besonders frequentes Ausdrucksmittel im deutschen

Schimpfwörter-Sprachgebrauch, auch und gerade im Vergleich zu anderen Sprachen (u. a. Nübling/Vogel 2004, S. 28 f). Besonders umfassend setzt sich Hans-Martin Gauger in seinem 2012 erschienen Sachbuch *Das Feuchte und das Schmutzige: kleine Linguistik der vulgären Sprache* mit der kontrastiven Sicht aufs Schimpfen in verschiedenen Sprachen auseinander. Gauger ist der Ansicht, dass der deutsche Schimpfwortschatz im Bezug auf das Benutzen von Schimpfwörtern aus dem skatologisch-analen Bereich bezüglich anderer Sprachen einen Sonderweg eingeschlagen hat (Gauger 2012, S. 3). Nübling und Vogel (2004, S. 20) attestieren die besonders häufige Nutzung von skatologischen Schimpfwörtern im Deutschen gegenüber der häufigen Thematisierung von religiösen Bereichen im Schwedischen. Im Vergleich dazu ist nach Nübling und Vogel (2004, S. 20) der sexuelle Schimpfwortschatz im Niederländischen stärker ausgeprägt als im Deutschen. Des Weiteren stellen Nübling und Vogel (2004, S. 25) fest, dass sich im deutschen Sprachgebrauch ein Rückzug bei der Verwendung von Schimpfwörtern aus dem religiösen Bereich feststellen lässt.

Zur Ermittlung der geläufigen aktuellen Quellbereiche wurde eine qualitative Online-Befragung durchgeführt, um jene Schimpfwörter mit einzubeziehen, die im unmittelbaren sozialen Umfeld von DaFZ-Lernenden benutzt werden. Dabei wurden zwölf Personen (drei männliche, neun weibliche) zwischen 21 und 28 Jahren nach ihren am häufigsten benutzen Schimpfwörtern und Beschimpfungen gefragt.⁷ Anhand von zwei Kategorien sollten die Befragten diese Schimpfwörter dann in die Kategorien „harmlos, weniger schlimm“ und „sehr beleidigend und/oder vulgär“ zuordnen. Anhand der genannten Schimpfwörter lassen sich verschiedene Quellbereiche ausmachen: Zehn von zwölf Personen benutzten Wörter in Bezug auf Verunreinigung, Körperausscheidung und Ekel (*Arschloch* (7), *Scheiße* (5), *Pisser* (2)). Sexuelle Bedeutungen oder Verweise auf Genitalien lassen sich als Präferenz erkennen (*Wichser* (10), *Fotze* (4)). Zudem wurde auf körperliche oder geistige Mängel angespielt (*Spast* (4), *Mongo* (2)). Ebenso wird die Familie, besonders die Mutter, der Adressaten degradiert (*Hurensohn* (5), *Bastard* (2)). Erkennbar ist auch der Trend zur Benutzung von englischen Schimpfwörtern (*Fuck* (2), *Shit* (1)). Religiöse Schimpfwörter hingegen wurden nicht genannt.

Anzumerken ist, dass zwischen den tabuisierten Quellbereichen der vulgären Schimpfwörter, die auch als Themenbereiche (Tabuthemen) nicht angeschnitten werden, und solchen Quellbereichen, die keine spezifischen tabuisierten Themen behandeln, unterschieden werden kann.

⁷ Die Teilnehmer der qualitativen Befragung sind deutsche Studenten, da viele DaFZ-Lehrangebote im universitären Kontext angeboten werden und sich vor diesem Hintergrund auch im studentischen Umfeld sozialisieren. Alle Teilnehmer stimmten der Nennung ihrer Namen in dieser Arbeit zu.

Erstere beziehen sich erstens auf tabuisierte Körperausscheidungen (koten, urinieren, erbrechen, blähen) und zweitens auf tabuisierte Körperteile (Gesäß, After, Vagina, Penis, Brüste). Im Zuge der sexuellen Lexik können alle Phänomene von sexuellen Praktiken (Koitus, sexuelle Handlungen), sexuelle Orientierung (Homosexualität etc.) sowie Prostitution gesehen werden (Acke et al. 2011, S. S. 231). Neben diesen drei Bereichen wird zudem der Tabubereich der Handicaps als geistige und körperliche Einschränkungen vor dem Hintergrund der Tabuisierung von Behinderungen im Alltag gesehen (u. a. Büchle 1994a, S. 190). In Anlehnung an Technaus Beleidigungswörter^{+PG} bzw. Ethnophaulismen bezüglich Nationalität bzw. Herkunft (*Neger*, *Pola(c)ke*, *Kana(c)ke*) kann dieser zusätzliche Quellbereich ausgemacht werden (u. a. Jay 2009, S. 155). Als Tabuthema spiegelt sich hier Rassismus wider.

Als eine besondere Rolle der Herkunft neben den anderen Tabubereichen kann die Quelle von Bezeichnungen aus dem Tierreich als übertragene metaphorisch genutzte Schimpfwörter ausgemacht werden (Bonacchi 2015, S. 344). Vor diesem Hintergrund gilt die Annahme, Tiere als niedere Lebewesen gegenüber dem Menschen zu betrachten. Damit werden Tiere als den Menschen untergeordnet angesehen und können somit als Beschimpfung zur Degradierung benutzt werden (Meibauer 2013b, S. 30). Schimpfwörter aus dem Reich der Tierbezeichnungen finden sowohl in der Bezeichnung von Menschen als Tiere (*dumme Kuh*, *blöde Sau*, *sau-*), aber auch in der Übertragung von metaphorischen tiereigenen Körperteilen auf den Menschen (z. B. zur Bezeichnung von *Schwanz* als Penis). Gerade bei Beleidigungswörtern, die sich auf Personengruppen beziehen, deren Bedeutung aber nur metaphorisch erfasst werden kann (*Dönerfresser*, *Spaghettifresser*, vgl. Technau 2018, S. 6), könnte sich eine eindeutige Zuordnung mitunter schwierig gestalten, weil hier der Meta-Quellbereich der der Nationalität ist. Jedoch würde das Schimpfwort in seiner lexikalischen Bedeutung vom *fressen* eher dem Tierbereich zugeordnet.

Neben religiösen Schimpfwörtern als Tabubereich wurden die restlichen bereits identifizierten Tabubereiche der Skatologie, Sex, Handicaps und fremdsprachigen Ausdrücken in der qualitativen Online-Befragung im nächsten Schritt in einer Meta-Analyse von zehn Forschungsarbeiten überprüft. Insgesamt konnten – inklusive der fünf oben genannten und größten Bereiche – neun Haupt-Quell- bzw. Tabubereiche für Schimpfwörter identifiziert werden (vgl. Aman 1986, 183ff.; Sauer 2001, S. 250; Kiener 1983, S. 143-155; Büchle 1994a, S. 190; Acke et al. 2011, S. 232f.; Marehn 2011, S. 98f.; Havryliv 2009, S. 49-52, Jay 2009, S. 155; Jay/Jay 2015, S. 251ff.; Ljung 2011, S. 4ff). Zum ersten können *tabuisierte Körperausscheidungen* (vgl. u. a. Jay 2009, S. 154) benannt werden, die wiederum in skatologisch (1a; *scheißen* etc.) und in

allgemeine, nicht-skatologische Exkreme (1b; *Pisser, pissen, kotzen, rotzen, furzen*) unterteilt werden können (Acke et. al. 2011, S. 232f.). Außerdem werden jene Schimpfwörter in eine Kategorie gefasst, die sich auf die *tabuisierten Körperteile* beziehen bzw. davon herleiten lassen: unterteilt in skatologisch (2a; z. B. *Arsch*), spezifisch weiblich (2b; z. B. *Fotze*) und spezifisch männlich (2c; z. B. *Sack, Schwanz, Pimmel*) (u. a. Acke et. al. 2011, S. 232f.). Die dritte Kategorie wird als *Sexualität* benannt, in der sich Beschreibungen von sexuellen Handlungen wiederfinden (3a, z. B. *Wichser, Ficker, ficken*), sowie sexuelle Orientierung (3b; z. B. *schwul*) und Prostitution (3c; z. B. *Schlampe, Nutte*) (u. a. Acke et. al. 2011, S. 232f.). Der vierte Quellbereich bezieht sich auf körperliche und geistige Gebrechen, sogenannte Handicaps (*Spast, Mongo, behindert*) (u. a. Büchle 1994a, S. 190). Die fünfte Kategorie umfasst Schimpfwörter bezüglich *Nationalität* und *Herkunft* (*Neger, Pola(c)ke, Kana(c)ke*) (u.a. Jay 2009, S. 155). Die *Familie*, oft auf weibliche Familienmitglieder (*Hurensohn, Bastard*) reduziert, macht den sechsten Herkunftsbereich aus (u.a. Ljung 2011, S.41). *Religion* stellt den siebten Herkunftsbereich dar (u. a. Kiener 1983, S. 151). Als achter Herkunftsbereich werden fremdsprachige Ausdrücke (*fuck, shit*) (u. a. Havryliv 2009, S. 29) definiert. Den neunten Quellbereich kennzeichnen metaphorisch übertragene Tiernamen und tierische Attribute auf den Menschen (*Kuh, Sau, Schwein*) (u. a. Kiener 1983, S. 145).

Tabelle 1: Schimpfwörter in ihren Tabu- und Quellbereichen (Quelle: Eigene Darstellung)

1. Tabuisierte Körperausscheidungen (Exkreme)
1a: skatologisch (fäkal)
1b: nicht-skatologisch (Exkreme allgemein)
2. Tabuisierte Körperteile
2a: skatologisch (Gesäß, Anus)
2b: spezifisch weiblich (Vagina, Brüste)
2c: spezifisch männlich (Penis)
3. Tabuisierte Sexualität
3a: sexuelle Handlungen
3b: sexuelle Orientierung
3c: Prostitution
4. Bezeichnung körperlicher Gebrechen und geistiger Gebrechen (Handicaps) ⁸
5. Religion
6. Nationalität bzw. ethnische Herkunft
7. Familie

⁸ Schimpfwörter wie *dumm, blöd, Idiot* werden ebenfalls in dem Quellbereich der geistigen Gebrechen verordnet, auch wenn deren ursprüngliche Referenz oft nicht mehr erkannt wird (vgl. 2.5 Bedeutungswandel)

8. Fremdsprachige Ausdrücke
9. Tierbezeichnungen

Betrachtet man diese gesellschaftlichen Tabuthemen als „Kommunikationstabus“ (Schröder 1997, S. 96), also als non-verbale Schweigebereiche und – bei ausgesprochenen Schimpfwörtern – als „Worttabus“ (verbal), die sich auf einen tabuisierten Wortschatz beziehen, so wird eine Überschneidung der Schimpfwörter deutlich (Trumm 2014, S. 60). Demnach wird die Bedeutung der Schimpfwörter zum ersten aus Bereichen mit Tabu-Charakter geschöpft, zum anderen werden die Schimpfwörter selbst dem Sprachstil der tabuisierten, vulgären, verbotenen Wörter zugeordnet, die allein schon einen Tabubruch bewirken. Es ergibt sich eine wechselseitige Beeinflussung, eine doppelte Tabuisierung.

Es hat sich gezeigt, dass die Quell- bzw. Herkunftsbereiche von Schimpfwörtern mit den genannten Tabubereichen einhergehen. Diese neun klassifizierten Quell- und Herkunftsbereiche bzw. Tabubereiche sollen in Kapitel 4 hinsichtlich ihres Gebrauchs in der deutschen Alltagssprache untersucht werden. Hierzu werden kongruent zu den identifizierten Quell- bzw. Tabubereichen folgende Hypothesen formuliert:

H1: Schimpfwörter im alltäglichen deutschen Sprachgebrauch stammen aus dem tabuisierten Quellbereich der Körperausscheidungen.

H2: Schimpfwörter im alltäglichen deutschen Sprachgebrauch stammen aus dem tabuisierten Quellbereich der tabuisierten Körperteile.

H3: Schimpfwörter im alltäglichen deutschen Sprachgebrauch stammen aus dem tabuisierten Quellbereich der Sexualität.

H4: Schimpfwörter im alltäglichen deutschen Sprachgebrauch stammen aus dem tabuisierten Quellbereich der körperlichen und geistigen Gebrechen (Handicaps).

H5: Schimpfwörter im alltäglichen deutschen Sprachgebrauch stammen aus dem Quellbereich der Nationalität bzw. ethnischen Herkunft.

H6: Schimpfwörter im alltäglichen deutschen Sprachgebrauch stammen aus dem Quellbereich der Familie.

H7: Schimpfwörter im alltäglichen deutschen Sprachgebrauch aus dem Quellbereich der Religion.

H8: Schimpfwörter im alltäglichen deutschen Sprachgebrauch stammen aus dem Quellbereich der fremdsprachigen Ausdrücke.

H9: Schimpfwörter im alltäglichen deutschen Sprachgebrauch stammen aus dem Quellbereich der Tierbezeichnungen.

2.5 Bedeutungswandel und Schweregrad von Schimpfwörtern

Vor dem Hintergrund des stetigen und mitunter schnellen Wandels innerhalb der Verwendung von tabuierten Wortbereichen wird die Thematik in dem folgenden Kapitel auf diesen Bedeutungswandel hin untersucht. Die Pro- und Contra-Argumente für das Benutzen oder Nicht-Benutzen bestimmter Wörter und Phrasen können schwer losgelöst vom aktuellen Zeitgeschehen bestimmt werden und legen damit maßgeblich die Klassifizierung des Schweregrades der tabuierten Sprache und die Wahrnehmung als Schimpfwort fest.

Grundsätzlich gibt es auch Schimpfwörter (z. B. *Arschloch*), die nicht das Ergebnis eines Bedeutungswandels sind, sondern durch metaphorische Übertragung und Tabubruch schon immer pejorative Bedeutung tragen (Bechmann 2016, S. 236). Abseits dieser „ursprünglichen“ Pejorativa können Wörter aber auch Bedeutungsverschlechterung (neutrales Wort wird zu Schimpfwort, Beleidigungsgrad nimmt zu) erfahren und somit erst zum Schimpfwort werden. Abseits davon kommt es auch zu Bedeutungsverbesserungen (Beleidigungswort wird zum neutralen Wort, Beleidigungsgrad nimmt ab), so dass Pejorativa nicht mehr als abwertende Lexeme wahrgenommen werden.

Bedeutungsverbesserung

Möglich ist eine zirkulär verlaufende Bedeutungsentwicklung bei Schimpfwörtern (z. B. neutral - negativ - neutral). Beispielhaft kann hier die Bedeutung von *geil* herangezogen werden, dessen positive Ursprungsbedeutung, üppig und nahrhaft, während des 20. Jahrhunderts zum Tabuwort mit ausschließlich negativer Konnotation avancierte, schließlich Bedeutungserweiterung erfuhr und heute als expressiver Ausdruck von Emphase nicht mehr nur negative Bedeutung trägt (Bechmann 2016, S. 238). Expressive Ausdrücke, die hochfrequentiert sind, laufen oft durch den Bedeutungszirkel von neutral über negativ zu neutraler/positiver Bedeutung (Bechmann 2016, S. 238). „Je häufiger ein expressiver Ausdruck verwendet wird und je mehr er dadurch Einzug in die Alltagssprache hält, desto stärker nimmt die Expressivität ab“, merkt Bechmann (2016, S. 217) an. Birgt das Wort keinen Überraschungseffekt mehr, verliert auch dessen Expressivität und dessen Ausdruck an Stärke. „In dem Moment, in dem das Wort seine Nische verlässt und hochfrequent wird, werden die expressive Bedeutung und damit auch der kommunikative Nutzen obsolet“ (Bechmann 2016, S. 238). Als Entwicklung eines ehemals

negativ konnotierten Wortes wird die Bezeichnung *schwul* mittlerweile oft neutral bzw. nicht-pejorisierend verwendet (Technau 2018, S. 191).

Bedeutungsverschlechterung

Die Auslegung und Wahrnehmung eines Schimpfwortes bzw. eines pejorativen Wortes mit negativer Bewertung kann einem Bedeutungswandel unterliegen, der eine Bedeutungsverschlechterung bewirkt. So wurde der ursprünglich neutrale Ausdruck für „Schuhe wichsen“ als Handbewegung beim Einwachsen von Schuhen innerhalb der Soldatensprache zunächst als Euphemismus für Masturbation genutzt. Im weiteren Verlauf legte das Wort seinen Euphemismen-Charakter ab (Bechmann 2016, S. 237f.). Bekannt ist auch das Schimpfwort *Kana(c)ke*, das als ursprüngliche Bedeutung polynesischer Ureinwohner meint und von „kanaka“ abgeleitet wurde. *Kanaka* meinte in der eigentlichen Bedeutung Mensch (Duden 2019g). Weitere spezifische Beispiele für neutrale Wörter, die heute als Beleidigungswörter gesehen werden, sind z. B. *Idiot*⁹, *Neger*, *Nigger*, *Zigeuner* (Technau 2018, S. 187).¹⁰ Bei den Schimpfwörtern *Neger* und *Zigeuner* haben auch die Sprachempfehlungen und Diskussionen zur PC dazu geführt, dass die Begriffe heute als stark beleidigend wahrgenommen werden können und im Sinne eines Tabus nicht mehr genutzt werden sollten. Während *Neger* als Schimpfwort seine neutrale Bedeutung im öffentlichen Diskurs verloren hat, befindet sich *Zigeuner* noch weiter hinten im Bedeutungswandelprozess. Bei der Verwendung des diskriminierenden Begriffes anstelle der Bezeichnung *Sinti und Roma* durch fehlendes Wissen über dessen Diskriminierungspotential könnte es demnach zu „nichtintentionalen Beleidigungen“ (Hahn et. al. 2015, S. 21) kommen. Welche Schimpfwörter gegen Personengruppen generell entstehen, hängt hierbei maßgeblich davon ab, ob sich Diskriminierung in der Sprachrealität des jeweiligen Sprachraums wiederfindet. So sucht man z. B. vergebens das deutsche Pendant zum amerikanischen *wetback* für mexikanische Migranten (Technau 2018, S. 146f.). Ebenso existiert in vielen asiatischen Ländern kein Synonym zu *schlitzügig* (Büchle 1994a, S. 191).

Technau untersuchte in seiner Forschungsarbeit, ob sich innerhalb einer Sprachgemeinschaft ein Konsens bzgl. des Beleidigungsgrades für Beleidigungswörter^{+PG} nachweisen lässt; d. h., er überprüft, ob es einen Konsens darüber gibt, inwiefern diese diskriminierenden Beleidigungswörter unabhängig vom Kontext als schwach, mittel oder stark beleidigend eingestuft werden.

⁹ *Idiot* bedeutete ursprünglich Privatmann, dann „ungelernter Mensch“, schließlich wurde das neutrale Wort als Synonym für Menschen mit Behinderungen benutzt. Bei dieser Bedeutung entstand durch außersprachliche Diskriminierungspraxis parallel auch die negative Bedeutung (Technau 2018, S. 178).

¹⁰ Havryliv (2009, S. 47) führt die verschollene negative oder positive Ursprungsbedeutung an, bei der Schimpfwörter ohne konkretes Wissen über ihre genaue Bedeutung benutzt werden.

In diesem Zusammenhang hat sich abgezeichnet, dass der Beleidigungsgrad bei Beleidigungswörtern, die auf eine Personengruppe (*Neger*) referieren, größtenteils höher als bei Beleidigungswörtern^{-PG-NPC} (*Idiot*) wahrgenommen wurde. (Technau 2018, S. 111 u. 340).

Innerhalb der Bedeutung von Beleidigungswörtern kann sich also ein Bedeutungswandel vollziehen, der nach dem vollzogenen Wandlungsprozess das Wort aus seiner Ursprungsbedeutung hervorholt, das somit dann als *politisch korrektes* Schimpfwort verwendet und als solches angesehen wird. Nachweisbar ist dies zum Beispiel an dem bereits genannten Schimpfwort *Idiot*, aber auch bei *doof* oder *blöd*, deren ursprüngliche semantische Bedeutung als körperliche bzw. kognitive Einschränkung so nicht mehr politisch-inkorrekt wahrgenommen wird (Technau 2018, S. 341). Bei den Schimpfwörtern *schwul* und *behindert* ist der Bedeutungswandelprozess vom Beleidigungswort^{+PG} zu Beleidigungswort^{-PG-NPC} hingegen noch nicht ganz vollzogen, weshalb das Verweisen auf einen politisch-inkorrekten Gebrauch erfolgt und im Zuge einer PC auch sinnvoll erscheinen kann (Technau 2018, S. 183).

Dieses Kapitel stellt heraus, dass Schimpfwörter im Zuge des Bedeutungswandels sowohl Bedeutungsverschlechterung als auch Verbesserung durchlaufen können und im Zuge dessen mitunter erst zum vulgären Schimpfwort befördert werden. Die Wahrnehmung von der Schwere ihres Beleidigungsgrades wird ebenso maßgeblich durch den Bedeutungswandelprozess beeinflusst.

2.6 Sprachstil der Schimpfwörter

Die letzten beiden Kapitel ordneten die Schimpfwörter innerhalb ihrer Tabuisierung und im Bedeutungswandel ein. Anschließend erfolgt nun, in Kombination mit der Duden-Wörterbuchklassifizierung, anhand einiger exemplarischer Beispiele aus empirischen Untersuchungen die Einbettung der Schimpfwörter in die verschiedenen Sprachstile.

Bezüglich der Verortung von Schimpfwörtern in die verschiedenen Sprachstile lässt sich nach Acke (2011, S. 87f.) und Markefka (1999) feststellen, dass obszöne bzw. vulgäre Schimpfwörter in Wörterbüchern aus dem Spektrum der umgangssprachlichen bis anstößigen bzw. beleidigenden Sprache verortet werden. Diese weicht von der gehobenen deutschen Standardsprache bzw. Bildungssprache ab und wird meistens in dem Bereich einer weniger öffentlichen, repräsentativen Sprache gesehen, die mit Tabuisierung einhergeht bzw. deren Gebrauch laut Wörterbuch eine *niedrigere Sprache* suggeriert (u. a. Acke 2011, S. 87f.; Markefka 1999). Helmut Glück stellte in diesem Zusammenhang allerdings schon 1997 fest, dass viele schmutzige

Schimpfwörter einen Enttabuisierungsprozess durchlaufen und die Benutzung mittlerweile in der „‘lockeren‘ deutschen Umgangssprache oft Normalität ist“ (Glück 1997, S. 37; vgl. Havryliv 2009, S. 153).

Eine objektive Bewertung des Beleidigungsgrades in den Schimpfwörterbüchern gestaltet sich schwierig. Dies wird bei dem Versuch deutlich, die Schimpfwörter einem bestimmten Sprachstil zuzuordnen. Der Begriff *Sprachstil* wird hier vereinfacht als Zuordnung bzw. Wertung zu einem bestimmten Sprachgebrauch definiert. Die Unterteilung erfolgt hier in verschiedene Sprachvarietäten wie Bildungssprache, Umgangssprache und vulgäre Sprache. Durch den schnellen Bedeutungswandel und die Vielschichtigkeit der Schimpfwörter liegt die Vermutung nah, dass Wörterbücher durch einen einfachen Vermerk mit „derb“, „obszön“, „umgangssprachlich“ oder „negativ“ den aktuellen Schweregrad nicht zeitgetreu wiedergeben können.

Der Duden (2019h) unterteilt in die Kategorien der Bildungssprache („Wörter (meist Fremdwörter), die eine hohe Allgemeinbildung voraussetzen (z. B. *Koryphäe*, *adäquat*)“) sowie der „gehobenen“ Wörter, „die bei feierlichen Anlässen und gelegentlich in der Literatur verwendet werden (z. B. *Edelmut*, *wehklagen*)“. Demgegenüber finden sich die „derben“ bzw. „saloppen“ Wörter, die zum einen „eine grobe und ungewöhnliche Ausdrucksweise kennzeichnen“ (derbe Wörter) und zum anderen „Wörter, die meist eher nachlässig gebraucht werden und eine gewisse Nichtachtung gesellschaftlicher Konventionen ausdrücken (z. B. *Anschiss*, *behämmert*)“ (saloppe Wörter). Als umgangssprachliche Wörter werden solche definiert, „die im alltäglichen Umgang und meist in gesprochener Sprache vorkommen (z. B. *fremdschämen*, *multikulti*, *Medienrummel*)“. Zusätzlich wird darauf hingewiesen, dass diese umgangssprachlichen Wörter nicht zur Standardsprache gehören, aber weit verbreitet und akzeptiert sind.

Die Dudendefinition differenziert demnach zwischen standardsprachlichen und umgangssprachlichen, eher im Verbalen vorkommenden Wortgebrauch. Die Unterscheidung zwischen Standardsprache und Alltags- bzw. Umgangssprache kann je nach Betrachtungsweise aus (sozio)linguistischer Sicht umfassend vorgenommen werden. Abseits von komplexen Zuordnungen von Sprachvarietäten und Sprachstilen aus diatopischer, diachroner, diastratischer und diaphasischer Sicht wird hier im Sinne Linke et al. (2004) eine vereinfachte Unterscheidung zwischen einer deutschen Standardsprache im Gegensatz zur Alltags- bzw. Umgangssprache gewählt. Die Definition der Umgangssprache nach Linke et al. (2004, S. 303ff.) besagt, dass

Umgangssprache vor allem in alltäglichen, mündlichen und ungezwungenen Kommunikationssituationen Anwendung findet. Standardsprache hingegen benutze man eher in öffentlich-offiziellen und institutionellen Kommunikationen.

Im Jahr 2008 führte die Gesellschaft für deutsche Sprache (GfdS) in Zusammenarbeit mit dem Institut für Demoskopie Allensbach und dem deutschen Sprachrat eine Umfrage zu tabuisierten Wörtern durch (Eichhoff-Cyrus et. al. 2008, S. 23ff.). Einige dieser Tabuwörter wurden aus den Bereichen Beleidigung, Diskriminierung und Sexualität ausgewählt und in drei Kategorien daraufhin bewertet, inwieweit die Befragten sie erstens: selbst verwenden, zweitens: nicht selbst verwenden, die Verwendung durch andere aber nicht ablehnen oder drittens: ihre Verwendung generell ärgerlich oder abstoßend finden. Die genannten Tabuwörter der GfdS waren: *Idiot*, *Scheiße*, *schwul*, *Fräulein*, *geil*, *Arschloch*, *Zigeuner*, *Neger*, *Schlampe*, *Nutte*, *Titten*, *Schwuchtel*, *ficken*, *Krüppel* (Eichhoff-Cyrus et. al. 2008, S. 24).

Im Abgleich mit den im Duden angeführten Verweisen zum Sprachstil zeigt sich, dass die durch die GfdS allesamt als Tabuwörter klassifizierten Wörter *schwul* (Duden 2019i), *Fräulein* (Duden 2019j), *Idiot* (Duden 2019k), und *geil* (Duden 2019l) innerhalb der Duden Wörterbuch-Definition dem Sprachstil der Umgangssprache zugeordnet werden. *Schlampe* ist zwar mit dem Zusatz „abwertend“ versehen, wird aber ebenfalls als „umgangssprachlich“ begriffen (Duden 2019m). *Nutte* (Duden 2019n), *Scheiße* (Duden 2019o), *Arschloch* (Duden 2019p), *Titten* (Duden 2019q) und *ficken* (Duden 2019r) werden mit dem Vermerk „derb“ bzw. „salopp“ versehen und lediglich *Schwuchtel* (Duden 2019s), *Krüppel* (Duden 2019t), *Zigeuner* (Duden 2019u) und *Neger* (Duden 2019v), werden als „starke Diskriminierung“ eingeordnet. In aktuellen Versionen von Wörterbüchern scheint also der Versuch einer Differenzierung unternommen und dem Bedeutungswandel der Beleidigungswörter^{+PG+NPC} Aufmerksamkeit gezollt zu werden. In seiner Eigenschaft als Spiegel des Sprachgebrauchs verdeutlicht das Duden Wörterbuch in seiner Differenzierung und Klassifizierung, dass als tabuisiert wahrgenommene Wörter durchaus Teil der Alltagssprache sein können.

Die Selbsteinschätzung der Befragten ergab, dass *Idiot* im Verhältnis zu den anderen Schimpfwörtern das von den Befragten am meisten selbst genutzte und akzeptierte Tabuwort ist. Dies passt auch zur Untersuchung Technaus (2018) und dem dort beschriebenen abgeschlossenen Wandel von *Idiot* in die Kategorie der Beleidigungswörter^{-PG-NPC} (s. Kapitel 2.3.3). *Schwul* hingegen wird im Hinblick auf die Verwendung und Wahrnehmung vor allem durch das Alter der Befragten entschieden. Während knapp zwei Drittel der über 60-jährigen Anstoß daran nehmen

oder es selbst nicht benutzen möchten, verwenden es drei Viertel der 16- bis 29-jährigen selbst. Diese Diskrepanz zwischen der aktuellen Wörterbuchverortung von *schwul* in der Umgangssprache und der negativen Bewertung durch ältere Personen verdeutlicht den Bedeutungswandel, den *schwul* in den letzten Jahrzehnten vollzogen hat (s. Kapitel 2.5).

Auch bei den Beleidigungswörtern *Neger* und *Zigeuner* lässt sich ein Bedeutungswandel ausmachen. Dieser Wandlungsprozess ist eine Bedeutungsverschlechterung (s. auch Kapitel 2.5). Unterstützend dazu ermittelt Technau (2018, S. 21) in seiner empirischen Untersuchung von 15 Personen im Alter 23 bis 32 Jahren, dass bei der Bewertung dieser beiden Wörter kein gemeinsamer Konsens über den Beleidigungsgrad bzw. die neutrale oder abstoßende Konnotation der Begriffe herrschte. Beim Wort *Krüppel* allerdings, das auch bei Technau (2018, S. 116) einen hohen Beleidigungsgrad aufweist, lässt sich eine eindeutige negativ wahrgenommene Konnotation feststellen. Dieser hohe Beleidigungsgrad tritt ebenso bei *Schwuchtel* auf (Technau 2018, S. 116). Interessant ist, dass alle vier Wörter bei der im Rahmen dieser Arbeit durchgeführten qualitativen Befragung nicht als aktiv benutzte Schimpfwörter angegeben werden. Auch die Forschungsergebnisse von Jay/Jay (2015) und Spotorno/Bianchi (2015) besagen, dass Probanden bei der Frage nach von ihnen im Alltag genutzten Schimpfwörtern als Antwort größtenteils expressive vulgäre Tabuwörter nennen. Dies führt noch einmal vor Augen, dass Schimpfwörter, die sich auf Personengruppen beziehen, zum einen einen besonders hohen Beleidigungsgrad aufweisen, zum anderen innerhalb des Bedeutungswandels und der PC-Debatte unterschiedliche Konnotationen durchmachen und damit schwieriger zu handhaben sind.

Von den restlichen in der Umfrage der GfdS angeführten Wörtern werden die Wörter *Ficken* und *Titten* in ihrer expressiven Kraft als hoch abstoßend empfunden (Eichhoff-Cyrus et. al. 2008, S. 24). *Scheiße* hingegen wird nicht mehr als besonders kräftiges und vulgäres Schimpfwort wahrgenommen (Eichhoff-Cyrus et. al. 2008, S. 24). Als Grund könnte die hoch frequentierte Benutzung von *Scheiße* im Alltag sein, die zu einer Enttabuisierung geführt haben könnte. Auch *Arschloch* wird von den Probanden der Studie als weniger beleidigendes Schimpfwort wahrgenommen und wird anscheinend auf dem Weg als sehr häufig genutztes Wort eine gleiche Enttabuisierung wie *scheiße* vollziehen (s. Kapitel 2.5 zu hoch frequentierte Wörter). Auch innerhalb der von mir durchgeführten Untersuchung geben die Befragten an, dass sie *Scheiße* als harmloseres Schimpfwort sehen. *Arschloch* ordneten die Befragten hingegen bei fünf Nennungen zwei Mal in der Kategorie der als härter wahrgenommenen Schimpfwörter ein (s. Anhang A).

Ebenso wie es der Duden angibt, unterliegen Angaben bezüglich des Sprachstils immer auch einem subjektiven Sprachgefühl. Der Sprachstil kann demnach von verschiedenen Personen unterschiedlich wahrgenommen werden. Dazu führt der Duden an: „Was manchen Benutzern normalsprachlich – weil dem eigenen vertrauten Lebens- und Sprachalltag entstammend – erscheint, ist für andere schon ‚umgangssprachlich‘, ja gar ‚derb‘ oder sogar ‚vulgär‘. Ähnlich verhält es sich mit Bewertungen wie ‚gehoben‘, ‚bildungssprachlich‘ oder ‚fachsprachlich‘“ (Duden 2019h). Die Stärke des Schimpfwortes ist deshalb immer auch von diversen anderen Einflüssen abhängig, die sich durch Situation, Sprecher und Alter oder durch subjektiv unterschiedliche Wahrnehmung ergeben kann (s. auch Havryliv 2009, S. 57).

Es wurde festgestellt, dass die untersuchten (vulgären) Schimpfwörter sich innerhalb der Spanne von *Umgangssprache* bis *vulgäre Sprache* einordnen. Diese große Spanne lässt sich durch Bedeutungswandelprozesse, aber auch durch subjektive Wahrnehmung erklären. Gemein ist ihnen jedoch, dass sie abseits einer Bildungs- bzw. Standardsprache verordnet sind. In diesem Zusammenhang sind besonders die Schimpfwörter, die sich auf diskriminierte Personengruppen beziehen, lexikalisch schwierig zu fassen. Wurde in der Arbeit bisher primär eine Klassifizierung der zu untersuchenden Schimpfwörter auf lexikalischer bzw. semantisch-einordnender Ebene erstellt, bezieht das nächste Kapitel die pragmatischen und außersprachlichen Faktoren *Absicht* und *Sprecher-Zuhörer-Beziehung* mit ein. Damit können die restlichen wichtigen Dimensionen von Schimpfwörtern erfasst werden, die für die empirische Untersuchung in Kapitel 4 wichtig sind.

2.7 Verortung des Schimpfens zwischen Semantik, Pragmatik und außersprachlichen Quellen

Im Folgenden wird das bereits kategorisierte lexikalische Schimpfwortfeld zunächst im Hinblick auf dessen expressive Bedeutung erweitert, um dazu übergehend Schimpfen in verschiedenen Gebrauchskontexten analysieren zu können. Es wurde bereits festgestellt, dass sich Schimpfwörter aus dem Wortschatzbereich der Pejorativa schöpfen und emotionale und expressive Charakteristiken innehaben. Die Verwendung von expressiver Sprache steht hierbei eng im Zusammenhang mit starken Gefühlen (vgl. auch Potts 2007, S. 173) und sollte daher auch innerhalb konkreter Situationen untersucht werden.

2.7.1 Deskriptive und expressive Bedeutung von Schimpfwörtern

Allgemein wird in Zusammenhang mit Expressivität in der Linguistik zwischen unterschiedlichen sprachlichen Ausdrücken von reinen Gedanken zum einen und sprachlichen Ausdrücken von Gefühlen und Einstellungen zum anderen unterschieden. Letztere, solche sprachlichen Ausdrücke, die Emotionen und Einstellungen ausdrücken, werden den expressiven Ausdrücken zugeordnet (d'Avis/Finkbeiner 2019, S. 1). Grundlage für unterschiedliche Forschungsrichtungen zu expressiven Wörtern bilden die Arbeiten von Jakobsen (1960) und Bühler (1934). In ihren Forschungsarbeiten thematisieren sie die funktionale Betrachtungsweise von Sprache und Emotion, also die expressive Bedeutung von Wörtern (d'Avis/Finkbeiner 2017 S. 1; siehe dort auch Auflistung weiterer Forschungsarbeiten zum Expressivitätsbegriff).

Im Zusammenhang mit Schimpfwörtern sind die Forschungen zur Expressivität innerhalb der Semantik und Semantik/Pragmatik-Schnittstelle von Bedeutung (s. bei d'Avis/Finkbeiner 2019, S. 1 und Technau 2019, S. 79; u. a. Kaplan 2004, Saka 2007, Gutzmann 2015, Technau 2018). Eine These, die diese Forschungsarbeiten anführen, bezieht sich auf die Verortung von deskriptiver und expressiver Bedeutung. Die These stellt heraus, dass sich expressive Ausdrücke nicht nur im Sinne einer wahrheitsfunktionalen Bedeutung messen lassen (formal-semantischer Expressivitätsbegriff nach Kaplan 2004; Potts 2007: Sechs Kriterien zur Unterscheidung von deskriptiver und expressiver Bedeutung), sondern dass auch ihre expressive Korrektheit, also Angemessenheit, untersucht werden müsse. Dementsprechend muss zum einen überprüft werden, ob ein expressiver Ausdruck wahr oder unwahr ist, zum anderen aber auch, im Sinne eines Gebrauchs, die Angemessen- oder Unangemessenheit betrachtet werden (d'Avis/Finkbeiner 2019, S. 2). Mit Verweis auf den DaFZ-Unterricht müssten dann sowohl die expressive als auch die deskriptive Ebene von Schimpfwörtern gelehrt werden. Die Lernenden müssen also zum einen die lexikalische Bedeutung der Schimpfwörter kennen, zum anderen um deren expressive Konnotation wissen, um sie im aktiven Gebrauch bzw. passivem Erfahren adäquat benutzen und bewerten zu können.

Weiterführend dazu können Sätze mit expressiven Wörtern also zum einen auf ihren Wahrheitsgehalt, zum anderen auf ihre expressive Korrektheit bzw. Bedeutung hin überprüft werden (d'Avis 2019, S. 29; s.a. Finkbeiner et. al. 2016, S. 6). Als Beispielsatz sei „Der scheiß Lukas hat den ersten Platz gewonnen“ (Beispielsatz in Anlehnung an d'Avis 2019, S. 27) herangezogen. Zum ersten kann hier der Wahrheitsgehalt von Lukas als tatsächlichem Gewinner des ers-

ten Platzes angesprochen werden. Die Bedeutung von *scheiß* ist jedoch nicht Teil dieser wahrheitsfunktionalen Bedeutung, sondern wird der expressiven – dass der Sprecher eine bestimmte Einstellung gegenüber Lukas hat – zugeordnet (d’Avis 2019, S. 27). Diese expressive Bedeutung, ob Lukas nun *scheiße* ist oder nicht und welche Einstellung der Sprecher mit dieser Aussage gegenüber Lukas hat, existiert unabhängig von der Tatsache, ob er den ersten Platz gewonnen hat oder nicht. Alternativ ließe sich *scheiß* auch mit anderen expressiven vulgären Schimpfwörtern austauschen, ohne dass sich die wahrheitsfunktionale Bedeutung ändert; z. B.: „Das Arschloch Lukas hat den ersten Platz gewonnen“ oder „der geile Lukas hat den ersten Platz gewonnen“.

Wendet man diese Gebrauchsbedingungen auf Tabu- und Beleidigungswörter an und untersucht beispielhaft die Sätze „Ich habe einen Bullen gesucht“ und „Ich habe einen Polizisten gesucht“, wird die expressive Bedeutung noch einmal deutlich. *Bulle* und *Polizist* können in einer Lesart auf die gleiche Extension referieren und damit gleiche Wahrheitskonditionale haben. Jedoch hat *Bulle* eine zusätzliche expressive Bedeutung, die die Gefühle des Sprechers ausdrückt (Finkbeiner et. al. 2016, S. 7f.; vgl. auch Unterschied zwischen *kike* und *jew*, Hom/May 2013, S. 293). Die Wörter *Bulle* und *Polizist* lassen sich demnach nicht einfach eins zu eins austauschen. Gerade vor dem DaFZ -Kontext wäre ein Wissen um solch expressiv-vulgäre Funktion von Wörtern für den richtigen Umgang wichtig.

Auch bei anderen vulgären Schimpfwörtern lässt sich ein neutrales bzw. bildungssprachliches Pendant-Lexem für das auf lexikalischer Ebene negativ konnotiert Lexem finden: *Arsch* = *Po* = *Gesäß*; *pissen* = *pinkeln* = *urinieren*; *scheißen* = *kacken* = *koten*. Dies verbindet sie mit den Beleidigungswörtern für Personen und Personengruppen. Allerdings ist der Schweregrad bei Beleidigungswörtern^{+PG} innerhalb der PC einer größeren politischen Debatte ausgesetzt, wohingegen sich expressive Tabuwörter (*scheiße*, *Arschloch* etc.) nur durch einen reinen Sprachtabu auszeichnen.

Technau (2018, S. 69) erweitert den funktionalen Gebrauchsansatz und unterscheidet in seinem Multikomponentenmodell zur Erfassung der semantischen Bedeutung von Beleidigungswörtern insgesamt vier verschiedene Komponenten: Die *referentielle Komponente* bestimmt in diesem Modell die Extension des Wortes; in dem Beispiel von „Ich habe einen Bullen gesucht“ insofern den gemeinten Polizisten. Die *pejorative Komponente* bewertet die Extension als negativ. *Bulle* weist als Beleidigungswort diese generell auf. Die *expressive Komponente* gibt die Emotionen des Sprechers an und die *skalare Komponente* den Schweregrad. Dabei besteht die

Möglichkeit, dass die expressive Wertung nicht-pejorativ ist und in einem scherzhaften Kontext verwendet werden kann. Jedoch bleibt eine expressive Bedeutung, die diese Emotionen angibt (Technau, 2018 S. 252-258).

Neben dem Versuch, Schimpfwörter auf der Basis einer wahrheitskonditionalen und gebrauchskonditionalen Bedeutung zu untersuchen, erforschen andere Arbeiten Beleidigungswörter vor dem Hintergrund der Semantik-Pragmatik-Schnittstelle (Hedger 2013; Hornsby 2001). Hier werden Beleidigungswörter z. B. im Hinblick auf ihre stereotypische Bedeutung untersucht (Croom 2015). Wie an den Untersuchungen zur expressiven Komponente bereits aufgezeigt wurde, ist es schwierig, Schimpfwörter aus einer einzelnen Perspektive zu betrachten. Zum einen muss die Bedeutung der Schimpfwörter auf semantischer Ebene erläutert werden, zum anderen muss danach aber auch erklärt werden, inwiefern sie in konkreten Sprechakten realisiert werden. In Anlehnung an die *competence* und *performance* Definitionen von Chomsky (1965) und *langue* und *parole* nach Saussure (1916) ist in Bezug auf Schimpfwörter nicht nur ein Wissen um die Bedeutung dieser erforderlich, sondern ebenso die Untersuchung einer individuellen Sprachverwendung (Technau 2018, S. 11). Demnach ist hier der Übergang von Satzbedeutung „Was wird gesagt?“ zu Äußerungs- und Sprecherbedeutung „Was ist der kommunikative Sinn?“ (Steinbach 2015, S. 178) ein wichtiger Faktor.

2.7.2 Schimpfwörter im Gebrauch: Scherzhafte Beschimpfung, Fluchen und reale Beschimpfung

Wurde im vorangegangenen Kapitel die Wichtigkeit der Untersuchung von Schimpfwörtern in konkreten Sprech-Situationen festgestellt, soll dieser Erkenntnis nun Rechnung getragen und damit ein wesentlicher Beitrag zur empirischen Analyse in Kapitel 4 geleistet werden.

In Kapitel 2.6 wurde im Zuge der Verortung der Schimpfwörter in der Umgangs- bzw. Alltagssprache bereits festgestellt, dass Schimpfwörter oft in einem Kontext zur gesprochenen Sprache vorkommen. Im Zusammenhang mit den Sprechakten, in denen Schimpfwörter auftreten, sind als wichtige Vertreter die Begründer der Sprechakttheorie Austin (1962) und davon ausgehend John Searle (1975) zu nennen. Havryliv (2017, S. 28) definiert in Anlehnung an Searles expressiven Sprechakt den aggressiven Sprechakt. Ersterer bringt Gefühle und Einstellungen der Person zum Ausdruck, zweiterer konzentriert sich auf die *negativen* Gefühle, die die Person im aggressiven Sprechakt ausdrückt. Da die empirische Untersuchung in Kapitel 4 einen Korpus aus gesprochenen Schimpfwörtern in verschiedensten Situationen erstellt, werden folgend die

Situationen genannt, die innerhalb der Forschung das Auftreten von Schimpfwörtern in der gesprochenen deutschen Sprache am ehesten bedingen (u. a. Havryliv 2009, 2017; Technau 2018, S. 265-331, Meibauer 2013a, S. 1-16). Ziel ist das Erstellen einer Kategorisierung über die Absicht von Schimpfwörtern in der konkreten Sprechsituation. Diese konkrete Sprechsituation wird dann in Kapitel 4 untersucht.

Havrylivs untersucht in ihren empirischen Forschungen von 2009 und 2017, wie in welchen Situationen geschimpft wird. In diesen Forschungen gibt sie die drei häufigsten Formen verbaler Aggression an, in denen Schimpfwörter vorkommen. So macht das „Abreagieren von Emotionen“ (Havryliv 2017, S. 30) ca. 70 Prozent aus, während dem direkten Beleidigen elf Prozent zukommen. Der restliche Prozentsatz bezieht sich auf den „scherzhaften Gebrauch“ (Havryliv (2017, S. 30). Auf die Trennung von pejorativen und nicht-pejorativen Verwendungsweisen von Schimpfwörtern verweist auch Technau (2018, S. 232f.). Weiter definiert Havryliv (2017, S. 28) die Möglichkeiten der direkten und indirekten verbalen Aggression. Die indirekte verbale Aggression mache mit über 60 Prozent den weitaus größeren Teil der Beschimpfungen im deutschen Sprachgebrauch aus. Eine indirekte verbale Aggression ist das Beschimpfen dritter Personen, die nicht anwesend sind

Diese erste Dreiteilung nach Havryliv (1. Scherzhaftes Beschimpfen, 2. Abreagieren von Emotionen, 3. Aggressives Beschimpfen) der Absichten des Gebrauchs von Schimpfwörtern soll im Folgenden weiter definiert werden. Abschließendes Ziel ist, ein Modell zur Absicht von Schimpfwörtern zu erstellen, das in der folgenden empirischen Forschung Anwendung findet. Neben der Dreiteilung von Havryliv sind Situationen, in denen Tabu- und Beleidigungswörter benutzt werden, darüber hinaus so vielfältig, dass ein Auflisten aller den Rahmen dieser Arbeit sprengen würde (s. a. Auflistung von Funktionen vom Schimpfen, Havryliv 2017). Dies verlangt ein Reduzieren der Hauptfunktionen von Schimpfen zur ersten Verortung innerhalb der empirischen Untersuchung.

Absicht 3 (reale Beschimpfung) - Verbale Aggression mit Frust

In dieser Arbeit sollen Sprechakte untersucht werden, in denen Schimpfwörter vorkommen. Deshalb stehen im Zusammenhang mit verbaler Aggression mit negativen Emotionen Sprechakte der *Beschimpfung* und *Beleidigung* und *Drohung* im Vordergrund (s. Havryliv 2009, S. 69ff.; s. a. Kiener 1983, S. 14, 28; vgl. Sprechakte nach Searle 1975: „direktiv“ – aggressive Aufforderungen, „assertiv“ – beschimpfen, „kommissiv“ – drohen).

Als die Kategorie der Dreiteilung, die bei Havryliv (2017, S. 30) die geringste Prozentzahl erreicht, wird die direkte Beschimpfung bzw. Beleidigung genannt. Hervorgehoben sei hier die Hassrede bzw. *Hate Speech*, in der Beleidigungswörter^{+PG} zur direkten negativen bzw. aggressiven Beleidigung benutzt werden (zur Thematik der *Hate Speech*: u. a. Meibauer 2013). *Hate Speech* definiert Weber (2009) als „jegliche Ausdrucksformen, [...] die auf Intoleranz gründen, propagieren, dazu anstiften, sie fördern oder rechtfertigen, einschließlich der Intoleranz, die sich in Form eines aggressiven Nationalismus und Ethnozentrismus, einer Diskriminierung und Feindseligkeit gegenüber Minderheiten, Einwanderern und der Einwanderung entstammenden Personen ausdrückt“ (rezitiert nach Kümmerling-Meibauer/Meibauer 2015, S. 15f.). Prinzipiell können die Formen der Hassrede dahingehend unterschieden werden, ob Schimpfwörter gebraucht werden oder nicht (Meibauer 2013, S. 1). Erstere Form würde in einem Ausdruck wie „Du schwule Sau!“ (Meibauer 2013a, S. 1), zweite in einem Ausdruck wie „Meine Putzfrau ist echt gut, obwohl sie Türkin ist“ (Meibauer 2013a, S. 1) ausgedrückt werden. In dieser Arbeit wird, dem Thema geschuldet, allerdings nur die direkte Hassrede in Form von verbaler Aggression unter der Nutzung von Schimpfwörtern untersucht.

Hassrede mit Beleidigungswörtern^{+PG} hat einen höheren Beleidigungsgrad als die Verwendung von Schimpfwörtern ohne PG-Bezug (s. a. Kapitel 2.3.3, vgl. König/Stathi 2010, S. 52). Wie schon von Havryliv (2017, S. 28) angeführt, kann Beleidigung direkt oder indirekt erfolgen, indem z. B. im Sprechakt, der eine Beschimpfung enthält, nicht der Zuhörer, sondern eine dritte Person beleidigt wird. In der verbalen Aggression mit Frust sollen bezüglich der empirischen Forschung also zwischen vier Kategorien unterschieden werden. Diese sind:

1. Direkte Beleidigung als Hassrede mit Beleidigungswort^{+PG} („Du scheiß Kanacke!“)
2. Direkte Beleidigung mit Schimpfwort abseits von Beleidigungswörtern^{+PG} („Du Arschloch!“).
3. Indirekte Beleidigungen als Hassrede mit Beleidigungswort^{+PG} (Sprecher über Max: „Max, der scheiß Kanacke“)
4. Indirekte Beleidigung mit Schimpfwort abseits von Beleidigungswörtern^{+PG} (Sprecher über Max: Max, das Arschloch)

Auch hier wird das Schimpfen über eine dritte Person mithilfe von Beleidigungswörtern^{+PG} als beleidigender wahrgenommen als indirekte Beleidigungen, die Schimpfwörter abseits der Beleidigungswörter^{+PG} benutzen. Im Gegensatz zu indirekter verbaler Aggression, die keine

Schimpfwörter benutzt, beziehen sich in Havrylivs (2017, S. 28) und dieser Forschung die Begriffe indirekt und direkt auf die An- oder Abwesenheit des Beschimpften (diese Unterscheidung nimmt auch Aman 1986, S. 174 vor).

Beleidigungen können reinigende oder emotionale Katharsis bewirken, die durch das Beschimpfen erfolgt. Durch die Beschimpfung ist es den Sprechern möglich, intensive Gefühle auszudrücken, ohne den Beschimpften in Form von physischer Gewalt anzugreifen (Bonacchi 2015, S. 350; vgl. auch Biffar 1994, S. 78). Andererseits sei hier auch die Gefahr des Übergangs von verbaler zu physischer Gewalt anzumerken. Die verbale Gewalt diene hier nur als Auftakt zur folgenden physischen oder werde in Kombination mit ihr ausgelebt, so Meibauer (2013, S. 2) und Havryliv (2017, S. 41). Im Zuge von Hassrede kann auch auf die Unhöflichkeitsforschung hingewiesen werden, bei der es heißt, diese Form der verbalen Aggression ziele darauf ab, das Gesicht (*face* im Sinne Goffmanns, 1955: *sein Gesicht verlieren*) zu verletzen (zu Forschungsarbeiten über Unhöflichkeit s. u. a. Culpeper 2011, Bonacchi 2013).

Absicht 1 (Banter) - Verbale Schein-Aggression - scherzhafter Gebrauch

Die in dem vorherigen Abschnitt benannte negative Verwendung von Tabu- und Beleidigungswörtern im Kontext einer Hassrede bzw. einer direkten Beleidigung macht jedoch nach Havryliv (2017, S. 28) nicht den Hauptanteil der Verwendungsweise von Schimpfwörtern im deutschen Sprachgebrauch aus. Ein Teil der Gebrauchsweisen wird in den sogenannten Banter- bzw. Frotzelsituationen gebraucht (bei Havryliv 2017, S. 30ff. als „scherzhafter Gebrauch“ markiert; vgl. auch Technau 2018, S. 285ff.). Hierbei entsteht im Gegensatz zur vorherigen negativen sozialen Auswirkung bei der Verwendung von Schimpfwörtern eine positive soziale Auswirkung (Jay 2009, S. 155). Technau (2018, S. 287) verweist auf vier Motive für Bantersituationen. 1. Äußerung von Kritik/Problembewältigung/Konfliktlösung; 2. Machtspiele/Anzeige und Steigerung von Macht; 3. Beziehungsarbeit/Ingroup-Markierung/Festlegung freundschaftlicher Bande; 4. Humoristische Unterhaltung. Hierbei verweist Technau (2018, S. 316) auch noch einmal gesondert auf die Aneignung von Beleidigungswörtern zu nicht-pejorativen Zwecken seitens der Mitglieder der bezeichneten Personengruppe. Sogenannte Appropriation bestehe dann, wenn sich z. B. Sinti und Roma untereinander als *Zigeuner* bezeichnen (Technau 2018, S. 316).¹¹

¹¹ Weitere Forschungen zu Scherz bzw. Banter, mock-impoliteness s. die grundlegende Forschung von Geoffrey Leech (1983) und darauf aufbauend u. a. Kotthoff 2006, 2010; Haugh 2012; Mateo/Yus 2013, Bonacchi 2015)

Ob und wann ein Sprechakt als Scherzkommunikation wahrgenommen wird, wird immer innerhalb eines komplexen, sozialen Beziehungsgeflechts ausgehandelt (Kotthoff 2010, S. 93). In einer Schein-Aggression unterscheiden sich der illokutive und perlokutive Sprechakt von der „echten“ verbalen Aggression. Die geäußerte Beschimpfung ist auf deskriptiver Ebene negativ und beleidigend. Doch sie deckt sich nicht mit der Intention des Sprechers, der in der scherzhaften Beschimpfung den Beschimpften nicht unbedingt wirklich beleidigen will. Im Sinne der Definition von Sprechakten weisen Äußerungsakt und propositionaler Akt der scherzhaften verbalen Aggression also keinen Unterschied zur „realen“ Beleidigung auf. Der illokutive und perlokutive Sprechakt einer „realen“ verbalen Aggression unterscheidet sich allerdings von der scherzhaften (Havryliv 2017, S. 33).

Anhand von Goffmanns (1955) Definition von „face“ zeigt sich, wann eine Scherzkommunikation Bedrohungspotential birgt. Zu unterteilen wäre hier nach Kotthoff (2010, S. 61f.) das Spektrum eines Sprechaktes von „leicht gesichtsbedrohlichem Humor“ (Kotthoff 2010, S. 62) gegen den „deutlich verletzenden Humor“ (Kotthoff 2010, S. 62). Der „leicht gesichtsbedrohliche Humor“ bewirke, laut Technau (2018, S. 3; *Beziehungsarbeit/Ingroup-Markierung/Festlegung freundschaftlicher Bande*), hierbei einen Inklusionseffekt. Demgegenüber zeichne sich der „deutlich verletzende Humor“ durch das Bewirken eines Exklusionseffekts aus (Technau 2018, S. 287; 2; *Machtspiele/Anzeige und Steigerung von Macht*). Mittig ordnet Kotthoff (2010, S. 61f.) die provokant-spielerischen Sprechaktivitäten ein. Auch im Umgang mit rassistischen Stereotypen (z. B. die Wörter *Russe* und *Jude* als Beleidigungswort^{-NPC+PG}) innerhalb einer Scherzkommunikation greift der Unterschied zwischen „Gesichtsverlust“ gegen das Verspotten, das eine „distanzierte Leichtigkeit“ impliziert. Der fließende Übergang zwischen Affront und Scherz erschwert jedoch die Differenzierung von Banter-Situationen. Scherzhafte Beleidigungen können durch ihren emotionalen Gehalt und das ständige Hinzuziehen von Parametern wie Situation, Ort, Beziehung etc. schnell in das Feld der ernsthaften Beleidigungen mit gesichtsverletzendem Charakter wechseln, bei dem der Adressat durch den Verlust seines Gesichts (*face*) Ängsten, Schamgefühl, Konfusion oder Entehrung ausgesetzt ist (Kotthoff 2010, S. 67 u. 93). Als wichtiger Faktor für das Ausmachen eines Face-Verlusts sind hier also potentielle Zuhörer bzw. das Bestehen einer Öffentlichkeit, in der der „Bescherzte“ vor Publikum einen Gesichtverlust erleidet, zu nennen.

Wichtig zur Einordnung von „verletzendem Humor mit Diskriminierungseffekt“ oder „gesichtsbedrohlichem Humor mit Inklusionsaffekt“ (Kotthoff 2010, S. 68) innerhalb einer Neck-

bzw. Frotzelsituation ist immer die soziale Beziehung beider Parteien. Liegt eine symmetrische oder asymmetrische Beziehung vor? Ist die freundschaftliche Beziehung so gefestigt, dass bestimmte Höflichkeiten, Vorsicht oder Rücksicht eine Veränderung erfahren haben und somit scherzhafte Verletzung möglich ist? Nach Watzlawick kann vor dem Hintergrund der Analyse in Kapitel 4 die Unterscheidung zwischen symmetrischer und asymmetrischer Interaktion herangezogen werden (Watzlawick et al. 2017, S. 78ff.). Die symmetrische Kommunikation zeichnet sich durch Gleichheit und Spiegelbildlichkeit aus, während asymmetrische/komplementäre Interaktion Ungleichheit und das Existieren eines überlegenen und eines unterlegenen, schwächeren Gesprächspartners impliziert (Watzlawick et al. 2017, S. 80). Gründe für eine asymmetrische Kommunikation können z. B. ein Abhängigkeitsverhältnis in Form von Chef und Angestellter oder aber auch gravierende Altersunterschiede ausmachen, sich aber auch dadurch ausdrücken, dass ein Sprecher lauter spricht oder mehr Redeanteil hat (Watzlawick et al. 2017, S. 80f.) Mithilfe der Definition von symmetrischen und asymmetrischen/komplementären Beziehungen können Rückschlüsse auf ein solches Vorkommen von Banter gezogen werden, bei dem eine symmetrische Beziehung zwischen den beiden Teilnehmern Voraussetzung zu sein scheint. Vor dem Hintergrund des DaFZ-Unterrichts ist das Untersuchen, ob eine symmetrische oder asymmetrische Beziehung in der Schimpfsituation vorliegt, hilfreich für das Einschätzen und Bewerten der Angemessenheit einer Situation seitens der Lerner.

Besteht die Intimität einer vertrauten symmetrischen Beziehung in einer Banter-Situation, so könne eine „Umcodierung“, ein außer Kraft setzen von Höflichkeit und Unhöflichkeit, erfolgen (Kotthoff 2010, S. 93; Technau S. 240: „Es handelt sich dann um einen Unhöflichkeitsakt der Makroebene, der auf der Mikroebene ins Gegenteil verkehrt wird und in dieser Form in der Literatur als Banter bzw. mock-impoliteness bekannt ist“). Der Banter-Sprechakt kann, wie bereits herausgestellt, auf der kompletten Skala von unterstützend bis verletzend liegen, da die inhaltliche Ebene immer der wichtigeren semantischen Ebene innerhalb des Sprechaktes unterliegt (Kotthoff 2010, S. 93). Die persönliche Wertung oder auch die einer Gruppe ist neben der Beziehung der Sprechenden ein ausschlaggebender Faktor bei der Differenzierung zwischen Banter auf der einen und *Hate Speech* bzw. Beleidigung auf der anderen Seite (Kotthoff 2010, S. 93). Auch König und Stathi (2010, S. 51) sehen die Beziehungen zwischen den Sprechern, gesellschaftlicher Status und persönliche Beziehung als die relevantesten Faktoren zur Erstellung einer Typologie von scherzhafter verbaler Aggression. Allerdings könne eine innige Beziehung auch zu einer größeren Kränkung führen, wenn die scherzhafte Beleidigung durch ei-

nen Freund erfolgt (König/Stathi 2010, S. 51). Anhand der Banter-Situation lässt sich im Übrigen auch der These um die Frustrations-Aggressions-Theorie Sigmund Freuds widersprechen, wonach Frustration als Ursache zwangsläufig zu verbalen Aggression führe, das Äußern von Schimpfwörtern also immer in einer negativ-emotionalen Situation geschieht (s. dazu auch Havryliv 2009, S. 20).

Absicht 2 (Fluchen) - Verbale Aggression mit und ohne Frust ohne Drohmoment

Bereits in Kapitel 2.2 wurde herausgestellt, dass Schimpfen (und Fluchen) innerhalb der lexikalischen Definition monologisch und dialogisch erfolgen kann, also gegen sich selbst und Objekte oder dialogisch gegen Personen. In Bezug auf monologische Schimpfvorgänge benennt Kiener (1983, S. 23) hier die Benutzung von vulgären Schimpfwörtern als Ausdruck von Schmerz, Frust oder Wut. Diese beziehen sich nicht auf ein Subjekt, sondern auf ein Objekt oder eine negativ eingeschätzte Situation (s. a. *Sachscheiten* bei Havryliv 2009, S. 67, Aman 193, S. 174). Das Schimpfen erfolge hier im Sinne einer reinigenden Katharsis (Kiener 1983, S. 23-25). In dieser Arbeit wird nicht subjektgerichtete verbale Aggression als *Fluchen* (im Gegensatz zum Beschimpfen bzw. Beleidigen) definiert.

Vulgäre Schimpfwörter können auch im Sinne eines individuellen vulgären Sprachstils verwendet werden (Havryliv 2017, S. 40). Der Sprecher benutzt dabei vulgäre Schimpfwörter zur negativen oder positiven emotionalen Verstärkung oder auch, weil sein individueller Sprachstil vulgäre Schimpfwörter enthält. Neben dieser weniger intentionalen Verwendung von Schimpfwörtern besteht auch die Möglichkeit, dass Schimpfwörter gezielt als *Schockmoment* durch Tabubruch verwendet werden (Havryliv 2011, S. 121). Jay (2009, S. 155) fasst diesen Gebrauch von Schimpfwörtern als *casual uses* („this CD is fucking great“, Jay 2009, S. 155) und verweist darauf, dass die Verwendung von Schimpfwörtern als Ausdruck einer vulgären Sprache von Zuhörern auch als unhöflich wahrgenommen werden kann, obwohl der Sprecher dies nicht erreichen wollte.

Metasprachlicher Gebrauch von Schimpfwörtern

Abseits des Vorkommens von Schimpfwörtern in schimpfenden und beschimpfenden Situationen sei auch kurz auf den metasprachlichen Gebrauch von Schimpfwörtern in Sprechakten verwiesen. Beispielhaft festgemacht in Sprachempfehlungen im Sinne der PC, aber auch in der wissenschaftlichen Forschung wie zum Beispiel in dieser Arbeit. Ebenso wird ein metasprachlicher Gebrauch von Schimpfwörtern in Sprechakten, bei denen Negation vorkommt „Ali ist kein dreckiger Kanacke.“ (Meibauer 2016, S. 152), und in fragenden Sprechakten „Ist Ali ein

dreckiger Kanacke?“ (Meibauer 2016, S. 151) verwendet. Dieser Umgang mit Schimpfwörtern kann als Sonderfall gesehen werden, weil sie nicht expressiv, sondern neutral-wissenschaftlich benutzt werden (vgl. Technau 2018, S. 266).

Schimpfwörter im Gebrauch: Übersicht der verschiedenen Kategorien zur Absicht von Schimpfwörtern

Ausgehend von den drei ermittelten Kategorien lässt sich ein Modell der verschiedenen Kategorien zur *Absicht* von Schimpfwörtern im Sprechakt erstellen. Das folgende Modell unterscheidet die drei Hauptkategorien. Des Weiteren wird adressiert gegen nicht-adressiert bzw. direkt/indirekt und verletzend gegenüber weniger verletzend der Schweregrad angegeben.

Tabelle 2: Absichten des Schimpfens (Quelle: Eigene Darstellung)

<p>1. Absicht 1 (Banter) - Verbale Aggression ohne negative Emotionen/Frust bzw. nicht-pejorativer Gebrauch</p> <ul style="list-style-type: none"> - Banter (Frotzel, scherzhafter Gebrauch) ¹²
<p>2. Absicht 2 (Fluchen): Verbale Aggression mit/ohne Frust (nicht gegen Subjekt gerichtet, Drohmoment fehlt)</p> <ul style="list-style-type: none"> - ist eingebunden in Situationen als Ausdruck von Schmerz, Wut, Freude (kathartische Zwecke) oder bezieht sich auf Sachschelten (z. B. „Scheiß Stuhl!“) ¹³
<p>3. Absicht 3 (reale Beschimpfung): Verbale Aggression mit Frust, gerichtet gegen Subjekt (beschimpfen/beleidigen)</p> <ul style="list-style-type: none"> - 3a: direkt: (Beleidigungswort^{+PG} (Hassrede) > Schimpfwort abseits Beleidigungswort^{+PG}) - 3b: indirekt: (Beleidigungswort^{+PG} (Hassrede) > Schimpfwort abseits Beleidigungswort^{+PG})

Innerhalb des Gebrauches von verbaler Aggression mit Frust gegen Subjekte werden direkte Beleidigungen mit Beleidigungswörtern, die ethnische Personengruppen adressieren, als am stärksten beleidigend gesehen (*Kanacke* > *Arschloch*; König/Stathi 2010, S. 55). Die indirekte Beschimpfung – also die Beschimpfung, bei der im Sprechakt ein drittes Individuum beleidigt

¹² Als weitere Kategorie sei hier auf die metalinguistische neutrale Verwendungsweise als Absicht im Gebrauch von Schimpfwörtern verwiesen.

¹³ Als weitere Kategorie sei hier auf den Gebrauch von vulgären Schimpfwörtern innerhalb einer positiven/negativen Verstärkung (z. B., „Krieg ich dann neue Titten“ Fack ju Göhte 2013, Min. 00:02:43 - 00:02:45, Verstärkung (positiv) = „scheiß geiler Kack“) verwiesen.

wird – wird ebenso dieser dritten Kategorie zugeordnet. Havryliv (2017, S. 30) hingegen fügt „indirekte Beschimpfungen“ in ihre zweite Kategorie „Abreagieren von Emotionen“ ein.

Ausgehend von den drei ermittelten Kategorien (Scherz (Banter), Fluchen, Beschimpfung/Beleidigung) soll hinführend zur empirischen Forschung folgende Hypothese im Hinblick auf die zweite Forschungsfrage überprüft werden:

H10: Schimpfwörter werden im alltäglichen deutschen Sprachgebrauch zur Absicht des Scherzens, Fluchens und Beschimpfens genutzt.

2.7.3 Außersprachlicher Parameter – Sprecher

Nachdem die Dimensionen der verschiedenen Kategorien zur *Absicht* von Schimpfwörtern im vorherigen Kapitel abgesteckt wurden, sollen nun als letzte wichtige Dimension zur Untersuchung von Schimpfwörtern in der gesprochenen deutschen Sprache die Sprecher vorgestellt werden, die als ausführende Personen die Untersuchung überhaupt erst ermöglichen.

Innerhalb der Forschung herrscht Uneinigkeit, ob Männer häufiger schimpfen als Frauen. So wird Männern von einer Seite (u. a. Jays frühe Arbeit 1992, S. 165, S. 156; Gottburgsen 2000, S.37f.) ein häufiger Gebrauch unterstellt, während die andere Seite (u. a. Kiener 1983, S. 64 u.198, Ermen 1996, S. 105; S. 13, Havryliv 2009, S. 26) keinen relevanten Unterschied sieht; weder in der Häufigkeit der Nutzung, noch in der Verwendung des Schimpfwortschatz. Im Gegensatz zu seinen frühen Arbeiten stellt Jay in seiner späteren Arbeit von 2009 (S. 156) dann ebenfalls heraus, dass sich die geschlechtsspezifischen Verhältnisse bei dem Gebrauch von Schimpfwörtern in den 20 Jahren von 1986 bis 2006 von 67% auf 55% (Männer) verringert haben.

Havryliv (2009, S. 26ff.) bestätigt diese These des in Bezug auf Geschlechter unterschiedslosen Schimpfens, zieht allerdings als Ausnahme das verbale aggressive Verhalten bei Schülern und Schülerinnen heran. Innerhalb ihrer Untersuchungen mit Wiener Schulkindern stellte sich ein häufiger Gebrauch von Schimpfwörtern seitens der männlichen Schüler dar. Allerdings könnte bei Havryliv (2009, S. 27) auch die vorgegebene soziale Erwünschtheit eine Rolle spielen, da die Fragebögen schriftlich erstellt und der Schimpfgebrauch der Schüler und Schülerinnen passiv abgefragt wurde. In Kapitel 2.4 wurde bereits auf den Tabubruch, der durch Schimpfwörter entsteht, verwiesen. Die Möglichkeit besteht also, dass die weiblichen Schülerinnen in der Realität zwar schimpfen, dies aber innerhalb der Fragebogen-Situation nicht zugeben möchten,

während die männlichen Schüler hier – eventuell sogar auch durch eine vermeintliche Gewünschtheit in ihrem sozialen Umfeld – direkter sind.

Schon 1983 bringt Kiener (S. 198) den Zusammenhang zwischen Emanzipation und der Verbreitung von öffentlichem Schimpfen von Frauen an. Diese Ausbreitung des Schimpfens innerhalb der ganzen Gesellschaft könne nicht nur in der Emanzipation, sondern generell auch in den Veränderungen der sozialen Schichten gesehen werden, so wiederum Burgen (1998, S. 241). Die Annahme, dass das Schimpfen als besonderes Sprachmerkmal der unteren sozialen Schicht innewohne (u. a. Jay 1992), weisen andere Untersuchungen nicht nach (u. a. Havryliv 2009, S. 28). Zu beobachten ist jedoch, dass sich in sozialen Gruppen Unterschiede in der Häufigkeit der Verwendung von Schimpfwörtern ausmachen lassen. Jay (2009, S. 156) ermittelt dabei unter anderem den besonders häufigen Gebrauch in den sozialen oder beruflichen Gruppen der Soldaten, Polizisten sowie Schülern und Studenten (Jay/Jay 2015, S. 252).

Jay/Jay (2015) erforschen die Auswirkungen von individuellen Persönlichkeitsmerkmalen auf die Häufigkeit der Verwendung von Pejorativa und finden heraus, dass bestimmte Charakteristika wie Neurotizismus, Extraversion sowie Ungeduld, Konkurrenzdenken und Feindseligkeit im Zusammenhang mit dieser stehen (Jay/Jay 2015, S. 252). Neben den persönlichen Merkmalen eines jeden Individuums stehen die Personengruppen der Jugendlichen und jungen Erwachsenen durch ihren besonders häufigen Gebrauch von Schimpfwörtern heraus (Havryliv S. 28, Technau S. 240). Verwiesen sei in diesem Zusammenhang auf die sprachliche Varietät der Jugendsprache, bei der besonders häufig expressiv-vulgäre Ausdrücke gebraucht werden (Neuland 2018, S. 191). Befinden sich Jugendliche in ihrer Gruppe, werden Beleidigungswörter in einem besonders hohen Maße innerhalb der bereits angeführten Banter-Situationen (auch frotzeln, dissen) verwendet (vgl. Neuland 2018, S. 57ff.). Die (Schein-) Beleidigungen können hierbei den Zweck einer Identifikation bzw. Zugehörigkeit zur Gruppe dienen bzw. soziale Nähe äußern (Neuland 2018, S. 186) oder zur Selbstdarstellung, auch im Sinne eines Imponiergehabes, dienen (Neuland 2018, S. 184). Festzuhalten ist außerdem, dass die Sprecher von Jugendsprache in der soziolinguistischen Forschung eher innerhalb der „Phase der sprachlichen Sozialisation“ (Neuland 2018, S. 185) betrachtet werden und weniger nach ihrem tatsächlichen Alter. Grob werden Altersangaben von 10 bis 24 gemacht (Neuland 2018, S. 186), wobei Technau (2018, S. 242) in seiner empirischen Untersuchung auch festgestellt hat, dass sich viele der in der Jugendsprache verorteten Phänomene auch in seinen Aufzeichnungen wiederfinden, deren Probanden die Altersspanne von 23 bis 32 Jahren umfasst.

Durch den theoretischen Teil zur Forschungsübersicht über das Schimpfen wurden verschiedene Parameter identifiziert, die sich hinführend zur Beantwortung der Forschungsfragen herleiten und in Hypothesen formulieren lassen. Während die erste, grundlegende Forschungsfrage die Frage nach dem sprachspezifischen Wortschatz der Schimpfwörter in der deutschen Alltagssprache – in dieser Arbeit durch die Identifizierung und Klassifizierung der Quellbereiche dieses Wortschatzes definiert – stellt, zielt die zweite, weiterführende Forschungsfrage auf die Absicht, in der die identifizierten Schimpfwörter benutzt werden, ab. In Folge einer zunächst grundsätzlichen Verortung des lexikalischen Wortschatzes um das Wortfeld der Schimpfwörter wurde eine Kategorisierung der Quell- bzw. Herkunftsbereiche bereits ermittelt und hinführend zur empirischen Analyse in Hypothesen formuliert (Kapitel 2.4). Im Hinblick auf den situativen Gebrauch ermittelte Kapitel 2.7.2 verschiedene Kategorien zur Absicht von Schimpfwörtern im konkreten Sprechakt und leitete daraus eine Hypothese ab. Mit dem Anführen des außersprachlichen Parameters der Sprecher wurde der letzte für die praktische Untersuchung in Kapitel 4 wichtige Faktor vorgestellt. Die in diesem Kapitel gesammelten Ergebnisse werden nun in dem folgenden dritten Kapitel mit dem DaFZ-Kontext verknüpft.

3 Forschungsstand: Schimpfen im DaF- und DaZ-Kontext

Anknüpfend an die generelle Verortung der Schimpf-Dimensionen in Kapitel 2, wird folgend der DaFZ-Forschungsstand zur Schimpf-Thematik angeführt, um die darin herausgestellten Auswertungen mit den Didaktisierungsansätzen im vierten Kapitel verbinden zu können. Ausgehend von der Untersuchung um den Forschungsstand um Schimpfwörter und Tabuthemen, wird der gelehrte Sprachstil im DaFZ-Unterricht untersucht, um den Zusammenhang mit dem Sprachstil der Schimpfwörter und die dadurch resultierende Nicht-Vermittlung im DaFZ-Unterricht zu erklären.

3.1 Schimpfen als tabuisiertes Feld in der DaF- und DaZ-Forschung

Wissenschaftliche Forschungsarbeiten über das Schimpfen im DaFZ-Kontext sind rar. Als Forschungsquelle, die sich explizit mit Schimpfen im DaFZ-Kontext auseinandersetzt, ist ein kurzer Aufsatz von Dr. Karin Büchle von 1994 zu nennen. Büchle selbst attestiert nicht nur den allgemeinen deutschen Forschungsmangel zum Schimpfen, sondern zugespitzt auch noch einmal innerhalb der DaFZ-Forschung (Büchle 1994b, S. 18). Dass sich seit Büchles mittlerweile über zwei Jahrzehnte alter Forschung die Schimpf-Thematik innerhalb des DaFZ-Kontextes immer noch fast gänzlich abwesend zeigt, untermauert die Tabuisierung und Missachtung dieses Forschungszweiges.

Wissenschaftliche Forschung zum Tabu im DaF- und DaZ-Kontext – interkulturelle Kompetenz

Indirekte Aufmerksamkeit erfährt die tabuisierte Schimpfthematik durch generelle Forschungsarbeiten über Tabu und Tabuisierung im DaFZ. Da sich Tabu und die Tabuthemen thematisch wesentlich mit den (vulgären) Schimpfwörtern als Worttabus überschneiden, lohnt sich hier ein Blick auf diese „Tabu-Forschungsarbeiten“.

Im Zuge des erfolgreichen Zurechtkommens innerhalb von Alltagssituationen in einer fremden Sprache und einem fremden Land spielt das Erlernen kultureller Kompetenzen bzw. das kulturelle Lernen im DaF- und DaZ-Unterricht eine nicht unwesentliche Rolle (vgl. u. a. Bationo 2013). Im Zusammenhang mit kulturellem Lernen sei ebenso auf die neueren Ansätze einer kulturwissenschaftlichen bzw. diskursiven Landeskunde (vgl. Altmayers diverse Forschungen zur kulturwissenschaftlichen/diskursiven Landeskunde seit 1999) verwiesen, in der sich die Auseinandersetzungen mit Tabus und Tabuisierung hauptsächlich wiederfinden (Haase/Höller 2017, IV). Die Betrachtungen von Tabuthemen werden demnach besonders in dieser Auseinan-

dersetzung mit dem interkulturellen Fremdsprachenunterricht und dem Erlernen von interkultureller Kommunikation und Kompetenz in der DaFZ-Forschung als Themen behandelt (vgl. u. a. Schröder 1995, 1997, 1998; Tahoun 2013; Bationo 2013). Dabei wird das Augenmerk weniger auf Worttabus im Sinne von verbotenen und beleidigenden Schimpfwörtern gelegt, sondern vielmehr auf eine generelle Thematisierung der Tabubereiche wie Tod oder Inzest (Schröder 1997, S. 96).

Weitet man das Feld von Tabu und Tabuisierung auf Forschungen zum regulären Schul-Deutschunterricht mit Kindern und Jugendlichen aus, findet man auch hier Ansätze zur Vermittlung der Tabu-Thematik, etwa zu Körper/Provokation und Inszenierung (Trumm 2014, S. 163) oder Krankheit, Sterben und Tod (Trumm 2014, S. 163; zur umfassende Auseinandersetzung von Tabu und Tabuisierung im Deutschunterricht vgl. ebenfalls Trumm 2014).

Im Hinblick auf die Schwierigkeit im Umgang mit Tabuthemen und Tabus innerhalb von Lehrwerken verweist Hägi-Mead (2017, S. 207) darauf, dass diese „unweigerlich Vorgaben, Kompromissen und Konzessen“ unterliege und deshalb „ungeeignet erscheint [...] was tagesaktuell, werbetragend oder in Bezug auf moralische Werte bedenklich ist“. Gerade DaF-Lehrwerke sähen sich diesem Druck in besonderem Maße ausgesetzt. Die verschiedenen Tabuwahrnehmungen in Diskursen der Länder könnten dazu geführt haben, dass bestimmte Lehrwerke im DaF-Kontext nicht mehr verwendet werden dürfen. Eine Abbildung nackter Menschen im Lehrbuch *Aktiv Deutsch* soll beispielsweise dazu geführt haben, dass es in Indien im DaF-Unterricht nicht mehr verwendet wurde (Hägi-Mead 2017, S. 218). Demnach werden DaF-Lehrwerke, die Tabubereiche anderer Länder berühren, also zum Teil einer Zensur unterzogen. So erfolgt etwa auch in der iranischen Ausgabe des Lehrwerks *Tangram*, in der Abbildungen von Personen in der Disco oder am Strand gezeigt werden, eine Zensur (vgl. Hägi-Mead 2017, S. 220). In der für Russland konzipierten Ausgabe des Lehrwerks *Horizonte* erfolgte im Zuge der Zensur ein Wechsel des Bildes einer leicht bekleideten, vermeintlich zu anrühigen Sportlerin (vgl. Hägi-Mead 2017, S. 221).

„Heikle“, emotionale und wertende negativ bzw. positiv konnotierte Themen seien nach Hägi-Mead (2017, S. 225) innerhalb des DaFZ-Unterrichtes immer eine Heraus- mitunter Überforderung, sowohl seitens der Lerner als auch der Lehrer. Hägi-Mead (2017, S. 255) schlussfolgert, dass der Umgang mit Tabu-Diskursen demnach eine besonders umsichtige und vorsichtige Herangehensweise und Fingerspitzengefühl fordere. (Hägi-Mead 2017, S. 225).

Schröder (1997) prangerte bereits vor 20 Jahren die Abstinenz von Tabuthemen in Lehrwerken an, verwies aber auch da schon mit dem Lehrwerk *Typisch Deutsch* auf Ausnahmen und fügte hinzu, dass „auch in diesem – ansonsten hervorragenden – Lehrwerk Tabus nur angeschnitten [werden]; es fehlen Handlungsstrategien im Umgang mit Tabus sowie Euphemismen und sonstige sprachliche Strategien für Tabudiskurse.“ (Schröder 1997, S. 196).

Es hat sich gezeigt, dass die Tabuisierung von Themen im Fremdspracheunterricht grundsätzlich bekannt und als Problem kritisiert wird; der wissenschaftliche Diskurs hinsichtlich dieser Problematik tabuisierter bzw. ignorierte Themen also sensibilisiert ist. Der momentane Lehrbuchbestand jedoch zeigt wenig Auseinandersetzung mit Tabu-Themen auf. Während also einigen Tabu-Themen durch die Kritik von Experten eine Dringlichkeit bzw. alltägliche und gesellschaftliche Relevanz beigemessen werden – wodurch indirekt eine Notwendigkeit ausgesprochen wird, diese Themen in den DaFZ-Unterricht zu integrieren –, wird nicht nur im DaFZ-Unterricht, sondern auch im deutschen wissenschaftlichen Diskurs das Schimpfen weitestgehend ignoriert.

3.2 Ursachen der Tabuisierung des Schimpfens im DaF- und DaZ-Unterricht

Ausgehend von dem Überblick im vorherigen Kapitel 3.1 über den Forschungsstand zum Tabu und Schimpfen im DaFZ-Unterricht sollen nun die Hintergründe für deren ausbleibende Thematisierung erörtert werden.

In Kapitel 3.1 wurde bereits der Mangel der Forschungsliteratur bezüglich des DaF- und DaZ-Kontextes aufgezeigt. Ein entsprechendes Defizit weisen auch Untersuchungen der Lehrwerke auf. In der Lehrbuchreihe *Menschen* lässt sich in allen sechs Lehrbüchern auf den Sprachniveaus A1 bis B2 nicht eine Übung finden, die Schimpfen oder Schimpfwörter zum Thema hat (s. Lehrwerke „Menschen“ A1.1-B1.2, 2012-2014) Und auch in den Lehrwerken „Sicher!“, der Sprachniveaus B2.1-C1.2 (s. Lehrwerke „Sicher!“ B2.1-C1.2, 2012-2016) finden sich keine Übungen in diesem Zusammenhang. In den von Büchle (1994a,) angeführten Didaktisierungen in Lehrwerken finden sich in den vereinzelt Ausführungen zu Didaktisierungen von Schimpfwörtern diese ausschließlich im Zusammenhang mit den Thematiken von Tiernamen als Schimpfwörter bzw. vergleichende Tier vs. Mensch Ansätze.¹⁴

¹⁴ S. dazu: 1. Sichtwechsel. Elf Kapitel zur Sprachsensibilisierung (Kapitel 6) (Hog et. al. 1991, S. 103); 2. Wege. Lehrbuch und Arbeitsbuch. Lektion 18, Lehrbuch S.201-204, Arbeitsbuch S. 212-214) (von Rosador/Eggers

Als erster möglicher Grund für dieses Fehlen in Lehrwerken wurde in Kapitel 3.1 bereits gezeigt, dass Tabus und Tabuthemen als „heikles“ Thema eine emotionale Färbung haben und die Diskussion über soziale und moralische Werte in DaF-Lehrwerken eine Herausforderung birgt. Der zweite Grund könnte sich aus dem zusätzlichen Worttabu der Schimpfwörter bzw. deren Sprachstil schöpfen (vgl. Kapitel 2.5). Neben den emotional-tabuisierten Themenfeldern, aus dem die lexikalischen Wortbedeutungen der Schimpfwörter stammen und die im DaFZ-Unterricht seltener vermittelt werden, fallen viele in dieser Arbeit untersuchten Schimpfwörter ob ihrer vulgären Natur zusätzlich in den Bereich des Worttabus. Da diese vulgären Schimpfwörter aus dem Bereich einer derben Umgangssprache bis Vulgärsprache stammen (s. Kapitel 2.6), wird es als sinnvoll erachtet, die in DaFZ-Lehrwerken vermittelte Sprache und den Sprachstil vor diesem Hintergrund zu analysieren. Grundlage dazu bietet die Annahme, dass eine sprachliche Ausklammerung dieser Schimpfwörter aufgrund ihrer Zugehörigkeit zu einer „falschen“ Varietät bzw. „falschem“ Sprachstil erfolgt.

Im Zuge der vermittelten Sprache im DaFZ-Unterricht soll zunächst der Unterschied zwischen gesprochener und geschriebener Sprache analysiert werden. Obwohl gesprochene Alltagssprache im DaFZ-Unterricht mehr Beachtung findet als noch vor 30 Jahren, haftet den Begriffen *Umgangssprache* und *Alltagssprache* mitunter immer noch der Makel eines defizitären Sprachgebrauchs an (Imo 2012, S. 29). In neuen Betrachtungen von DaF-Kontexten wird der gesprochenen Alltagssprache jedoch zunehmend ein wichtiger Faktor zugesprochen und auch ihr Erlernen als sinnvoll erachtet (vgl. u. a. Durrell 2006; Fiehler 2012). Dass im DaF-Unterricht trotzdem oft eine weitestgehende Fokussierung auf die Vermittlung eines möglichst homogenen Standarddeutschs vorherrscht, sieht Fiehler (2012 S. 24) in der Tatsache begründet, dass sich an der standardisierten Schriftsprache orientiert wird. Diese Vermittlung einer relativ homogenen deutschen Standardsprache, einer „variationslose[n], einheitliche[n] Sprachform“ (Durrell 2006, S. 111) in den Lehrwerken, prangert auch Durrell (2006, S. 111) an. Des Weiteren nennt er zwei Gründe, die hierfür ausschlaggebend seien: Zum ersten wolle man die Sprachlerner nicht der Verwirrung oder Überforderung aussetzen, die die sprachliche Vielfalt mit sich bringe. Zum anderen gelte die Überlegung von der Lehre einer „einzigen grundlegend ‘korrekten‘ Form der Sprache, und zwar der ‘Hochsprache‘ oder ‘Standardsprache‘, von der alle anderen

1994; 1996); 3. Sprachbrücke (Lektion 14b) (Mebus et. al. 1996, S. 195 f.); 4. Deutsch konkret Lehrbuch 2 (Kapitel 4b) (Neuner 1999, S. 39).

sprachlichen Existenzformen abhängen“ (Durrell 2006, S. 111). Ferner verweist Durrell auf einen vermeintlich negativen Zusammenhang sprachlicher Varietäten, die von diesem „hohen“ Standarddeutsch abweichen (Durrell 2006, S. 111). Vor diesem Hintergrund ist das Fehlen von Schimpfwörtern einer Umgangs- bzw. Vulgärsprache in den DaFZ-Lehrwerken nicht verwunderlich.

Versuche, sich in dem Lehrwerk *Menschen CI.2* (Perlmann-Balme et. al. 2016, S. 88) einer authentischen gesprochenen Alltagssprache und gleichzeitig einem Tabu-Thema (Geld bzw. Schulden) zu nähern, werden zwar mit einem authentischen Beispiel aus dem Hip-Hop unternommen, jedoch scheint auch hier eine Verharmlosung stattzufinden. Die für den Hip-Hop bzw. Rap üblichen Schimpfwörter bzw. Beleidigungen und Beschimpfungen werden hier nicht thematisiert. Stattdessen steht das Thema *Schulden* im Vordergrund. Dass der Clip „Pass auf dein Geld auf“ (Fischer/Wilkening 2009), produziert vom AWO-Projekt „Moneycare“, mit nur ca. 5000 Aufrufen und unbekanntem Interpreten nicht einmal Personen, die in Deutschland leben, sonderlich bekannt ist, als ein gelungenes, typisches Beispiel für Alltagssprache herhält, ist fraglich; verdeutlicht aber exemplarisch die Schwierigkeit von authentischer Alltagssprache in Lehrwerken.

Unterschiede in der Vermittlung von Sprachstilen im DaF- und DaZ-Unterricht

Bezüglich der Unterscheidung zwischen den vermittelten Sprachstilen im DaF- und DaZ-Unterricht folgt diese Arbeit Durrell (2006, S. 113). Durrell widerspricht der These Götzes (2003), wonach DaF-Lerner alltagssprachliche Dialoge nur als passives Wissen im Unterricht erfahren und der aktive Gebrauch keine zentrale Rolle spielen sollte. Durrell begründet seine These, dass zwischen DaF- und DaZ- Sprachvermittlung kein Unterschied gemacht werden sollte, mit einem mittlerweile gängigen „überregionalen sprachlichen Register“ (Durrell 2006, S. 117). Dieses werde von den meisten Deutschen im Alltag gesprochen. Wenn Deutschlerner „Deutsch lernen wollen, um praktisch mit deutschen Muttersprachlern im Alltag zu kommunizieren, dann müssen sie eben diese Variante beherrschen“ (Durrell 2006, S. 117). Weiter fügt er an, dass DaF-Lerner im Zuge der Globalisierung praktische Sprachkenntnisse erlernen wollen, mit denen sie sowohl für berufliche als auch touristische Zwecke einen Nutzen verbinden; mit denen

sie also ohne Probleme in „realistischer“ Art und nicht in „idealisierter Sprachform“ (Durrell 2006, S. 114) mit deutschen Muttersprachlern kommunizieren könnten (Durrell 2006, S. 114).¹⁵

Sprachvarietäten im DaF- und DaZ-Unterricht

Neben der gesprochenen Sprache, die eine mitunter defizitäre Beachtung im DaFZ-Kontext erfährt und meistens der standardsprachlichen deutschen Variante untergeordnet wird, stellt sich die Frage, inwiefern andere verschiedenen Sprachvarietäten im DaFZ-Unterricht Anklänge finden. Spiekermann (2010, S. 355) spricht von dem übergeordneten Ziel im DaFZ-Unterricht, der breiten Varianz an deutschen Sprachvariationen Beachtung zu schenken. Wäre durch dieses Wissen doch eine Verbesserung der „sprachpragmatischen Kompetenz“ (Spiekermann 2015, S. 355) der Lerner zu erreichen. Grundsätzlich zeigen Forschungen, die die sprachlichen Varietäten in DaF-Lehrwerken untersuchen, dass sprachliche Varietäten wie Dialekte, Regiolekte etc. abseits der Standardvarietäten selten behandelt werden (u. a. Baßler/Spiekermann 2001, 2002, Hägi 2006; vgl. Spiekermann 2010, S. 355). Jugendsprache als eine sprachliche Varietät, die viele (vulgäre) Schimpfwörter beinhaltet (s. Kapitel 2.7.3), wird zwar in den Lehrwerken bedacht, in dem auf Jugendliche und deren emotionale Lebenswelt eingegangen wird, jedoch spielen konkrete Eigenschaften der Jugendsprache eine weniger große Rolle (Neuland 2018, S. 233).

Falls Schimpfwörter vereinzelt im Zuge einer Jugendsprache in Lehrwerken erwähnt werden, beziehen sie sich aus dem weniger vulgär wahrgenommenen Bereich eines eher umgangssprachlichen Gebrauchs (*scheiße, Mist*; Majjala 2007, 288). Majjala (2007, S. 288) begründet dies mit dem pädagogischen Zielen, die die Lehrwerke verfolgen wollten. Dieses Bild der – wenn überhaupt auftauchenden – verharmlosenden Schimpfwörter fügt sich auch in ein exemplarisches Überprüfen der aktuellen Auflagen der Lehrwerke *Menschen* und *Aussichten*. Als ein Beispiel soll hier eine Übung zum Erlernen des Diminutivs aus dem Lehrwerk *Aussichten A.2.2* (Jentges et. al. S. 35) angeführt werden: Der Diminutiv soll in der Übung mithilfe von tierischen Beschimpfungen erlernt werden. Eingebettet ist diese Übung in die Thematik „Die schönsten Autos“. Autofahren als soziale Situation, in der viele Personen oft schimpfen (Havryliv 2009,

¹⁵ Als neue Didaktisierungsmaßnahmen, gesprochene Sprache im Unterricht zu integrieren, sei hier auch auf die Datenbank „Gesprochenes Deutsch für die Auslandsgermanistik“ der Uni Münster hingewiesen. <http://audiolabor.uni-muenster.de/daf/>

S. 30), würde sich hier eher als Untersuchungsgegenstand im Sinne einer sozialen Betrachtungsweise anbieten. Die Übung innerhalb des Lehrbuches zielt jedoch primär auf den Gebrauch einer Grammatikvermittlung ab – eben das Erlernen des Diminutivs.

Schimpfwörter, besonders vulgäre Schimpfwörter, sind trotz der recht neuen Entwicklung vom Versuch, Jugendsprache und gesprochene Sprache in die Lehrwerke zu integrieren, als Thema nahezu gar nicht in DaFZ-Lehrwerken vertreten. Wenn überhaupt, werden den Lernern Schimpfwörter in *light*-Version zugemutet. Mit der nun folgenden empirischen Forschung zum Auftreten von Schimpfwörtern in der deutschen Alltagssprache soll genauer überprüft werden, ob diese Ausklammerung, die von den Lehrwerken vorgenommen wird, sich auch in dem Fehlen von Schimpfwörtern generell ausdrückt; sei es aus pädagogischen, politischen oder anderen Gründen. Beschränkt sich der Nutzen von Schimpfwörtern in der deutschen Sprache als kleine Sparte so sehr, dass ein Nicht-Anführen seitens der Lehrwerke Berechtigung bekommt?

4 Empirische Analyse zum Gebrauch von Schimpfwörtern in der deutschen Sprache

Im folgenden Kapitel werden die identifizierten Schimpf-Kategorien zum Quellbereich von Schimpfwörtern sowie die Schimpfab sicht als situative Dimension des Schimpfens untersucht. Zunächst soll auf Grundlage der definierten Quellbereiche ein Wortthemenfeld für das Schimpfen in der deutschen Sprache definiert und abgesteckt werden. Hierfür wird eine Korpusanalyse der verschriftlichen Dialoge aus den 20 besucherstärksten deutschen Kinospielefilmen im Zeitraum 2013 bis 2018 durchgeführt und ausgewertet. Darauf folgt eine inhaltliche Detailanalyse der im Korpus enthaltenen Film-Trilogie *Fack Ju Göhte*, anhand derer die Absicht des Schimpfens als situative Dimension exemplarisch untersucht wird.

4.1 Methodisches Vorgehen zur Bestimmung von Schimpfwörtern mithilfe eines erstellten Filmkorpus

In Anlehnung an bereits existierende Forschung zum Schimpfwort-Themenfeld wird im Folgenden der Forschungsansatz einer Korpusanalyse von Dialogen aus deutschen Kinospielefilmen begründet. Hierfür wird zunächst die gewählte Herangehensweise dieser Arbeit mit bereits existierenden empirischen Forschungsansätzen abgeglichen.

Innerhalb der linguistischen empirischen Forschung zu Schimpfwörtern zeichnet sich, wie bereits in Kapitel 2.2 angeführt, der Mangel an authentischem Material ab. Oftmals stützen sich Untersuchungen auf durch die Autoren selbst erzeugte Beispielsätze (u. a. Havryliv 2009, S. 18; Technau 2018, S. 24). Dieser Willkür wollen u. a. Technau (2018) und Havryliv (2009, 2017) entgegenwirken. Havryliv (2009, 2017) ermittelt ihre empirischen Daten mithilfe von mündlichen und schriftlichen Interviews zum Gebrauch von verbaler Aggression. Technau (2018) erforscht Beleidigungswörter durch die Kombination von Fragebögen und versteckten teilnehmenden qualitativen Beobachtungen.

Technau orientiert sich bei der Wahl seiner Forschungsmethode an sogenannten *off-line experiments*. In diesem Zusammenhang werden hinsichtlich der Forschung zu Schimpfwörtern bzw. verbaler Aggression zwei verschiedene Methoden unterschieden: *on-line* und *off-line experiments* (Sportono/Bianchi 2015, S. 241). Die *on-line experiments* (vgl. u. a. Van Berkum et. al. 2009) kennzeichnen sich durch im Labor durchgeführte Untersuchungen aus, bei denen im Gehirn der Probanden stattfindende Prozesse während der Benutzung von Schimpfwörtern untersucht werden. *Off-line experiments* hingegen untersuchen den natürlichen Sprachgebrauch von

Schimpfwörtern inhaltlich und unter realen Bedingungen – abseits der künstlichen Laborumgebung. Unter *off-line experiments* fallen die Forschungsmethoden der Befragung und Beobachtung sowie die Analyse von gesprochener Sprache auf der Basis von Korpora (Spotorno/Bianchi 2015, S. 242). Im Bezug auf den methodischen Nutzen steht bei *off-line experiments* das Ziel im Vordergrund, den Kontext zu analysieren, in dem die Schimpfwörter benutzt werden, sowie die Häufigkeiten festzustellen, mit denen die Schimpfwörter im täglichen Sprachgebrauch verwendet werden. Außerdem besteht bei *off-line experiments* die Möglichkeit, große Informationsmengen bzw. Datensets erstellen und qualitativ sowie quantitativ auswerten zu können (Spotorno/Bianchi 2015, S. 242).

Havrylivs (2009) Ansatz einer empirischen *off-line* Forschung durch mündliches oder schriftliches Abfragen von Schimpfwörtern und deren Gebrauch werden in dieser Arbeit nicht verfolgt. Grund dafür ist unter anderem der bereits herausgestellte Tabuisierungscharakter der vulgären Schimpfwörter. Dieser Tabuisierungscharakter birgt die Gefahr, verfälschte Antworten zu evozieren, da die Befragten aus einer angenommenen sozialen Angemessenheit heraus nicht wahrheitsgetreu, sondern im Sinne einer sozialen Gewünschtheit (social bias) antworten könnten. Havryliv (2009, S. 40) selbst führt dieses Defizit der Methode von schriftlicher und mündlicher Befragung in ihrer Arbeit an und entkräftigt diese auch im weiteren Verlauf ihrer Ausführungen nicht. Abseits des soeben genannten Defizits sei zudem dahingestellt, ob die Befragten außerhalb einer realen Schimpfsituation überhaupt zu einer wahrheitsgetreuen Wiedergabe von verbaler Aggression fähig sind; nicht zuletzt, da der emotionale Zustand während der Befragung womöglich anders gelagert sein mag als in einer Schimpfsituation.

Die Untersuchung zur Bestimmung der Quellbereiche und die Analyse von Schimpfsituationen dieser Arbeit stützt sich daher im Sinne der Technau'schen Methode (2018) auf das Erstellen eines Korpus aus beobachteter gesprochener Sprache. Technau (2018) erstellt in seiner Forschung einen Korpus aus privat-informellen Audioaufnahmen seines Freundeskreises. So wie bei Technau wird der Ansatz einer Untersuchung von gesprochener – wenn auch fiktionaler – Sprache in dieser Arbeit unter anderem daher gewählt, weil Schimpfwörter primär in der gesprochenen Sprache realisiert werden. (Jay/Jay 2015, S. 254; s. a. Kapitel 2.6).

Innerhalb der Forschung von Schimpfwörtern spielt besonders die Auseinandersetzung mit ihrer Semantik und Pragmatik eine entscheidende Rolle. Bei der Suche nach geeignetem Material für semantische und pragmatische Untersuchungen von vulgären deutschen Schimpfwörtern in gesprochener Sprache gestaltet sich jedoch das grundlegende Problem einer fehlenden Existenz

von authentischen aktuellen Daten bzw. Korpora der gesprochenen Sprache, in der vulgäre Schimpfwörter überhaupt vorkommen. So finden sich bei der Betrachtung der Korpora in der Datenbank für gesprochenes Deutsch (DGD) kaum Beispiele für die Verwendung von vulgären Schimpfwörtern. Vor dem Hintergrund, dass der erste, theoretische Teil dieser Arbeit die Relevanz von Schimpfwörtern in der deutschen Alltagssprache sowie die Tabuisierung dieser Wörter nicht nur im DaFZ-Kontext, sondern auch in der Forschung forciert, wird auch hier ein Social-Bias bzw. eine Tabuisierung vermutet. Auch das Alter der Korpora der DGD gestaltet sich als Problem, da die Wahrnehmung und somit die Verwendung von Schimpfwörtern sprachliche Aktualität verlangt (s. a. Schimpfwörter im Bedeutungswandel, Kapitel 2.5). Da die Gesprächsdaten der Korpora mitunter Jahrzehnte alt sind, können unter Umständen keine aktuellen Aussagen zum Sprachgebrauch darauf basierend formuliert werden. Zudem reduzieren sich die existierenden Korpora oftmals spezifisch auf sprachlich dialektale Varietäten¹⁶.

Web-Korpora, wie der auf der Plattform SketchEngine verfügbare Korpus *deTenTen13* aus dem Jahr 2013, wurden nicht ausgewählt, weil sie zum einen auf schriftlichen Texten aus dem Internet basieren, die oftmals nicht dialogisch angelegt sind, und weil zum anderen nur schwer Metaaussagen über die Verfasser, Entstehungszeit und den Hintergrund herangezogen werden können. Gleichwohl böten sich solche Korpora für die gezielte Untersuchung der Benutzung von Schimpfwörtern im schriftlichen Austausch über soziale Internetplattformen als authentische Quellen an, da sie auf den tatsächlichen Inhalten der entsprechenden Seiten basieren.

Technaus (2018) Vorgehen, ein selbst erstelltes Korpus aus Audiodaten anzulegen, wurde in dieser Arbeit ebenfalls nicht verfolgt; zum einen, weil das versteckte Aufnehmen von Gesprächen – auch mit darauffolgender Einholung der Einwilligung zur Aufnahme und Auswertung – im Allgemeinen, aber auch gerade im Bezug auf das Tabuthema *Schimpfen* als unethisch und im öffentlichen Raum als nicht durchführbar angesehen wird; zum anderen, weil aus praktischer Sicht eine solch groß angelegte Aufnahmenvielfalt den Umfang dieser Arbeit sprengen würde. Außerdem bietet sich Technaus Ansatz vor dem Hintergrund, dass das Forschungsinteresse zum Schimpfen in dieser Arbeit nicht nur auf den Wortschatz, sondern hinführend zur Didaktisierung für den DaFZ-Unterricht auch auf den Gebrauch von Schimpfwörtern in den unterschiedlichen indentifizierten Situationen abzielt, nicht an. Technaus Aufnahmen stammen aus

¹⁶ Varianten im DGD u. a.: Deutsche Mundarten: Kreis Böblingen (1965-1967), Schwarzwald (1964/1974), Zwirner-Korpus (1955-1970)

Gesprächen mit Freunden bei privaten Abendessen. Sie erfassen dadurch vor allem Banter-, nicht aber emotional geladene Schimpf- und Fluchsituationen.

Selbsterstelltes Film-Korpus

Durch die fehlenden empirischen Daten zu Schimpfwörtern werden in dieser Arbeit die Daten für die Auswertung anhand eines selbsterstellten Korpus⁴ generiert, das die verschriftlichen Dialoge aus den erfolgreichsten bzw. besucherstärksten deutschen Kinospielelfilmen der Jahre 2013 bis 2018 enthält. Die Wahl einer korpusbasierten Analyse anhand von Kinospielelfilm-dialogen folgt dem Ansatz von Heiss und Soffritti (2005), die ebenfalls Filmkorpora zur Analyse von gesprochener Sprache heranziehen. Heiss und Soffritti (2005, S. 207) begründen die Benutzung eines Korpus aus verschriftlichten Kinospielelfilmen darin, dass sich in Filmdialogen zahlreiche typische Erscheinungsformen von authentisch gesprochener Sprache feststellen ließen. Diese Erscheinungsformen von gesprochener Sprache in Filmen zeigten eine gezielte Nachahmung der Sprachrealität und reflektierten so die deutsche Alltagssprache. Folglich könnten Filmdialoge als „eigenständiges kohärentes Subsystem [der deutschen Alltagssprache] und nicht als Ersatz bzw. Ikone eines anderen Subsystems behandelt werden“ (Heiss/Soffritti 2005, S. 207). Ähnlich formuliert es Lay (2009, S. 109): „Filme zeigen trotz ihres fiktiven Charakters weitgehend realistisch wirkende Kommunikation, die situativ eingebettet ist.“ Hinführend zur Didaktisierung von Filminhalten für den DaF-Unterricht spricht auch Mac (2011, S. 73) dem Medium „authentische, gesprochene Sprache“ zu und betont, dass „ein aktuelles und wirklichkeitsbezogenes Bild des fremden Landes und der fremden Leute vermittelt“ werde. Zwar sicherlich nicht ganz ohne wirtschaftliches Eigeninteresse stellt auch das *Netzwerk für Film und Medienkompetenz* in seinem Praxisleitfaden zu *Film im Fremdsprachenunterricht* heraus, dass Film „[als] ein audiovisuelles Medium, das realen Kommunikationssituationen vergleichsweise nahe kommt, [...] eine authentische Quelle für die Vermittlung von Sprache und Kultur“ sei (Solte 2016, S. 5).

Darüber hinaus sind Filmdialoge nicht nur maßgeblich von der gesprochenen Sprachrealität bestimmt, sondern beeinflussen wiederum selbst wechselseitig eben diese Sprachrealität (Heiss/Soffritti 2005, S. 207). Heiss und Soffritti (2005, S. 207) führen in diesem Zusammenhang die unter anderem zunehmende Verwendung von Anglizismen in der deutschen Sprachrealität als Resultat des Gebrauchs eben solcher in Filmdialogen an. Als Beispiel für diese wechselseitige Wirkungsbeziehung hinsichtlich Schimpfwörter sei der bereits in der Einleitung dieser Arbeit angeführte Ausruf „Chantal, heul leise“ aus dem Film *Fack Ju Göhte* genannt.

Die saloppe Beschimpfung „Heul leise!“ war bereits vor dem Erscheinungsjahr des Kinospiefilms *Fack Ju Göhte* prominenter Teil der deutschen Jugendsprache (giga 2019). Die Integration dieser „lebensechten“ Formulierung in den Dialog des Jugendfilms spiegelt also ein authentisches Sprachbild. Gleichzeitig entsteht aber ebenfalls ein reziproker Effekt: Die Verbreitung dieser Formulierung wird durch die hohe Bekanntheit und Reichweite des Films exponenziert und ihre Benutzung in Form einer (pop-) kulturellen Bestätigung manifestiert. Durch die Verbindung des authentischen Sprachmaterials mit dem Namenszusatz „Chantal“ – ein Charakter aus dem Film – wird der bereits existierende Ausruf darüber hinaus aber auch noch um eine Sprachkomponente, eben diesen Namen, erweitert bzw. pointiert. Im Falle dieses Beispiels wurde dadurch gar der aus authentischer Sprachrealität und filmischer Reflexion zusammengesetzte Ausruf als geflügeltes Wort in die deutsche Jugendsprache zurückgespielt (giga 2019).

Neben der Abbildung von Sprachrealität in Filmdialogen betonen Heiss und Soffritti (2005, S. 207f.) als positiven Zusatzfaktor die günstigen Voraussetzungen für eine Aufbereitung der Daten zu Analysezwecken. Durch die Verknüpfung von Audio- und Videomaterial fallen Transkriptionen wesentlich leichter und die Verfügbarkeit von Untertiteln dämmen den Aufwand einer Transkribierung zusätzlich ein (Heiss/Soffritti 2005, S. 208). Sprachdaten einem zusammengestellten Film-Korpus zu entnehmen, haben zudem den Vorteil einer großen Situationen- und Personenvielfalt (worauf die exemplarische Analyse in Kapitel 4.3 basiert). Darüber hinaus bietet die Wahl des Film-Korpus‘ hinführend zur Didaktisierung für den DaF- und DaZ-Unterricht direkte Anknüpfungspunkte.

Vor dem Hintergrund der Limitationen durch die Tabuisierung und die fehlende Aktualität bei bestehenden Sprach-Korpora, durch das Risiko des *Social Bias* bei der Durchführung von Befragungen und durch die mangelnde Situationsvielfalt bei Beobachtungen, wird für diese Arbeit die Analyse auf Basis des beschriebenen Filmkorpus‘ als sprachreflexives Werkzeug durchgeführt. Zunächst wird anhand des Korpus‘ und auf Grundlage der identifizierten Quellbereiche das Auftreten von vulgären Schimpfwörtern im deutschen Sprachgebrauch kategorisch untersucht. In einem zweiten Schritt werden die herausgearbeiteten Sprechakte, in denen Schimpfwörter angewandt werden, in einer exemplarischen Detailanalyse auf die Absicht der Schimpfenden als situative Dimension des Schimpfens hin betrachtet.

Filmauswahl zur Korpusanalyse von Schimpfwörtern

Das Film-Korpus besteht aus den verschriftlichten Dialogen der 20 besucherstärksten deutschen Kinofilme mit einer Altersfreigabe ab zwölf Jahren aus dem Zeitraum 2013 bis 2018 (s. Tabelle 3). Diese Auswahl ist darin begründet, dass diesen Filmen eine hohe Aktualität zuzusprechen ist. Darüber hinaus wird angenommen, dass der Erfolg der Filme für eine hohe Bekanntheit in Deutschland spricht, dadurch eine kulturelle Relevanz widerspiegelt und eine allgemeine positive Resonanz beim deutschen Kinopublikum bestätigt, worin eine starke wechselseitige und sprachreflexive Beziehung der Filme zur deutschen Sprachrealität als postuliert gesehen wird.

Filme mit einer geringeren Altersfreigabe als zwölf Jahre wurden aus dem Korpus ausgeschlossen, da Kinder erst ab dem zwölften Lebensjahr zu einer distanzierten Wahrnehmung des Gezeigten fähig sind und „Bedrohungs- und Konfliktsituationen“ (spio-fsk 2010, S. 10) einzuordnen wissen. Im Bezug auf die derbe Sprachverwendung in dem Kinofilm *Fack ju Göhte 3* (FJG3) führt die FSK etwa an, dass erst „12-Jährige diese Aspekte einzelnen Situationen beziehungsweise Charakteren zuordnen und sich entsprechend distanzieren [können]. Da sie die Genremechanismen und den Humor des Films jederzeit entschlüsseln können, ist diese Altersgruppe in der Lage, sich eigenständig mit den Themen und der Message des Films auseinanderzusetzen.“ Durch den Ausschluss von Filmen mit geringeren Altersfreigaben soll gesichert werden, dass keine Filme berücksichtigt werden, bei denen zum Schutz der kindlichen Zuschauer Sprach- und Lebensbereiche tabuisiert wurden.

Die ausgewählten Filme stammen aus den Genres *Komödie*, *Drama* und *Suspense* und decken dadurch die am meisten nachgefragten Kinofilmgenres (ffa 2018, S. 35) sowie unterschiedlichste (Alltags-) Situationen und Stimmungen ab. Alle Filme „spielen“ in der Gegenwart, weshalb ihnen zeigemäßer Sprachgebrauch zugeschrieben wird. Der Korpus wurde überdies um die Kinofilme dezimiert, die einen starken dialektalen Sprachgebrauch gebrauchen, da im Zuge der Arbeit Schimpfwörter untersucht werden, die eine überregionale Gültigkeit besitzen.

Tabelle 3: Besucherstärkste Kinofilme in Deutschland mit Kinostart zwischen 2013 – 2018 (Quelle: Comscore.com (2019))

Besucherstärkste Kinofilme mit Kinostart zwischen 2013 - 2018					
Rang	Titel	Starttermin	FSK	Gesamtbesucher	Genre
1	Fack Ju Göhte 2 (FJG2)	10.09.2015	12	7.733.799	Komödie
2	Fack Ju Göhte (FJG1)	07.11.2013	12	7.410.454	Komödie
3	Fack Ju Göhte 3 (FJG3)	26.10.2017	12	6.073.063	Komödie
4	Willkommen bei den Hartmanns	03.11.2016	12	3.737.749	Komödie
5	Traumfrauen	19.02.2015	12	1.699.157	Komödie
6	Der geilste Tag	25.02.2016	12	1.657.791	Komödie/Drama
7	Der Nanny	26.03.2015	12	1.654.907	Komödie
8	Stromberg – Der Film	20.02.2014	12	1.320.221	Komödie
9	Klassentreffen 1.0	20.09.2018	12	1.132.698	Komödie
10	Vier gegen die Bank	25.12.2016	12	1.124.487	Komödie
11	Feuchtgebiete	22.08.2013	12	947.678	Komödie/Drama
12	Tschick	15.09.2016	12	892.906	Komödie
13	Who am I – Kein System ist sicher	25.09.2014	12	756.051	Suspense
14	Aus dem Nichts	23.11.2017	12	590.910	Suspense/Drama
15	High Society	14.09.2017	12	577.872	Komödie
16	Das schönste Mädchen der Welt	06.09.2018	12	503.391	Komödie
17	Hot Dog	18.01.2018	12	492.665	Komödie/Action
18	Victoria	11.06.2015	12	357.942	Suspense/Drama
19	Lommböck	23.03.2017	12	341.590	Komödie
20	Hin und Weg	23.10.2014	12	300.933	Komödie

Um die Dialoge in den Kinofilmen untersuchen zu können, wurden zunächst die jeweiligen Drehbücher für das Textkorpus herangezogen. Allerdings stellte sich bei einem Vergleich der Drehbücher mit den tatsächlich gesprochenen Dialogen in den Filmen eine so große Differenz heraus, dass dieser Ansatz wieder verworfen wurde. Schließlich wurden im weiteren Verlauf die Untertitel für die Hörgeschädigtenfassung der jeweiligen Filme als Basis für das Korpus genutzt. Auch hier wurden vorher jedoch die tatsächlichen Filmdialoge mit den Untertiteln abgeglichen. Die Untertitel waren bis auf wenige Ausnahmen¹⁷ synonym zu der im Film gesprochenen Sprache und können dementsprechend zu Untersuchungszwecken herangezogen werden.

Durch das Zusammenfügen der Untertitel aller Filme wurde ein bereinigter¹⁸ Textkorpus aus insgesamt 142'237 Token zusammengestellt.

¹⁷ Diese Ausnahmen wurden händisch angepasst.

¹⁸ Das Korpus wurde um alle Wörter bereinigt, die keine gesprochene Sprache untertiteln, sondern Meta-Informationen (z. B. Geräusch- oder Stimmbeschreibungen) liefern.

4.2 Kategorisierung der Häufigkeiten von Schimpfwörtern aus dem erstellten Film-korpus

Die Frequenz der Schimpfwörter im Film-Korpus wurde mithilfe der in Kapitel 2.4 ermittelten Tabu- bzw. Quellbereiche kategorisiert. Insgesamt wurden allen neun identifizierten Bereichen (im Folgenden *Kategorien*) Schimpfwörter zugeordnet. Exemplarische Ankerbeispiele für die einzelnen Kategorien helfen in der folgenden Auswertung der Ergebnisse, die Äußerungen besser zuteilen zu können (Ansatz nach Mayring 2010, S. 92). Passte eine relevante Äußerung in keine vordefinierte Kategorie, wurde eine entsprechende neue Kategorie entworfen und das Korpus in Bezug auf diese Kategorie erneut untersucht. Anschließend wurden diese Kategorien, wenn nötig, zu Oberkategorien zusammengefasst. Insgesamt wurden basierend auf dem Korpus drei zusätzliche Kategorien erstellt.

Das folgende Diagramm (s. Abbildung 1) zeigt alle Haupt- und Subkategorien sowie die Häufigkeiten der zugeordneten Schimpfwörter, die im Film-Korpus herausgearbeitet wurden.

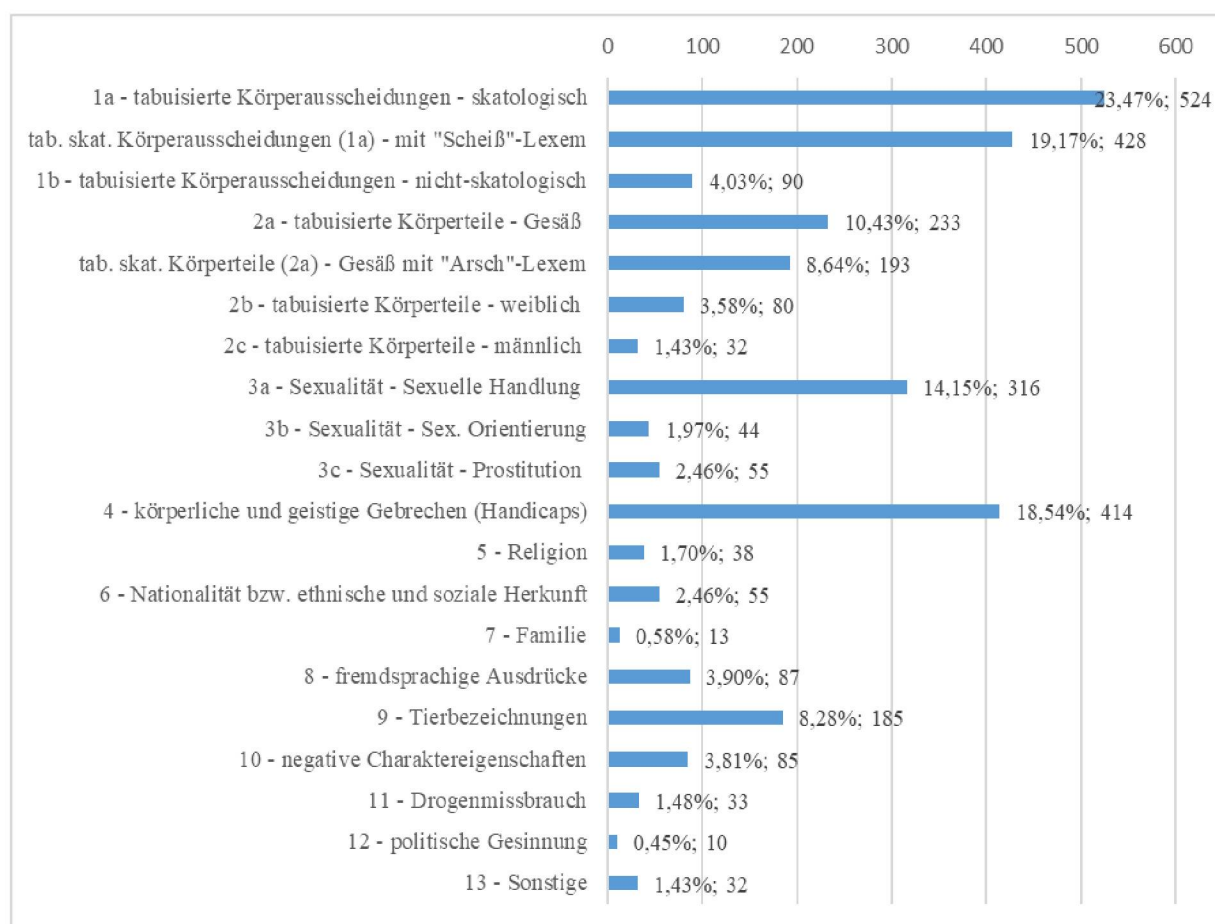


Abbildung 1: Häufigkeiten der Schimpfwörter in ihren Haupt- und Subkategorien (Quelle: Eigene Darstellung)

Bei der Auswertung des Film-Korpus wurden insgesamt 2'233 Token als Schimpfwörter identifiziert. Die Frequenz, mit der Schimpfwörter verwendet werden, beläuft sich demnach auf 1,57 Prozent des Gesamtkorpus' (142'237 Token). Dies übertrifft die Ergebnisse von Jay (2009, S. 155f.) für die Frequenz von Tabuwörtern im US-amerikanischen Sprachgebrauch, wonach 0,5 bis 0,7 Prozent der täglich genutzten Wörter Tabuwörter sind, um mehr als das Doppelte. Anders als in der Untersuchung von Jay (2009, S. 156) nähert sich die Frequenz der Schimpfwörter im hiesigen Korpus der Frequenz der als „benchmark“ herangezogenen „first person plural pronouns“ außerdem nicht nur an, sondern ist nahezu deckungsgleich.¹⁹ Jay (2009, S. 156) folgend, der diese sich annähernden Frequenzen als Beweis für die Relevanz von Tabuwörtern im US-amerikanischen Sprachgebrauch sieht, unterstreicht dieses Verhältnis – natürlich stets vor dem Hintergrund der Limitation durch den lediglich sprachreflexiven Charakter des Film-Korpus' – erneut die Relevanz von Schimpfwörtern auch für die deutsche Alltagssprache.

Die Kategorisierung der einzelnen Schimpfwörter verlief nicht dichotom, da Kombinationen aus verschiedenen Wörtern zu gleichen Teilen verschiedenen Kategorien zugeteilt werden können – so z. B. das Schimpfwort *Arschficker*, das sowohl der sexuellen Sphäre sowie den tabuisierten Körperteilen zuzuordnen ist. Im Folgenden werden die verschiedenen Kategorien einzeln aufgeführt und anhand der Häufigkeiten der ihnen jeweils zugeordneten Schimpfwörter untersucht. Hierbei werden die am häufigsten vertretenen Schimpfwörter exemplarisch für die jeweilige Kategorie herausgearbeitet, um davon ausgehend einen Überblick über die Schimpfwörter in der deutschen Alltagssprache zu geben.

Hauptkategorie: Tabuisierte Körperausscheidungen (1)

Tabuisierte Körperteile (1) ist nach Häufigkeiten der Schimpfwörter die größte Kategorie im Film-Korpus (722 Token), wobei die Subkategorie *skatologische Körperausscheidungen (1a)* (u. a. Kiener 1983, S. 144) den Großteil daran ausmacht und knapp ein Viertel aller genannten Schimpfwörter im Korpus fasst (524 Token). Dieses Verhältnis bestätigen auch existierende Forschungen (u. a. von Nübling/Vogel 2004), wonach der skatologische Bereich im deutschen Wortschatz als besonders frequentes Mittel innerhalb der Schimpfwortverwendung gilt. Besonders häufig wird im Zuge der Benutzung von skatologischen Körperausscheidungen die Wortkombination mit *Scheiß-* (bzw. *Schiss*, *beschissen*) als pejoratives Lexem angewendet. Von den 524 Token dieser Subkategorie beinhalten 428 das Lexem *scheiß*. *Scheiß-* als pejoratives Halbpräfix wird mit diversen Substantiven zur Abwertung des neutralen Kopflexems genutzt. So

¹⁹ Die Frequenz der Pronomen *wir*, *unser* und *uns* beläuft sich im Film-Korpus auf 2'308 Token.

lassen sich Ausdrücke wie *Scheißleben*, *Scheißgeld*, *Scheißschule*, *Scheißkabel* identifizieren. Auch die Kombination von *-scheiße* als Kopflexem (z. B. in *Fernsehscheiße*) findet sich im Korpus wieder. Neben dieser Kombination von pejorativem und neutralem Lexem wird *scheiß* innerhalb des Korpus aber auch in Verbindung mit weiteren pejorativen Lexemen genutzt – wiederzufinden in Wörtern wie *Scheißidiot* oder *Scheißdreck*, bei denen die pejorativ konnotierten Lexeme *Dreck* und *Idiot* mithilfe von *Scheiß* zusätzlich verstärkt werden. Neben *scheiß* als identifiziertem Schimpfwort werden *kacken* und *verkacken* als weitere Lexeme ermittelt, mit denen geschimpft wird bzw. negative Emotionen geäußert werden. *Ober-* wird im Korpus als neutrales Lexem in Kombination mit *Kacke* als verstärkend pejorisierendes Lexem genutzt („Ich seh oberkacke aus.“ *Das schönste Mädchen der Welt* 2018, Min. 01:07:42 - 01:07:43) (für die Ansicht der vollständigen Liste von Schimpfwörtern der tabuisierten Körperausscheidungen siehe Anhang B). Die starke Frequenz, mit der das Lexem *scheiß* – auch im Gegensatz zu anderen Schimpfwörtern – genutzt wird, deutet an, dass die bereits im theoretischen Teil aufgeworfene Vermutung einer Enttabuisierung bzw. eine Minderung der Expressivität (Bechmann 2013, S. 217) des Worts *Scheiße* als Schimpfwort im Sinne des Bedeutungswandels stattgefunden hat (siehe auch Kapitel 2.5).

Die Subkategorie *Nicht-skatologische Körperausscheidungen (1b)* (u. a. Acke et. al. 2011, S. 233) beinhaltet lediglich 4,3 Prozent der Schimpfwörter im Korpus. Die häufigsten Lexeme finden sich hier in Wortformen, die als Substitute für urinieren (*pissen*, *verpissen*) bzw. Urin (*Pisse*) stehen. Aber auch andere Körperausscheidungen wie das Sich-Übergeben (*kotzen*) treten auf. Ebenso wie bei *scheiß-* als pejoratives Halbpräfix wird *piss-* als Kombination mit neutralen Lexemen genutzt. So wird die neutrale Bezeichnung *Kind* in der Kombination mit *Piss-* in das abwertende Schimpfwort *Pisskind* umgewandelt (vollständige Liste der nicht-skatologischen tabuisierten Körperausscheidungen siehe Anhang C).

Hauptkategorie: Tabuisierte Körperteile (2)

Die Kategorie der *Tabuisierten Körperteile (2)* ist in die Subkategorien skatologische *Gesäß-Pejorativa (2a)* (u. a. Acke et. al. 2011, S. 232), *weibliche tabuisierte Körperteile (2b)* (u. a. Acke et al. 2011, S. 232) (Vagina und Brüste) und *männliche tabuisierte Körperteile (2c)* (Penis) (u. a. Acke et al. 2011, S. S. 232) unterteilt. Für die Subkategorie 2a lassen sich Kombinationen mit dem Lexem *Arsch* als am stärksten frequentierte Schimpfwörter identifizieren (mit 193 von 233 Token). Demgegenüber werden die vulgären Bezeichnungen für männliche (u. a. *Schwanz*) und weibliche Geschlechtsteile (*Fotze*, *Titten*) mit 32 bzw. 80 Nennungen sehr viel

seltener genannt (vollständige Liste der verschiedenen Schimpfwörter zu tabuisierten Körperteilen siehe Anhang C). In Kombination mit dem neutralen Lexem *Schule* wird *Fotzenschule* ebenso als eindeutig abwertend genutzt. Hier entspricht *Fotze* in seiner Verwendungsweise als pejoratives Halbpräfix der gleichen Verwendung wie *Scheiß*. Insgesamt zählt die Hauptkategorie der *Tabuisierten Körperteile* 345 Token (ca. 15 Prozent aller Token im Korpus) und ist damit halb so groß wie die Kategorie der *Tabuisierten Körperausscheidungen*.

Hauptkategorie: Sexualität (3)

Die Kategorie *Sexualität* wurde in die Subkategorien *Sexuelle Handlungen (3a)* (Acke et. al. 2011, S. 232), *Sexuelle Orientierung (3b)* (Acke et. al. 2011, S. 232) und *Prostitution* (Acke et. al. 2011, S. 232) gegliedert. In der Kategorie *Sexuelle Handlungen* sind die Lexeme *fick-* bzw. *ficken*, *verfickt*, *rumficken*, *anficken* am häufigsten vertreten. Wie schon bei den Lexemen *scheiß-* und *fotz-* konnotiert auch *fick-* als pejoratives Lexem in Kombination mit einem neutralen Lexem dieses negativ (z. B. *Fickschule*). Zusätzlich findet sich im Korpus das Lexem *fick-* ebenso mit bereits pejorativ aufgeladenen Lexemen wieder und verstärkt diese zusätzlich (*Fickfresse*). Die Substantivierungen von *ficken* und *wichsen*, die zu *Ficker* und dazu synonym *Wichser* werden, dienen als Beschimpfung gegenüber männlichen Personen („Ihr Ficker, gebt mir den Stoff“ FJG3 2017 Min. 00:48:32 - 00:48:36; „Den Wichser machen wir fertig“ Who am I 2014, Min. 00:45:55 - 00:45:58). Innerhalb der Kategorie 3a werden die in Verbindung mit Koitus vulgären Verben *bumsen* und *wichsen* in der Kombination mit neutralen Lexemen verwendet. So entstehen Wortschöpfungen wie *Rudelbums*, *Bums-* bzw. *Wichsbirne*. Im tabuisierten Quellbereich der Kategorie 3b (*sexuelle Orientierung*) reduzieren sich die Schimpfwörter auf Homosexualität, die innerhalb des Schimpfens degradiert wird. Hierbei werden die Lexeme *Schwuchtel*, *schwuchteln*, *Homo* und *Homo-Freund* verwendet. Während erstere Bezeichnungen Homosexualität mit negativer Wahrnehmung verbindet (Beispielhaft angeführt: „Und ich dachte, ihr wärt Schwuchteln. Wegen hier – Lippenstift.“ Tschick 2016, Min. 00:55:12 - 00:55:17), ergibt die Untersuchung des Lemmas *schwul*, dass dieses sowohl zum Beschimpfen bzw. zum Abwerten als auch als eine eher wertfreie deskriptive Beschreibung von Homosexualität vorkommen kann (Als Schimpfwort: „Ihr seid schwul, eure Raps sind schwul. Wisst ihr was? Eure Müdder sind auch schwul!“ Lommbock 2017 Min. 00:46:59 - 00:47:05; „Rollerbladen ist voll schwul, Oma“ Willkommen bei den Hartmanns Min. 00:31:21 - 00:31:23; in nicht-pejorativer Verwendung: „Der Junge mit mir im Schrank war schwul. Weil alle dachten, wir hätten's gemacht, wird er nicht mehr gemobbt.“ Das schönste Mädchen der Welt 2018, Min. 01:03:31 - 01:03:47). Im Bereich der Prostitution (Kategorie 3c) sind *Nutte*,

Schlampe und *Hure* die am stärksten frequentierten Lemmata. Das männliche Pendant *Stricher* hingegen wird nur einmal genannt. Insgesamt ist der *sexuelle Bereich* (3a, 3b, 3c) bei 415 Nennungen mit 17,86 Prozent, also knapp einem Fünftel aller gezählten Schimpfwörter, etwas größer als die Kategorie der *Tabuisierten Körperteile* und steht zusammen mit dem Bereich der körperlichen und geistigen Gebrechen an zweiter Stelle hinter der Kategorie 1 – ist aber beinahe nur halb so groß (vollständige Liste der Schimpfwörter aus dem Tabubereich der *Sexualität* siehe Anhang D).

Hauptkategorie: Körperliche und geistige Gebrechen (Handicaps) (4)

Der Quellbereich der Handicaps beinhaltet 18,54 Prozent aller Schimpfwörter im Korpus und bildet damit – auf etwa gleicher Ebene mit dem sexuellen Quellbereich – den am zweithäufigsten gebrauchten Quellbereich im Filmkorpus. Als Beschimpfung gegenüber Personen finden hier die Lexeme *Spasti*, *Spacko*, *Spacken* als Abwandlungen des Wortes *Spastiker* besonders hohe Verwendung (vollständige Liste aller Schimpfwörter aus dem Quellbereich der Handicaps siehe Anhang E). Ebenso werden stellvertretend für Beschimpfungen gegenüber Personen die Lexeme *Krüppel*, *Schwachmat*, *Trottel* und *Psycho* im Filmkorpus identifiziert. Mithilfe von *Voll-* als neutrales Präfix in Kombination mit den Schimpfwörtern *Idiot*, *Honk*²⁰ und *Trottel* wird pejorative Verstärkung erreicht (*Vollidiot*, *Vollhonk*, *Volltrottel*). Auch *Ober-* als Präfix wird in der Kombination mit *Spastis* (*Oberspastis*), wie schon bei *Kacke* als Pejorativa, als verstärkendes Attribut innerhalb des Korpus‘ genutzt („War ja klar, ihr Oberspastis. [...] Macht doch, was ihr wollt.“ Tschick 2016, Min. 47 00:54:23 - 00:54:34). Auch wird die Möglichkeit einer Kombination von Aneinanderreihungen von diversen pejorativen und neutralen Lexemen aufgefunden (*Oberhartespackenfresse*, *Das schönste Mädchen der Welt* 2018). Bei dieser Verwendung wird *Fresse* als vulgäres Schimpfwort für Mund – *Oberhartespackenfresse* ist durch den tierischen Vergleich als Beleidigung ebenfalls der tierischen Kategorie zugeordnet – aus zweierlei Sicht spezifiziert: zum ersten durch *Spacken* als zusätzliches negatives Attribut, zum zweiten wird in einer Neuschöpfung *Oberhart* mit der bereits spezifizierten *Spackenfresse* zusätzlich als noch pejorisierender definiert.

Neben den bereits angeführten Substantiven, die auf ein geistiges Handicap bzw. auf das Degradieren der Intelligenz abzielen, finden sich Adjektive (*blöd*, *bescheuert*, *dumm*, *doof*) als Wörter zur Beleidigung im Filmkorpus wieder. Innerhalb des Aussehens finden sich gehäuft Bezeichnungen, die auf das Degradieren von adipösem Körpergewicht abzielen (*Dickerchen*,

²⁰ Honk steht als Akronym für **H**auptschüler **o**hne **n**ennenswerte **K**enntnisse (Meininger 2017, S. 45)

Fettsack, fett, dick). Eine Sonderrolle nimmt das Wort *behindert* als Beschimpfung bzw. der neutrale Gebrauch dieses Wortes ein. In den identifizierten Dialogstellen im Film-Korpus lässt sich in den Beispielen des Bedeutungswandels, den *behindert* als Schimpfwort durchmacht, bzw. falls es als Schimpfwort gebraucht wird, die spezielle Wahrnehmung als politisch inkorrekt feststellen (*behindert* zum Gebrauch eines tatsächlich existierenden Handicaps A: „Sogar deine Schwester kommt öfter aus Neuseeland.“ B: „Die hat ein behindertes Kind.“ Lommbock, 2017 Min. 50 00:22 - 00:22:56; *behindert* als Beschimpfung abseits einer real existierenden Erkrankung: A: „Ist doch voll behindert, sich das zu stechen.“ B: Behindert? A: Hörst du schwer, Opa? Das war 'ne Beleidigung.“ Vier gegen die Bank, 2018 Min. Min. 00:39:03 - 00:39:11).

Hauptkategorie: Religion (5)

Der Quellbereich der religiösen Schimpfwortlexik macht mit 1,70 % nur einen sehr geringen Teil des Schimpfwortschatzes im Korpus aus; reduziert auf einzelne Kompositionen wie etwa *Himmelherrgott* (vollständige Liste des religiösen Schimpfwort-Quellbereichs siehe Anhang F). Allerdings wird das Lexem *Gott* als Interjektion in großem Maße gebraucht und findet sich in insgesamt 161 Dialogstellen wieder. Hierbei wird *Gott* in den meisten Frequenzen im Zusammenhang mit *Oh* und oftmals mit einem zusätzlichen *mein* als Ausruf bzw. Verstärkung und Schreckmoment gebraucht; beispielhaft festzumachen an „Oh mein Gott. Oh, ist das hoch!“ (Der Nanny 2015, Min. 01:18:37 - 01:18:39) oder „Oh Gott, und erzähl bitte Mama nichts davon oder Papa.“ (Willkommen bei den Hartmanns 2016, Min. 01:10:42 - 01:10:46). Ebenso wird das Lexem *Verdammt* alleine stehend und in der Funktion einer Verstärkung genutzt, aber auch im Zusammenspiel mit dem beschimpften Subjekt bzw. Objekt gebraucht (Beispiel *verdammt* im Sinne der Fluch-Funktion von *Scheiße*! „Richard, provoziere mich nicht. Hilf mir lieber, verdammt!“ Willkommen bei den Hartmanns Min. 00:03:38 - 00:03:41; *verdammt* als zusätzliches Attribut im Sinne einer Verstärkung: „Und bis dahin wär's verdammt wichtig, dass er in Ruhe und Frieden leben kann.“ Willkommen bei den Hartmanns 2016, Min. 00:28:37 - 00:28:42).

Hauptkategorie: Nationalität bzw. ethnische und soziale Herkunft (6)

Beleidigungswörter als Ethnophaulismen im Sinne der Technauschen Beleidigungswörter der^{+PG} konnten nur zu einem geringen Teil von 2,46 % im Film-Korpus identifiziert werden (vollständige Liste siehe Anhang G). Vor diesem Hintergrund beschränkte sich die Beschimpfung mit Bezug auf Nationalitäten gegen (türkische) Migranten (*Kanacken* – „Er ist zu dünn,

sieht aus wie ein Kanacke und stinkt“. FJG 3 2017 Min. 01:08:53 - 01:08:55). Auch das Lexem *Zigeuner* als Beschimpfung findet sich im Korpus wieder („Alle nennen ihn Zigeuner, keiner fragt ihn, wie es ihm geht.“ FJG3 2017 Min. 01:09:18 - 01:09:22). Ebenso wird *Zigeuner* mit dem zusätzlichen Attribut *jüdisch* innerhalb einer jungen Generation genutzt und mit negativen Attributen (wohnungslos) belegt, aber gleichzeitig nicht als politisch inkorrekt Begriff hinterfragt (A: „Jüdische Zigeuner, das gibt's nicht. Das ist wie englische Franzosen.“ B: Es gibt jüdische Franzosen und jüdische Zigeuner. A: „Entweder bist du Jude oder Zigeuner. Jude ist 'ne Religion. Zigeuner ist der ohne Wohnung.“ Tschick 2016 Min. 00:28:39 - 00:28:50). Als weitere genannte Schimpfwörter aus dem Quellbereich der ethnischen Herkunft finden sich u. a. die Lexeme *Neger*, *Kokospflücker*, *Schlitzauge*, *Scheiß-Afrikaner*, *Scheiß-Fidschi* wieder.

Im Zuge der Erweiterung der Kategorie *ethnische Herkunft* wurde diese um die Kategorie der *sozialen Herkunft* erweitert. Im Sinne einer „Abnormität“ wird die soziale Herkunft so z. B. als asozial bzw. Assi (Assi-Kind) degradiert. („Ich konnte Tschick nicht leiden. Keiner konnte ihn leiden. Tschick war ein Assi, und so sah er auch aus.“ Tschick 2016 Min. 00:08:34 - 00:08:41). Zudem wird die Beschimpfung als Empfänger von sozialer Unterstützung durch den Staat (Hartz-IV) als soziale Erniedrigung und Degradierung genutzt (*Hartzer*, *Hartz-IV-Atzen*) („Ich lass mich nicht von Hartz-IV-Atzen verarschen“ Der Nanny 2015 Min. 01:14:47 - 01:14:51).

Hauptkategorie: Familie (7)

Konkrete pejorative Lexeme, die die Familie beleidigen, treten mit einer sehr niedrigen Frequenz auf (0,58%), sind also kaum relevant. Gängigstes Lexem ist hierbei die Beschimpfung der Mutter (*Hurensohn* bzw. die Akürzung *Huso*, *Hurenkind*, *Bastard*, vollständige Liste siehe Anhang H). Allerdings lässt sich, schon im Hinblick auf einen späteren Didaktisierungsvorschlag, das in der Jugendsprache auftretende Phänomen der „(Fick) Deine Mutter-Sprüche“ beobachten (A: „Fick deine Mutter. [...]“, A: „Ja was fick deine Mutter? Biste behindert? Fick deine Mutter!“ FJG1 2013 Min. 00:06:48 - 00:06:50).

Hauptkategorie: Fremdsprachige Schimpfwörter (8)

Der fremdsprachige Quellbereich der im Filmkorpus vorkommenden Schimpfwörter macht 3,90 Prozent aller Schimpfwörter aus und bewegt sich ebenfalls im niedrigen, wenig relevanten Frequenzbereich. Hierbei sind die am häufigsten genannten Schimpfwörter *Fuck* (54 Token) und *Bitch* (17 Token). Auch werden Anglizismen in Form von Verben übertragen (*abfucken*, *abgefickt*, vollständige Liste des Quellbereichs der fremdsprachigen Schimpfwörter siehe Anhang I).

Hauptkategorie: Tierbezeichnungen (9)

Für das Schimpfen durch den Vergleich mit Tieren oder mit tierischen Eigenschaften zeigt der Korpus eine ausgeprägtere Frequenz auf. Immerhin 8,28 Prozent der identifizierten Schimpfwörter im Film-Korpus beziehen Tierbezeichnungen oder tierische Attribute mit ein. Auffällig ist hierbei die Übertragung der Lexeme *Schnauze* oder *Fresse* als pars per totum auf den Mund als Körperteil (die vollständige Liste der Schimpfwörter aus dem Quellbereich der Tierbezeichnungen und tierischen Attribute siehe Anhang J). Während das Lexem *Schnauze* in Form von Aufforderungen (A: „Der oberste Knopf gehört zu.“ B: „Halt die Schnauze“ Hot Dog 2018 Min. 00:18:25 - 00:18:31) alleine steht, wird das Wort *Fresse* neben der Verwendung als alleinstehendes Schimpfwort („Halt die Fresse!“ Victoria 2015 Min. 01:46:38 - 01:46:40) als pejoratives Kopflexem zusammen mit ebenfalls pejorativen oder neutralen Lexemen kombiniert (*Spackenfresse*, *Unschuldssfresse*, *Waffelfresse*).

Bulle als Beleidigungswort bzw. expressiv konnotiertes Schimpfwort (s. expressive und deskriptive Bedeutung Kapitel 2.7.1) findet sich ebenfalls im Film-Korpus wieder (Zeki: „Scheiße, Bullen. Verpisst euch!“ FJG1 2013 Min. 01:15:00 - 01:15:01). Tatsächlich bezieht sich das Lexem *Bulle* im gesamten Korpus nie auf seine ursprüngliche Form als männliche Kuh, sondern steht ausschließlich als negativ-expressives Synonym für *Polizist*. Zusätzlich wird das in diesem Kontext als pejorativ wahrgenommene Lexem häufig mit dem ebenfalls vulgär wahrgenommenen Lexem *Fotze* als Kopflexem kombiniert. Während *Bulle* zur Bezeichnung von Polizisten auch als weniger aggressiv beleidigend, jedoch auch negativ konnotiert wahrgenommen werden kann, ist die Kombination von *Bullenfotze* ein heftiges Schimpfwort mit eindeutig beleidigenden Absichten.

Hauptkategorie: Negative Charaktereigenschaften (10)

Die Kategorie *Negative Charaktereigenschaften* ist nicht in der Literatur verankert und wurde auf Grundlage des Korpus neu entworfen. Tatsächlich lassen sich für die Kategorie verschiedene Schimpfwörter finden, die keiner anderen Kategorie zuzuschreiben sind. Diese Schimpfwörter heben – wie die Bezeichnung der Kategorie vermuten lässt – (vermeintliche) negative Charaktereigenschaften der Beschimpften hervor. Die Kategorie fasst 3,81 Prozent aller Schimpfwörter im Korpus und hat damit eine höhere Relevanz als etwa die Kategorien *Familie* (7) oder *Nationalität und Herkunft* (6), zeigt sich aber im Vergleich zu den stärkeren Kategorien als weit abgeschlagen. Beispiele für die Kategorie sind Schimpfwörter wie *Lügner*, *Feigling*,

petzen, verpetzen, schleimen oder *Blender* (die vollständige Liste des Quellbereiches der negativen Charaktereigenschaften siehe Anhang K).

Hauptkategorie: Drogenmissbrauch (11)

Als weitere neu entworfene Kategorie wird der Tabubereich des *Drogenkonsums* bzw. *-missbrauchs* im Film-Korpus berücksichtigt (die vollständige Liste siehe Anhang L), obwohl die Häufigkeit entsprechender Schimpfwörter mit nur 1,48 Prozent recht niedrig ausfällt. Dennoch finden sich unterschiedliche Schimpfwörter, die sich keiner anderen Kategorie zuordnen lassen. Tabubezug und pejorativ gefärbte Lexeme durch die Hervorhebung nicht nur des Drogenkonsums an sich, sondern des übertriebenen Drogenkonsums der Beschimpften, zeichnen die Schimpfwörter in dieser Kategorie aus (*weggefixt, zugeballert, zugekiff, besoffen, Alki, Fixer*).

Hauptkategorie: (politische) Gesinnung (12)

Die dritte neu erstellte Kategorie fasst die *(politische)* Gesinnung als Angriffsfläche zur Beschimpfung auf. Diese Kategorie ist zwar nur auf wenige Lexeme im Korpus beschränkt (Frequenz: 0,45 Prozent), dennoch wird sie als relevant angesehen, da sie vor allem hinsichtlich der interkulturellen Natur des DaFZ-Unterrichts zur Sensibilisierung der Lernenden beiträgt. Pejorativ konnotiert treten in dieser Kategorie die Lexeme *Nazi* und *Faschist*, aber auch *Öko* auf. Auch hier werden Lexeme zur Verstärkung oder zur pejorativen Färbung kombiniert, wie etwa bei *Öko-Faschist*, *Öko-Arsch*, *Öko-Weichei* oder *Nazi-Großeltern* (die vollständige Liste siehe Anhang M).

Sonstige (13)

Unter *Sonstige* sind alle Lexeme gefasst, die zwar pejorativ ausgelegt werden, sich als Schimpfwort aber keiner Kategorie zuordnen lassen und für eine eigene Kategorie zu selten und unabhängig zu anderen Schimpfwörtern auftreten (die vollständige Liste zum Quellbereich *Sonstige* siehe Anhang N). Hierunter fallen kreierte Wortschöpfungen wie *Hammernase*, aber auch kreative Neuschöpfungen wie *Botox-Beulenpest*, die im Hinblick auf den DaFZ-Kontext Potential zum kreativen Sprachgebrauch bieten könnten. Die Kategorie *Sonstige* beinhaltet 32 Token (1,38 Prozent aller Schimpfwörter). Das bedeutet, dass nahezu alle identifizierten Schimpfwörter (98,62 Prozent) einer Kategorie zugeordnet werden konnten.

Die Analyse zum Schimpfwortschatz in der deutschen Sprache ermittelte das Vorkommen aller neun Quell- und Tabubereiche aus Kapitel 2.4. Somit können die in dieser Forschungsarbeit

formulierten Hypothesen H1, H2, H3, H4, H5, H6, H7, H8, und H9 angenommen werden. Zusammenfassend hat die Kategorisierung des Film-Korpus postuliert, dass Schimpfwörter aus dem skatologischen Tabubereich (Kategorie 1a), wie in der bisherigen Literatur formuliert, am häufigsten genutzt werden (ca. ein Viertel aller Token im Korpus). Insgesamt machen die *tabuisierten Körperausscheidungen* (also über die skatologischen Ausscheidungen hinaus) sogar knapp ein Drittel aller ausgesprochenen Schimpfungen aus. Halb so oft werden jeweils Schimpfwörter aus den Tabubereichen der *Sexualität* sowie der *körperlichen und geistigen Gebrechen* gebraucht. Das bedeutet, dass diese drei Kategorien das Schimpfen im deutschen Sprachgebrauch dominieren. Zwei Drittel aller Schimpfungen schöpfen sich aus diesen Tabubereichen. Ferner spielen Schimpfwörter basierend auf *tabuisierten Körperteilen* eine Rolle. Um diese Kategorie ergänzt, zeigt sich, dass sich über 80 Prozent aller Schimpfungen auf die tabuisierten, intimen Bereiche des menschlichen Körpers (und im weitesten Sinne dessen Funktionen und Erweiterungen) beziehen: seine Exkremte, seine Sexualität und seine Behinderungen. Das folgende Diagramm (s. Abbildung 2) veranschaulicht noch einmal die 13 Haupt-Kategorien sowie die Häufigkeiten der zugeordneten Schimpfwörter, die im Film-Korpus herausgearbeitet wurden.

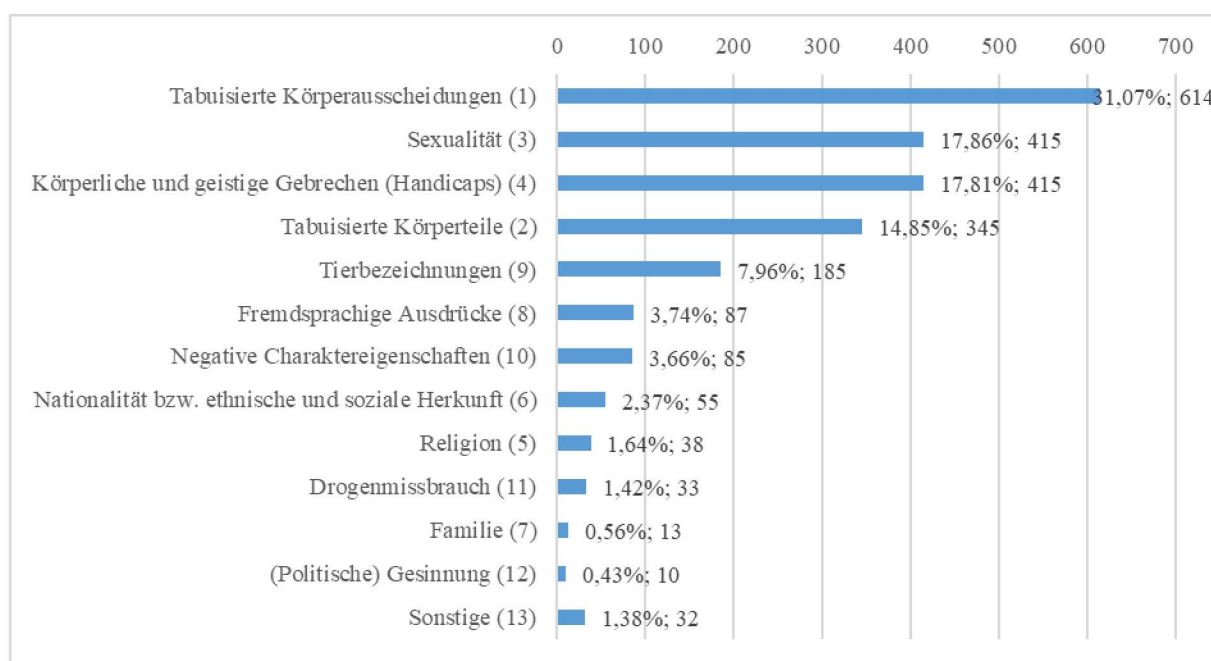


Abbildung 2: Häufigkeiten der Schimpfwörter in ihren Hauptkategorien (Quelle: Eigene Darstellung)

Es bleibt zu diskutieren, welche der identifizierten Tabubereiche für eine Didaktisierung im DaF- und Daz-Unterricht angeführt werden sollen. Denn ausgehend von Bechmann (2013, S. 217) kann – wie bereits mehrmals angeführt – die häufige Nutzung von Schimpfwörtern deren

expressive Wucht mindern und schließlich zur Enttabuisierung dieser Wörter führen. Dies spräche dafür, über eine allgemeine Verortung des Schimpfens im deutschen Sprachgebrauch hinaus die Lernenden vor allem für die weniger frequentierten Kategorien zu sensibilisieren. Denn es stellt sich doch die Frage, ob die niedrige Frequentierung dieser Tabubereiche darin begründet ist, dass diese Bereiche eben doch ob ihres wahrgenommenen *Tabuisierungs-Grades* für das Schimpfen gemieden werden – und deshalb im Rahmen einer (Be-) Schimpfung eine umso höhere expressive Wucht beigemessen bekommen. Diese These würde dadurch gestützt, dass die Kategorien *Nationalität und Herkunft* und *politische Gesinnung* zwar als Quellbereich im deutschen Sprachgebrauch existent sind, hinsichtlich der deutschen Geschichte aber aus gutem Grund zum Schimpfen kaum benutzt werden.

4.3 Exemplarische Analyse der Schimpf-Absicht als situative Dimension des Schimpfens in der Fack ju Göhte-Filmtrilogie

Im Hinblick auf die verschiedenen Verwendungsweisen von Schimpfwörtern und hinführend zu den Didaktisierungsansätzen für den DaFZ-Unterricht in Kapitel 5 wird ausgehend von den in Kapitel 2.7 herausgestellten situativen Dimensionen des Schimpfens anhand der im Korpus enthaltenen Film-Trilogie *Fack Ju Göhte* im Folgenden die Dimension der Schimpf-Absicht exemplarisch untersucht.

Hierzu wird nach den verschiedenen Absicht-Kategorien des *scherzhaften Beschimpfens* (Absicht 1; in Anlehnung an Technau (2018) im Folgenden auch als *Banter*), des *Fluchens* als nicht-subjektgerichtetes Schimpfen (Absicht 2) und der *realen Beschimpfung als Beleidigung* (Absicht 3) unterschieden. Die Kategorie *Beschimpfen als Beleidigung* wurde überdies in Anlehnung an Havryliv (2017, S. 30) in die zwei Subkategorien der *direkten Beleidigung* (Absicht 3a) und der *indirekten Beleidigung* (Absicht 3b) unterteilt. Entgegen der hiesigen Kategorisierung unterteilt Havryliv (2017, S. 30) „verbale Aggressionen“ (hier Synonym zu *Schimpfen*) in „direkte Beleidigung“ (kongruent zu Absicht 3b), „scherzhaften Gebrauch“ (kongruent zu Absicht 1) und „Abreagieren von Emotionen“. Mit der Bezeichnung „Abreagieren von Emotionen“ definiert Havryliv indirekte Beleidigungen, also Beschimpfungen, die an dritte, nicht anwesende Personen gerichtet sind (demnach kongruent mit Absicht 3b) sowie nicht-subjektgerichtetes Schimpfen (kongruent zu Absicht 2).

Die deskriptiv-statistische Auswertung der *Fack Ju Göhte*-Trilogie hinsichtlich der Schimpf-Absichten zeigt, dass Absicht 1 (*scherzhaftes Beschimpfen*) mit 12 Prozent am seltensten vertreten ist, während Absicht 2 (*Fluchen*) mit 40 Prozent mehr als ein Drittel aller Fälle ausmacht. Absicht 3 (*Beschimpfung als Beleidigung*) fasst nahezu die Hälfte aller Fälle zusammen (47 Prozent), wobei 32 Prozentpunkte auf Absicht 3a (*direkte Beleidigungen*) und 15 Prozentpunkte auf Absicht 3b (*indirekte Beleidigungen*) entfallen (s. Abbildung 3). Am häufigsten werden Schimpfwörter also im ernstesten, nicht scherzhaften Zusammenhang verwendet, wobei am liebsten direkt oder indirekt subjektgerichtet geschimpft, sprich beleidigt, wird.

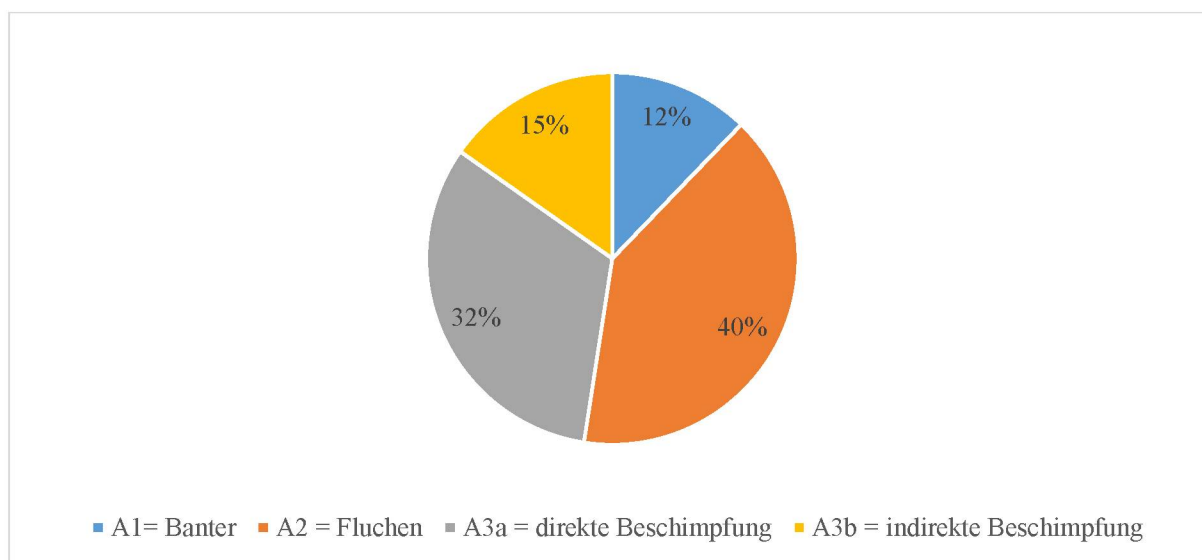


Abbildung 3: Häufigkeiten der Absichten zum Schimpfen (Quelle: Eigene Darstellung)

Bei Havrylivs (2017, S. 30) liegen die Häufigkeiten zu den Schimpf-Absichten im Vergleich zu den hiesigen Ergebnissen etwas versetzt. Die mithilfe von Fragebögen ermittelten Werte für „echte“ *direkte Beleidigungen* (Absicht 3a) liegen um ein Dreifaches niedriger als im FJG-Korpus bei lediglich elf Prozent. Die Relevanz der Absicht des *scherzhaften Beleidigens* ordnet Havryliv hingegen mit 25 Prozent um etwa zweimal höher ein als es hier der Fall ist (Absicht 1: 15 Prozent). Die Absicht des *Abreagierens*, die den Absichten 2 und 3b im untersuchten Filmkorpus entsprechen, nimmt bei Havryliv wiederum zwei Drittel (64 Prozent) aller Fälle ein und liegt damit auf einem ähnlichen Niveau wie der *Fack ju Göhte*-Korpus (55 Prozent). Es wird daher angenommen, dass die exemplarische Untersuchung der *Fack ju Göhte*-Filme zwar nicht repräsentativ und durch den zusätzlichen fiktionalen Filmcharakter getrübt ist, aber ebenfalls Havrylivs Ergebnisse vor dem Hintergrund angezweifelt werden müssen, dass im Rahmen der Befragung durch soziale Erwünschtheit ein Social Bias vorliegt und die Ergebnisse verzerrt sein könnten. Der Umstand, dass sich die Werte für die Absicht 3a und die Absicht 1 in den

beiden Betrachtungen nahezu entgegengesetzt positionieren, bestärkt die Annahme, dass die Befragten bei Havryliv im Zuge der sozialen Erwünschtheit *echte verbale Aggression* unter den Deckmantel der Scherzhaftigkeit gestellt haben. Dennoch lässt sich in beiden Untersuchungen bestätigen, dass alle genannten Absichten für den Gebrauch von Schimpfwörtern relevant sind.

Folgend wird nun an exemplarischen Beispielen aus der *Fack ju Göhte*-Trilogie der Gebrauch verschiedener Banter, Fluch- und realen Beleidigungsabsichten vorgestellt. Die Wahl der *Fack ju Göhte*-Trilogie wurde daher getroffen, da diese die besucherstärksten Kinofilme im Film-Korpus zusammenfasst und darüber hinaus viele verschiedene Schimpf-Situationen beinhaltet. Innerhalb der exemplarischen Analyse werden neben sprechakttheoretischen Auswertungen auch die Beziehung zwischen den Beteiligten einer Schimpf-Situation sowie der soziale Raum (privat oder mit Zuhörern), in dem die Situation stattfindet, berücksichtigt. Die Verschriftlichung der Ankerbeispiele erfolgt in Anlehnung an die Konventionen des gesprächsanalytischen Transkriptionssystems GAT2 Minimaltranskript (Selting et al. 2009). Jedoch bleiben hierbei verschiedene für die Analyse nicht relevante Faktoren unberücksichtigt. Somit liegt eine stark vereinfachte Form der Transkription vor.

Analyse zur Absicht 1: Banter

Wie bereits in Kapitel 2.7.2 herausgestellt, verfolgt der scherzhafte Gebrauch von Schimpfwörtern bzw. Beschimpfungen/Beleidigungen in der Absicht *Banter* (1) nach Technau (2018, S. 287) die Motivation von 1. Kritik/Problembewältigung/Konfliktlösung, 2. Machtspiele/Anzeige und Steigerung von Macht, 3. Beziehungsarbeit/Ingroup-Markierung/Festlegung freundschaftlicher Bande, 4. Humoristische Unterhaltung. In diesem Zusammenhang legt Technau jedoch auch dar, dass die einzelnen Motivationen nicht unabhängig voneinander verfolgt werden, sondern durchaus ineinander übergehen oder zusammen bewirkt werden sollen (Technau 2018, S. 287).

Folgendes Banterbeispiel ist dem Kinofilm FJG3 entnommen. Der Kosmos des *Fack ju Göhte*-Universums dreht sich um Zeki Müller (Elyas M'Barek), im ersten Kinofilm frisch aus dem Gefängnis entlassen, und seinem Weg als Rüpel-Gangster zu Rüpel-Lehrer. Die andere Protagonistin ist Elisabeth (Lisi) Schnabelstedt (Karoline Herfurth), schüchterne Lehrerin, die sich in Zeki verliebt und ihn auf einen mehr oder weniger ehrlichen Lebensweg führt. Zentrum des Films sind die Auseinandersetzungen und Situationen mit der Klasse 10b und den als „asozial“

deklarierten Schülern Chantal, Danger, Zeynep und Burak. In der folgenden Dialogszene treffen die Hauptcharakter des Films um die Clique von Chantal, Zeynep, Burak und Danger (alle circa 16 Jahre) vor einem Kiosk aufeinander.

Beispiel 1

Min. 00:06:37 - 00:06:42

D = Danger (Schüler)

C = Chantal (Schülerin)

- 1 D: Na Fotzies (h).
- 2 C: Na ihr Stricher (h) ((gegenseitiges Begrüßungsküsschen
- 3 auf die Wange)) .
- 4 D: ((Danger nimmt das Getränk von Chantal)) Dankeschön .

Das Beispiel zeigt auf der propositionalen/lokutiven Ebene der Sprechakttheorie die Kennzeichen einer „echten“ *verbalen Beleidigung* und auch das Kontern der „Gegenseite“ mit einer auf den ersten Blick ebenso drastischen Beschimpfung könnte auf eine *echte Beleidigung* (im Sinne der identifizierten Absicht 3) schließen lassen. Im Zuge der scherzhaften Kennzeichnung durch Lachpartikel, wird jedoch eine Zuordnung zur möglichen Banterkennzeichnung offensichtlich. Im Sinne eines eigenen ihnen innewohnenden Wertesystems der Jugendlichen wird hier die Scheinbeleidigung sowohl von Sprecher- als auch von Hörerseite nicht als solche identifiziert. Im Gegensatz zu einer „echten“ Beschimpfung, bei der der illokutive Sprechakt als Ziel die tatsächliche Beleidigung mit dem Erwirken der Perlokution des „Beleidigt sein“ hat, wird in dem angeführten Beispiel genau gegenteilig gerade die von Technau aufgezeigte zweite Kategorie identifiziert, die auf Offenlegung des freundschaftlichen Umgangs bzw. der Beziehungsarbeit unter den Freunden und der „In-Group“-Markierung hinweist. Einer nach Goffmann und Kothhoff (2010, S. 62) ausgemachten Face-Bedrohung im Sinne eines gesichtsbedrohlichen scherzhaften Humors (siehe Kapitel 2.7.2) läuft diese Banter-Situation durch die symmetrische und freundschaftliche Beziehung der Sprecher keine Gefahr. Zusätzlich offenbart Dangers Antwort „Dankeschön“ (Zeile 4) innerhalb der perlokutiven Ebene ihren nicht-beleidigenden Charakter.

sozialer Raum gegeben, in dem die Sprecher Lisi und ihre Freundin Caro ohne weitere Zuhörer interagieren. Lisi und Caro stehen zusammen auf dem Schulhof, Zeki läuft circa fünf Meter entfernt an den beiden vorbei.

Beispiel 3

Min. 00:14:35 - 00:15:07

L = Lisi (Elisabeth Schnabelstedt)

C = Caro (Lisis Freundin)

ZE = Zeki

- 1 L: ((aufgeregt)) Ach Caro , meine Haare, Caro wie sehn meine
- 2 Haare aus?
- 3 C: Du, genauso bescheuert wie gestern Nacht. Also wo ist
- 3 dein Problem?
- 5 L: Da war er ja besoffen. Hey ((Zu Zeki, der vorbeiläuft)))
- 6 ZE: Hey >> p Fuck! >.
- 7 C: Na, war ja ne megaheiße Nacht , ne? ((Lisi will Zeki
- 8 nachrennen)) Elisabeth! Häng ihm jetzt nicht am Arsch wie
- 9 so ne ungebumste Jung f er , bitte. So, cool Play jetzt , ja?
- 10 Ganz ruhig.
- 11 L: Ich hasse cool Play. Ich will endlich ma wieder nen
- 12 festen Freund .
- 13 C: ((ironisch)) Dann sagstes ihm genau so, dann klappts
- 14 garantiert .

Die propositionalen Sprechakte von Caro gegenüber Lisi haben auf illokutiver und perlokutiver Ebene nicht die Intention einer „tatsächlichen“ Beleidigung. Vielmehr versucht sie, die Situation und Lisi mithilfe neckender, aber ebenfalls beruhigend intendierten, scherzhaften Beschimpfungen zu normalisieren. Vorrangig geht es bei Caros scherzhaften Beschimpfungen gegenüber Lisi also um Konfliktlösung, wobei aber gleichzeitig auch die enge freundschaftliche

An einem weiteren Beispiel wird ein Gesichtsverlust im Zusammenhang mit Banter noch offensichtlicher. Lisi kommt als Lehrerin neu in die Klasse, in der Burak, Danger, Chantal und Zeynep Schüler sind.

Beispiel 5

Min. 00:20:26 - 00:09:19 Min.

D = Danger (Schüler)

L = Lisi (Elisabeth Schnabelstedt, Lehrerin)

- 1 L: Guten Morgen, ich bin die Frau Schnabelstedt ((freundlich
- 2 zur Klasse gewandt))
- 3 D: >> f > Frau Schnabelspast (h) > ((Klasse lacht, Lisi ist
- 4 irritiert und ignoriert Dangers Kommentar))

Danger beleidigt Lisi, um sich innerhalb seiner „In-Group“ in Form einer scherzhaften Unterhaltungsvorführung zu profilieren. Dies macht er, indem er ihren Namen als Spottnamen vor der gesamten Schulklasse modifiziert. Lisi erleidet durch diese Öffentlichkeit einen kompletten Gesichtsverlust. Trotz der asymmetrischen Beziehung, bei der Lisi als eigentlich hierarchisch höherstehende Person (Lehrerin vs. Schüler) fungiert, gelingt es ihr nicht (z. B. durch verbales Kontern), den gesichtsbedrohlichen Humor und den damit einhergehenden Gesichtsverlust abzuwehren.

Als Fazit der untersuchten Szenen gilt demnach, dass Banter bzw. scherzhafte Beleidigungen auf der Sprecherseite zwar als gelungen angesehen werden können – der illokutive bzw. perlokutive Sprechakt (Dangers Scherz ist innerhalb der Wahrnehmung seiner Klasse von Erfolg gekrönt) also gelingt – jedoch aus einer sozialen, moralisch-ethischen Sicht als beleidigend gesehen werden kann, da Lisi von Gesichtsverlust getroffen ist.

Analyse von Absicht 3a: direkte Beschimpfung

Als eine noch drastischere Situation, bei der verbale Aggression die tatsächliche Funktion einer Beschimpfung erfüllt und eine zusätzliche Bedrohung inklusive Gesichtsverlust des Beschimpften mit sich bringt, zeigt folgende Szene exemplarisch: Burak (Schüler) und Zeki Müller treffen sich das erste Mal in der Schule. Zeki wartet auf das Vorstellungsgespräch bei der Schulleiterin Frau Gerster und löst angesichts der vielen Mitbewerber den Feueralarm aus, um

für ihn diese falsche Zuweisung zusätzliche Konsequenzen in Form einer Verwarnung nach sich zieht. Zekis Beleidigung wirkt also im Zusammenspiel mit Machtausübung und vor dem Hintergrund von Buraks Machtlosigkeit. Zusätzlich spitzt sich diese Situation für Burak noch zu: Bei dem Versuch, sein Gesicht wiederherzustellen bzw. Klarheit zu schaffen, indem er Zeki mithilfe einer Beschimpfung (Zeile 12) degradiert, wird Burak in vulgärer Weise von Zeki beleidigt. Diese Beschimpfung, die den Charakter einer Drohung aufweist, ist auf propositionaler und illokutiver Ebene aber nicht durchführbar. Die Drohung als deskriptive Beschreibung „Faust in den Arsch stecken“ dient hierbei nur dem höheren Ziel, Burak durch Gewaltandrohung ruhig zu stellen. Der gewünschte perlokutive Effekt, den Zeki mit dieser Sprachhandlung erreichen will, tritt auch ein, da Burak schweigt und sich nicht zu Wehr setzt. Spiegelte in der Dialogstelle mit Lisi und Caro der private soziale Raum noch einen schützenden Charakter wider, durch den Lisi ihr Gesicht bewahren konnte, wirkt Zekis Drohung gerade durch diese Privatheit und Buraks fehlende Möglichkeit, die Dinge richtig zu stellen. Durch Öffentlichkeit wäre Zeki in diesem Fall enttarnt und die Drohung verlöre ihre Wirkung. Mit Burak als ausschließlichem Zuhörer ist der private Raum hier Symbol für die uneingeschränkte Macht Zekis, die sich sowohl auf sprachlicher als auch auf tatsächlich ausgeführter Droh- bzw. Erniedrigungsgebärde manifestiert. Das Anschmieren des Kaugummis auf Buraks T-Shirt bildet hier den Übergang von psychischer zu physischer Gewalt, der Zekis Drohungen zusätzlich untermauert und die asymmetrische Beziehung beider Parteien verdeutlicht.

Verbale Aggression mit Frust (nach Absicht 3) findet sich in der Film-Trilogie neben der eben angeführten Situation sowohl an Beispielen, in denen von vorne herein eine asymmetrische Beziehungskonstellationen im Sinne einer sozialen Hierarchie vorliegt, als auch in Situationen, bei denen die Sprecher in affektgeladenen bzw. emotionalen Situationen einen Beschimpften beleidigen, der ihnen im Hinblick sozialer Hierarchiedanken gleich steht bzw. mit dem sie eine enge, durchaus freundschaftliche Beziehung pflegen. Neben diesen Situationen findet sich auch Evidenz im Film, die die von Havryliv attestierte These erhärtet, wonach sich die verbale Aggression gegen Mitmenschen zum einen gegen Unbekannte richtet (oftmals im Straßenverkehr) und zum anderen gegen die Menschen, mit denen eine emotional nahe Verbindung besteht (Havryliv 2009, S. 29). Ein Exempel für eine Schimpf-Situationen, in der eine generelle asymmetrische Beziehungskonstellation existiert, findet sich etwa in dem eben erwähnten Beispiel durch den Altersunterschied und Buraks unterstellte Position als Jugendlicher und Schüler im Gegensatz zu den Lehrern Zeki und Frau Gerster. Als Dialogstelle, bei der verbale Aggres-

als Aufforderung zu verstehen. Durch die Bezeichnung *Mistviecher* unterstreicht sie die Verzweiflung und ihre Machtlosigkeit im Umgang mit der Klasse 10b und reagiert sich gleichzeitig im Sinne einer Katharsis ab. Gleichzeitig verdeutlicht sie Frau Gerster mit der Beschimpfung ihr Anliegen und dem Wunsch nach Hilfe. Frau Gerster jedoch geht in ihrer Reaktion der perlokutiven Intention von Frau Leimbach-Knorr nicht nach. Genau gegenteilig nutzt Frau Gerster ihre hierarchisch höherstehende Position aus und verweigert ihre Hilfe. Ihr fehlender Wille zur Konfliktlösung hinterlässt eine schluchzende und wütende Frau Leimbach-Knorr, deren erlittener Gesichtsverlust durch die „Tinten-Attacke“ der Klasse 10b weiter besteht. Zusätzlich manifestiert Frau Gerster ihre dominante Position, indem sie Frau Leimbach-Knorr nicht zu Wort kommen lässt, unterbricht (Zeile 5) und so eine asymmetrische Beziehung und Kommunikation erschafft.

Neben dem eben angeführten Beispiel 7, in dem auf illokutiver Ebene eine Aufforderung stattfindet und eine asymmetrische Kommunikationssituation vorliegt, wird im nächsten Beispiel die Möglichkeit der indirekten Beleidigung in einer symmetrischen Kommunikation und Beziehung vollzogen. In der Szene sitzen die Freundinnen Laura und Meike, beide 14 Jahre, auf dem Schulhof. Eine Mitschülerin der beiden Mädchen, Greta, aus derselben Klasse steht circa fünf Meter weiter weg und spricht mit den „coolen“ und zwei Jahre älteren Jugendlichen Danger und Burak. Greta hört nicht, was Laura und Meike sagen.

Beispiel 8

FJG1

Min. 00:09:15 - 00:09:19

M = Meike (Schülerin)

L = Laura (Schülerin)

1 M: ((guckt abfällig rüber zu Greta)) Schlampe

2 L: Aber echt ey. Wusstest Du, dass Sie Push - Up trägt?

Die Freundinnen vollführen im Rahmen eines privaten Sozialraums ohne Zuhörer eine indirekte Beschimpfung, bei der sie ihrer Mitschülerin negativ konnotierte Attribute (*Schlampe*) zuschreiben. Das Läster-Verhalten der Freundinnen kann die Stärkung ihrer freundschaftlichen Bande (nach Technau Motivation 1 von Banter) auf perlokutiver Ebene bewirken. Gleichzeitig verdeutlicht die indirekte Beschimpfung von Meike und Lauras Beipflichtung, die Abneigung

- 1 LK: Bin ich tot oder was?
- 2 LK: Nein, Nein. Gott sei Dank nicht.
- 3 LK: Scheiße!

Erkennbar wird in Frau Leimbach-Knorrs „Fluch-Ausruf“, den sie in Gegenwart von Lisi äußert, das Fehlen einer adressierten Beschimpfung. Durch die fehlende Gerichtetheit gegen ein Subjekt ist in der Situation somit kein Drohmoment erkennbar. Das Lexem *Scheiße* spiegelt hier vielmehr den emotionalen Frust Frau Leimbach-Knorrs über ihre subjektiv interpretierte missliche Lage wider. Ihr Ausruf (*Scheiße*) könnte daher im Sinne eines kathartischen Abreagierens wahrgenommen werden und offenbart zusätzlich Frau Leimbach-Knorrs Verzweiflung.

Die beim Fluchen emotional mitschwingende Komponente kann auch in einem weiteren Ausruf Lisis identifiziert werden. So ruft sie in Sorge um Zeki „Scheiße, das Handy ist aus. Hoffentlich macht der jetzt keinen Mist“ (FJG1 2013 Min. 01:35:29 - 01:35:32). *Scheiße* als Fluch fungiert hier als Ausdruck und gleichzeitiger Kanalisator von Angst, die Lisi um Zeki hat.

Innerhalb der in diesem Kapitel erfolgten Analyse ließen sich alle drei Absichten des Schimpfgebrauches wiederfinden, die in Kapitel 2.7.2 herausgestellt wurden. Somit kann die in dieser Forschungsarbeit formulierte Hypothese H10 mit der Frage nach den im deutschen alltäglichen Sprachgebrauch vorkommenden Absichten von Schimpfwörtern bestätigt werden. Die Analyse der Schimpf-Absichten in der *Fack ju Göhte*-Trilogie hat außerdem gezeigt, dass sich scherzhafte Beleidigungen (*Banter*, Absicht 1) auf der propositionalen/lokutiven Ebene mit der direkten Beschimpfung (Absicht 3a) deckt. Allerdings steht im Gegensatz zu der Illokution und Perlokution einer direkten Beleidigung nicht das Ziel einer Kränkung mit Gesichtsverlust im Vordergrund, sondern – ganz gegenteilig – die Festigung der Freundschaft, soweit Schimpfender und Beschimpfter eine symmetrische, freundschaftlicher Beziehung pflegen. Des Weiteren kann die scherzhafte Beschimpfung zur Konfliktlösung dienen. Doch auch Machtspiele, die auf die humoristische Unterhaltung der Umstehenden abzielen, können im Zentrum von scherzhafte Beleidigungen stehen. Hierbei spielt der Parameter der Öffentlichkeit und vor diesem Hintergrund die öffentliche Inszenierung eine entscheidende Rolle für den erwirkten Face-Verlust. Im Zuge solcher Banter-Situationen spielt das Kontern durch den Beschimpften eine entscheidende Rolle, um der gesichtsbedrohlichen Situation entgegenwirken zu können. Der Gesichtsverlust in einer Banter-Situation kennzeichnet den Übergang von Banter zu realer, direkter Beschimpfung (Absicht 3a). Kann ein privater Raum (im Sinne von fehlenden Zuhörern wie in

Beispiel 2) in Banter-Situationen einerseits eine schützende Funktion erwirken, sorgt diese Privatheit innerhalb einer direkten Beschimpfung (Beispiel 6) für eine Verstärkung. Innerhalb der Verwendung der Absicht 3b kristallisierte sich eine weniger drastische Gesichtsbedrohung heraus, als es bei Absicht 3a der Fall ist. Im Zuge von indirekten Beschimpfungen (Absicht 3b) werden nicht-anwesenden Personen negative Attribute zugeschrieben und emotional wertende Äußerungen getroffen. Die Analyse von Absicht 2 (*Fluchen*) ergab, dass *Fluchen* mit der Motivation genutzt wird, Frust bzw. Schmerz zu kanalisieren und auf emotionaler Ebene ein kathartisches Abreagieren leistet.

5 Auswertung der Ergebnisse aus der Analyse zum Gebrauch von Schimpfwörtern im Hinblick auf Didaktisierungsvorschläge für den DaF- und DaZ-Unterricht

Ausgehend von der Analyse im vorherigen Kapitel zu den verschiedenen Absichten des Schimpfens wird folgend der Übergang zum DaFZ-Kontext hergestellt. In konkreten Didaktisierungsvorschlägen finden die identifizierten Komponenten aus Kapitel 4.2 und 4.3 Anwendung.

Die Ergebnisse aus der bisherigen Arbeit zeigen, dass durch die Komplexität und den Umfang von *Schimpfen* und *Schimpfwörtern*, die Einbettung einer solchen Thematik in den DaFZ-Unterricht nur innerhalb einer größeren bzw. ganzheitlichen Sicht unter Hinzuziehung verschiedener pragmatischer und semantischer Parameter sinnvoll ist. Das bloße Erlernen der Schimpfwörter ruft weder einen bewussten noch einen verantwortungsvollen Umgang mit ihnen hervor. Es geht demnach nicht darum, den Lernenden einen Schimpfwörter-Katalog an die Hand zu geben, der sie dazu befähigt, eine möglichst breite Palette an Schimpfwörtern abrufen zu können. Vielmehr soll die Thematik innerhalb von Unterrichtseinheiten sinn- und verantwortungsvoll eingebunden werden. Übergreifendes Ziel ist eine durch die Thematisierung von Tabuthemen erreichte Sensibilisierung der Lernenden und eine damit einhergehende kompetente Sprachverwendung sowie (inter-)kulturelles Lernen. Hiermit soll der ebenso von Schröder (1997, S. 196) geforderte Beitrag für den DaFZ-Unterricht geleistet werden, der die Lerner im Umgang mit Tabudiskursen sensibilisiert und ihnen sprachliche Handlungsstrategien vermittelt.

Für die folgende Ausführung der Didaktisierungsvorschläge wurde der Kinofilm FJG1 als Ausgangsquelle für Ansätze ausgewählt. FJG1 vereint – wie in der Analyse bereits erkennbar – eine breite Palette an Tabu- und Schimpfwörter-Themenvielfalt, die im Umgang mit den identifizierten Tabu-Themen aus Kapitel 4.2 eine vielseitige Herangehensweise ermöglicht. Durch die große Popularität und die starke Resonanz, die der Film innerhalb der Medien erfahren hat, liegen vielfältige Rezensionen und Kritiken vor und bieten einen breiten Pool aus verfügbaren Materialien, auf die in der Didaktisierung zurückgegriffen werden kann. Ebenso existieren bereits Materialien zur Didaktisierung, die für die Erstellung von Unterrichtseinheiten zusätzlich genutzt werden können.²¹ Auf Film als Medium im DaFZ wird zurückgegriffen, da es als au-

²¹ Materialien für den Unterricht zum Film Fack ju Göhte vom Goethe-Institut online abrufbar (Reissenberger 2019)

thentisches multimediales Medium hier vielseitig genutzt wird und verschiedene Sprachförderansätze miteinander verbindet (ausführliche Beschreibung von Film als genutztes Medium im DaFZ s. u. a. Holdorf/Maurer 2017).

Aufbauend auf die Analyse aus Kapitel 4.2 und 4.3 zu den (Tabu-) Quellbereichen der Schimpfwörter werden im Hinblick auf die Unterrichtsideen diverse Ansätze präsentiert, die sich als gewinnbringend erweisen können. Hierbei wird, ausgehend von kontrastiven Ansätzen, auf die Zusammenhänge von Sprache und Machtaspekten in der Jugendsprache eingegangen, um hier nach Didaktisierungsmöglichkeiten anzubringen, die die existenten, aber weniger frequenten – da stärker tabuisierten und dadurch sensibleren? – (Tabu-) Quellbereiche Homosexualität (*Sexuelle Orientierung*), ethnische und soziale Herkunft (*Nationalität und Herkunft*) und Drogenmissbrauch (*Drogenkonsum und -missbrauch*) thematisieren.

Kontrastive Herangehensweise

Die Einbindung von kontrastiven Vergleichen können die Ausgangslage für die weitere Erarbeitung und die Einführung von Tabu-Themenfeldern stellen. So lassen sich schon mithilfe der auf Englisch und zudem grammatikalisch inkorrekten Überschrift „Fack ju Göhte“ erste Elemente von Schimpfwörtern als Tabubereich zusammen mit den Lernenden erarbeiten. Fragen nach dem Nutzen dieser Verfremdung können in den Zusammenhang von Zensur gestellt werden und den Unterschied der Benutzung von Schimpfwörtern in der Erst- und Fremdsprache herleiten (s. zur Wahl des Titels *Fack ju Göhte* und die Gründe dafür das Interview mit Thorsten Koch, Geschäftsführer Constantin Film Verleih GmbH und Philipp Hergarden, Leitung Marketing Constantin Film AG, (Wer hat Urheberrecht 2019 S. 4)).

Im Vordergrund der Erarbeitung von Schimpfwörtern aus kontrastiver Perspektive steht die Sensibilisierung der Wahrnehmung vom Schweregrad und Beleidigungsgrad, die in den jeweiligen Sprachen verschieden hoch eingeordnet werden können (hilfreich dazu Emma Byrnes 2017, S. 170-199 „Scheiße, Merde, Cachau – Swearing in other languages“). Auf Grundlage der in Kapitel 4.2 ermittelten Frequenzhäufigkeiten kann auf die verschiedenen Tabu- und Quellbereiche verwiesen werden, die in anderen Sprachen anders konnotiert oder gewichtet sein können. Vor diesem Hintergrund können bei der Thematisierung von Quellbereichen als „leichteres“ Einstiegsthema durchaus das Heranziehen von Tierbezeichnungen und tierischen Attributen im deutschen Schimpfwortsprachgebrauch in den Kontrast gestellt werden zu den in den anderen Sprachen vorherrschenden negativen Tierbezeichnungen. Interessant wird die Auseinandersetzung bzw. der Vergleich dann, wenn sich die Wahrnehmungen von negativ-

zugeschrieben Attributen (z. B. bei den deutschen Bezeichnungen *dumme Sau*, *Schwein*, *Kuh*, *Ochse*) in einem kontrastiven Vergleich nicht mit denen der Fremdsprache decken und dies zu Diskussion und Denkprozessen führt – die Auseinandersetzung mit Tierschimpfnamen führt in Ansätzen und für den eher kindlich konzipierten Fremdsprachenunterricht auch Michael Krüger (1990) in seinem Aufsatz *Die dumme Gans ist keine blöde Kuh* an.

Im Zuge einer kontrastiven Annäherung besteht zudem die Möglichkeit, mithilfe fremdsprachiger Untertitel (die Untertitel zu FJG1 liegen in diversen Sprachen wie englisch, französisch, spanisch etc. vor) vergleichend zu analysieren, inwiefern Schimpfwörter in Film-Untertiteln in andere Sprache übersetzt und welche Tabu- und Quellbereiche als Lösungsansatz gewählt wurden. Im spanischen Kontext bietet sich ein Vergleich des Films „No manches Frida“ an, der als mexikanische Version von FJG1 im Jahr 2016 entstanden ist. Übersetzen als breites Feld und mit der zusätzlichen Verknüpfung von Tabu und Übersetzung (s. u. a. Lebedewa 2016) könnte natürlich eine Herausforderung für den DaFZ-Unterricht darstellen, birgt jedoch im Zuge der „Einbeziehung von Mehrsprachigkeit“ (Holdorf/Maurer 2017, S. 17) und des Zurückgreifens auf bereits existierende Sprachkonzepte in der Muttersprache der Lerner ebensolche Vorteile. Die Arbeit mit verschiedensprachigen Untertiteln ließe sich zudem sowohl in einem heterogenen DaZ- sowie in einem homogenen DaF-Sprachumfeld anwenden.

Bei Übersetzungsarbeiten mithilfe der Untertitel bzw. sogar dem Erstellen eigener Untertitel, falls es Sprachen gibt, für die noch keine Untertitel existieren, würde es sich anbieten, diese aus mehreren Perspektiven zu behandeln. Zum einen könnten Vergleiche auf syntaktischer Ebene im Vergleich von deutschen Schimpfwörtern zu Schimpfwörtern in anderen Sprachen untersucht, zum anderen innerhalb der semantisch-pragmatischen Ebene die Überlegung zum adäquaten Gebrauch der Verwendung von Schimpfwörtern gestellt werden. Angeführt sei hier das Beispiel von Byrnes (2017, S. 107), die etwa den Umstand aufzeigt, dass die Übersetzung des Wortes *fuck* vom Englischen ins Spanische für die Untertitel des Films *Pulp Fiction* nicht ohne Weiteres möglich war, da es kein spanisches Synonym für dieses Schimpfwort gibt, das im Spanischen die gleiche breite Anwendbarkeit über Verben, Nomen, Adjektive und Interjektionen hinweg besitzt wie das englische *fuck*. Als Lösungsansatz führt Byrne hier die Wahl der Übersetzer von verschiedenen Wörtern an (*follar*, *joder*); aber auch neue Kompositionen wie die Übersetzung von „English, motherfucker, do you speak it?“ zu „Mi idioma cabronazo ¿sabes hablarlo?“ an. Gehen wir von einer möglichen Didaktisierung aus, in der z. B. englische Muttersprachler die deutschen Untertitel für einen englischen Film mit dem tatsächlich im Film

Gesprochenen vergleichen, so wären Aufgabenbeispiele interessant, in denen die Lerner ihre Lösungsvorschläge für die Untertitel mit ihren eigenen Ideen abgleichen und so Unterschiede und Konzepte des Schimpfens in den verschiedenen Sprachen hinterfragen und vergleichen können.

Zusätzlich zur generellen Arbeit in Form von Übersetzungen müsste hier auch noch das Thema der eventuellen „entschärften“ Untertitel miteinbezogen werden, also der Tatsache Rechnung getragen werden, dass Untertitel, wieder in Folge von Tabu und Tabuisierung, in ihren Übersetzungen möglicherweise gänzlich auf den Gebrauch von Schimpfwörtern verzichten (Jüngst 2010, S. 52). Dieser Ansatz ließe sich jedoch gerade gut mit dem Tabu-Konzept verbinden und zusammen mit den Lernern herausarbeiten. In diesem Zusammenhang könnte auch noch auf die unterschiedliche Wahrnehmung von schriftlichen und mündlichen Konzepten im Schimpfwörtergebrauch eingegangen und der Tatsache bedacht werden, dass Schimpfwörter eher im mündlichen Gebrauch verankert sind und innerhalb des schriftlichen Sprachgebrauchs (also auch in Lehrwerken) als anstößiger und beleidigender angesehen werden könnten.

Sprache und Macht

Im Zusammenhang mit dem Gebrauch von Schimpfwörtern wäre ein möglicher Didaktisierungsansatz das Einbeziehen von der „Macht der Sprache“, die bei der Verwendung von Schimpfwörtern mitschwingt. So könnten Emotionen, deren adäquate Behandlung – wie bereits in der Einleitung und Kapitel 3 herausgestellt wurde – kaum authentisch in den Lehrwerken behandelt wird, in die Unterrichtseinheiten integriert werden. Die in Kapitel 4.3 herausgearbeiteten Szenen bieten sich als Ausgangspunkt für eventuelle Rollenspiele an, um außersprachliche Parameter innerhalb des Schimpfens, wie *Öffentlichkeit* und *Beziehung*, zu behandeln. Zentrale Fragen nach Emotionen, die man ausdrückt, während man beschimpft wird oder selbst beschimpft, könnten z. B. auch in Bezug auf Auseinandersetzung mit Mobbing bzw. Hassrede aktiv behandelt und bekämpft werden. In jedem Fall fände eine Auseinandersetzung mit dem Thema *Gewalt und Sprache* bzw. *Sprache und Macht* statt, die vor dem Hintergrund der eigenen Wahrnehmung bzw. dem Erlernen von kompetenter Sprachverwendung ganz im Sinne des Lernenden sein kann.

Jugendsprache

In diesem Zusammenhang kann weiterführend die Verwendung von Jugendsprache in Banter-Situationen bzw. die Verwendung von Jugendsprache als Beispiel für interaktionalen Sprachgebrauch thematisiert werden. Sprachvarianten wie Jugendsprache, aber auch Kiezdeutsch als Ethnolekt (vgl. Wiese 2012), der sich in FJG1 nachweisen lässt, könnten hierbei eine zentrale Rolle für das Sichtbarmachen einer Verwendung von Schimpfwörtern in einem Sprachgebrauch spielen, der sich abseits von (schriftlichen) Standardvarietäten abzeichnet (vgl. dazu Ziegler/Reersghemius (2017) *Sprachkontaktinduzierte jugendkulturelle Stile im DaF-Unterricht: Beispiel aus dem Film „Fack ju Göhte“*). Ebenso bietet der Kontext von Schimpfen und Schimpfwörtern mit jugendsprachlichen Elementen die Möglichkeit des Sichtbarmachens von Tenderscheinungen wie die *Deine-Mutter*-Floskeln, deren scherzhafte Intention den Lernenden evtl. so nicht vertraut sein könnte (vgl. Kümmel 2011).

Annäherung an Tabuthemen mithilfe von Kollokationen

Der Umgang mit Tabuthemen wie Homosexualität oder Prostitution erfordert einen besonders sensiblen Umgang im interkulturellen DaFZ-Unterricht (s. Kapitel 3). Vor allem bei der Thematisierung von Homosexualität muss bedacht werden, dass diese in bestimmten Ländern mitunter unter Strafe gestellt wird und in diesem Zusammenhang im DaF-Unterricht außerhalb Deutschlands besonders vorsichtig reflektiert werden muss (s. Hägi-Mead (2017) zur Thematisierung von Homosexualität im DaF-Unterricht). Im Zuge des DaFZ-Unterrichts und im Zusammenhang mit Wörtern wie *schwul* bietet die Auseinandersetzung mit dem Begriff aber auch die Möglichkeit, sich reflektiert mit dem historischen und aktuellen politischen Geschehen, die diese Bereiche berühren, auseinanderzusetzen.

Exemplarisch wird dieser Didaktisierungsansatz folgend anhand des Tabu-Themas *Homosexualität* angeführt. Allerdings wäre ebenso eine Übertragung auf die Erstellung anderer Kollokationen von Schimpfwörtern bzw. von im Zusammenhang mit Tabus stehenden Begriffen möglich. Um sich der verschiedenen konnotativen Wahrnehmungen von *homosexuell* und *schwul* zu nähern, wurde mithilfe von *SketchEngine* der Korpus *deTenTen13* auf die Kollokationen eben jener Wörter erstellt. Die folgenden Feststellungen erheben nicht den Anspruch auf Analyse-Genauigkeit, sondern sollen den Vorteil der Annäherung mithilfe von Kollokationen im Zusammenhang mit Tabu-Themen verdeutlichen (s. Abbildung 4).

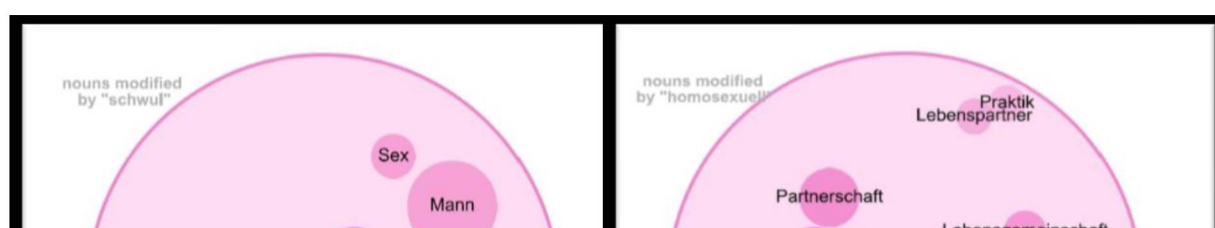


Abbildung 4: Kollokationen von *schwul* und *homosexuell* (Quelle: SketchEngine)

Als Ergebnis zeigt sich ein unterschiedlicher kontextueller Gebrauch der Wörter *schwul* und *homosexuell*. Das Wort *schwul* steht im Gegensatz zu *homosexuell* in seinen Kollokationen mit emotional stärker geladenen und hinsichtlich einer Schimpf-Absicht pejorativ gewichteten Begriffen (wie *Sau*) zusammen. Auffällig ist außerdem, dass in den Kollokationen zu *homosexuell* das Wort *Sex* – anders als beim Wort *schwul* – nicht vorkommt. Im Hinblick auf einen diskursanalytischen Ansatz können z. B. die Kollokationen von *schwul* und *Sau* in Form von der Beschimpfung *schwule Sau* oder die Fußball-Affären um das Outing von diversen Fußballspielern besprochen werden (Das Thematisieren vom Coming-Out homosexueller Fußballspieler thematisiert auch Hägi-Mead 2017). Im Zusammenhang mit den Kollokationen von *homosexuell* als nicht-pejoratives Gegen-Lexem können politische Bereiche wie die Thematisierung um das verabschiedete Gesetz zur gleichgeschlechtlichen Ehe (BGB 2019) in Deutschland, aber auch im weltweiten Kontext und in kontrastiven Ansätzen angesprochen werden. Die Auseinandersetzung mit den auftauchenden Kollokationen bietet also die Möglichkeit, sich der metasprachlichen und medialen Aufmerksamkeit um das Thema Homosexualität zu nähern und im Zuge dessen auch einen sensiblen und tabuisierten Sprachbereich zu beleuchten.²² Die Herangehensweise, über Kollokationen einen kulturellen bzw. landeskundlichen Zugang zum deutschen Sprachgebrauch zu vermitteln, bietet sich auch für diverse andere pejorative Lexeme an, deren Vielseitigkeit einen sensiblen Sprachgebrauch im Sinne der PC erfordert, wie die Tabuthemen *Religion, Nationalität und Herkunft* oder *Politische Gesinnung*.

²² Im Zusammenhang mit einer metasprachlichen Herangehensweise im Unterricht böten sich Artikel wie der Zeit-Artikel von Parvin Sadigh (2019) *Immer noch die 'Scheißschwuchtel'* zur Thematisierung von Homophobie/Homosexualität an.

Ethnische und soziale Herkunft in Verknüpfung mit Stereotypen und sozialer Ausgrenzung

FJG1 bietet innerhalb seiner Figuren- und Dialogwahl in Bezug auf das Thema der ethnischen sowie sozialen Herkunft Nährboden für eine umfassende Auseinandersetzung. Im Zusammenhang mit stereotypischem Denken und dem Aufdecken von negativen, stereotypen Zuweisungen sowie mit der deutschen Migrationsgeschichte bietet sich eine Auseinandersetzung mit dem Protagonisten Zeki Müller an. Der Vorname Zeki ist ein türkischer Vorname, der ursprünglich aus dem Arabischen stammt und „der Aufgeweckte, der Kluge“ bedeutet (vorname.de 2019). Gleichzeitig ist Zekis Nachname *Müller* der häufigste deutsche Nachname (bedeutung-von-namen 2019) und erfüllt damit das *typisch* deutsche Klischee (s. dazu auch Reershemius/Ziegler 2017, S. 250f.). Die Kombination seines Vor- und Nachnamens sowie Zekis *untypisches* deutsches Aussehen lassen sich so in Verbindung setzen mit einer ersten Annäherung zu einem antiquierten Bild von der stereotypen Vorstellung eben eines *typischen* Deutschen. Auf der anderen Seite ist der Film aber mit der Darstellung seines Protagonisten als Kleinkriminellem selbst nicht frei von stereotypischen Zeichnungen des *kriminellen Ausländers*; das es hier im Rahmen des DaFZ-Unterrichts auch zu enttarnen gilt.

Auch bezogen auf Rassismus als Thema im Unterricht wäre der Ansatz möglich, über Kollokationen diskurslinguistisch zu arbeiten. So ließe sich bei dem Vergleich der pejorativ konnotierten Begriffe *Zigeuner* und *Sinti und Roma* innerhalb der Kollokationen von SketchEngine diverses Stereotypendenken erkennen, das so im Unterricht thematisiert werden könnte. In Verbindung mit der Rassismus-Thematik ist hier auch eine Verknüpfung der in Kapitel 4.2 herausgestellten Beschimpfung zur (politischen) Gesinnung möglich, die Begriffe wie *Nazi* als Beleidigung in Verbindung mit Metatexten über Diskriminierung und Rassismus in Deutschland stellt. In dem Zusammenhang mit der Auseinandersetzung mit Stereotypen und Migration bzw. Ausländerfeindlichkeit bietet sich die Analyse des Begriffes *Kanacke* an. Als Einführung kann eine kurze Dialogszene zwischen Burak und Zeki vorgestellt werden. Im Zuge des ersten Kontakts mit der Klasse 10b, in der Burak, Zeynep, Danger und Chantal Schüler sind, findet sich folgender Dialog wieder:

Min: 00: 29: 10 - 00: 29: 22

Z = Zeki (Lehrer)

B = Burak (Schüler)

1 Z: Bin die Vertretung für Frau Schnabelstedt. Mein Name

- 2 ist Müller und ich bin hier nur vorübergehend.
- 3 B: Wieso heißen Sie eigentlich Müller, ja? Sie sehen gar
- 4 nicht aus wie ein Müller . Sie sind ein Bruder, Mann.
- 5 Z: Kanack mich nicht an hier, du kriegst gleich ne 6. Wo
- 6 ist das Klassenbuch ?

Im Hinblick auf den Umgang mit Beleidigungswörtern^{+PG} ist besondere Vorsicht geboten, da, wie schon in Kapitel 2.7.1 herausgestellt, bei diesen Schimpfwörtern zusätzlich ein besonders expressiver Inhalt mitschwingt. Durch die Bearbeitung einer scherzhaften oder auch realen direkten Beschimpf-Situation auf einer Meta-Ebene, in der z. B. Texte über die Wortherkunft und Konnotation des Wortes *Kanacke* gelesen werden, wird nicht nur für die Thematik der spezifisch deutschen Beleidigungswörter^{+PG} sensibilisiert. Darüber hinaus bringt die Bearbeitung auf der Meta-Ebene den nötigen Abstand, um dem Risiko zu entgehen, für rassistische Inhalte nicht zu sensibilisieren, sondern diese zu transportieren. Innerhalb der Didaktisierung im Umgang mit den Beleidigungswörtern^{+PG} müsste also sowohl eine diachrone Verordnung als auch die expressive Kraft, die diese Wörter mit sich bringen können, analysiert und vermittelt werden. Gerade im Bezug auf spezifisch deutsche Ethnophaulismen wie *Kanacke*, bei denen die Lernenden unter Umständen durch ein evtl. fehlendes Äquivalent in ihrer eigenen Sprache nicht den zusätzlichen, sensiblen Kontext erfassen können.

Weitere Ideen zur Didaktisierung hinsichtlich der Betrachtungen von Schimpfwörtern in einem größeren diskursiven Kontext sind die Themen der Polizeigewalt oder Drogenmissbrauch. So ist im Zuge der Thematisierung von Polizeigewalt eine Verknüpfung der Bezeichnung *Bulle* für Polizisten und deren expressive Kraft möglich. Dazu bieten sich zwei Dialogstellen in FJG1 an, bei denen das Schimpfwort *Bulle* zur Beschreibung der Polizei genutzt werden (Attila (ein Freund von Zeki) zu Zeki: „Das ist nur ne Frage der Zeit, bis die Bullen wieder Beef mit dir anfangen.“ FJG1 2013, Min. 00:35:26 - 00:35:29; Zeki: „Scheiße, Bullen. Verpisst euch!“ FJG1 2013, Min. 01:15:00 - 01:15:01). Weiterführend dazu kann die Gesetzeslage, die Beleidigungen regelt und Urteile, die im Zuge dessen gesprochen wurden, in den Unterricht miteingebunden werden (Wellhöfer 2014). Das in Kapitel 4.2 herausgestellte Tabu-Thema *Drogenmissbrauch* wird in FJG1 nebensächlich behandelt. Zekis ehemaliger Drogensucht als Crack-Abhängiger („Bis zur Achten oder Neunten, weiß nicht mehr, war meine Crack-Phase.“ FJG1 2013 Min. 00:02:33 - 00:02:34) sowie in der Thematisierung von Drogendealer als Berufswunsch der Ju-

gendlichen (Zeki: „Ihr glaubt doch nicht ernsthaft, dass ihr Drogendealer oder son Scheiß werdet?“ Burak: „Doch Mann“ FJG1 2013 Min. 00:49:54 - 00:49:57; Besuch eines drogenabhängigen Freundes von Zeki „So Leute, einige von euch haben ja angegeben, dass sie später Drogenboss werden wollen. Nur damit ihr wisst, wie das abläuft, wenn jemand abhängig ist: Das ist ein Heroinabhängiger“ FJG1 2013 Min. 01:00:20 - 01:00:24). Hiervon ausgehend können weitere Ansätze zur Thematisierung des Drogenkonsums bzw. -missbrauchs realisiert werden.

Die kategorische Häufigkeitsanalyse der Schimpfwörter im deutschen Sprachgebrauch und die Untersuchung der Schimpf-Absichten als situative Dimension des Schimpfens kann die Basis schaffen, sich in einem geschützten Unterrichtsraum bewusst und durch den Lehrer geleitet mit diversen sprachlichen sowie gesellschaftlichen Tabu-Themenfeldern auseinanderzusetzen. So fusioniert die Vermittlung von authentischem Sprachgebrauch und kulturellem Lernen mit zeitgleicher Sensibilisierung auf professioneller Ebene und schafft attraktive und lehrreiche Unterrichtseinheiten. Fokussieren sich die hier angeführten Didaktisierungsmöglichkeiten auf eine Sensibilisierung der Lernenden, kann es als ebenso erachtenswert und notwendig angesehen werden, eine Thematisierung innerhalb des DaFZ-Studiums bzw. des Lehramtstudiums anzustreben. Denn um abwägen zu können, ob man die Tabuthemen inklusive der diesen Bereichen entspringenden Schimpfwörter im Unterricht behandeln möchte, muss man zunächst selber dafür sensibilisiert werden. Hierbei soll nicht verschwiegen werden, dass dies den Lehrenden und Lernenden einiges abverlangen könnte und die Konfrontation mit Tabus auch an Hindernisse stoßen lässt. Jedoch würde eine Thematisierung von Tabuthemen, die die Auseinandersetzung mit prekären Themen außerhalb der „heilen Welt“ anführt, gerade im DaZ-Unterricht, bei dem die Lernenden im permanenten Kontakt mit einem Alltagssprachlichen Deutsch stehen, die Möglichkeit erwirken, sich anstelle von Sprach- und damit verknüpfter Machtlosigkeit adäquat zu einem Thema äußern zu können.

6 Fazit

Diese Arbeit hat untersucht, inwieweit Schimpfwörter und das Schimpfen im deutschen Sprachalltag verordnet und tabuisiert sind. Ferner war das Ziel dieser Arbeit, die Hintergründe der Tabuisierung ums Schimpfen und um Schimpfwörter im DaFZ-Kontext zu untersuchen und einen Beitrag im Sinne einer Enttabuisierung und Didaktisierung zu leisten. Die Arbeit orientierte sich an drei Forschungsfragen: Zum einen wurde in den ersten beiden Fragestellungen nach dem konkreten deutschen Schimpfwörtergebrauch und nach der Schimpf-Absicht gefragt. Ausgehend davon wurde die weiterführende Forschungsfrage nach einer möglichen Einbettung der Schimpfthematik in den DaFZ-Kontext sowie nach möglichen Didaktisierungsansätzen gestellt.

Zur Beantwortung der Fragen wurde im ersten Teil der Arbeit eine erste Annäherung an das komplexe Feld des Schimpfens und der Schimpfwörter mithilfe einer lexikalischen Verortung sowie der anschließenden Einbettung in den bisherigen Forschungsstand der linguistischen Forschung vorgenommen, wobei in einem kontrastiven Ansatz linguistische Forschungsstränge aus der wissenschaftlichen Forschung sowie – der geringen Forschungsdichte geschuldet – auch aus dem Bereich der populärwissenschaftlichen Literatur einbezogen wurden. Darauf aufbauend wurden neun relevante Tabu- und Quellbereiche für Schimpfwörter identifiziert: 1. Tabuisierte Körperrausscheidungen, 2. Tabuisierte Körperteile, 3. Sexualität, 4. Geistige und körperliche Gebrechen (Handicaps), 5. Religion, 6. Ethnische Herkunft (Nationalität), 7. Familie, 8. Fremdsprachige Ausdrücke, 9. Tierbezeichnungen. Gestützt wurde diese Kategorisierung ebenfalls auf einer qualitativen Befragung, bei der die Teilnehmer ihr genutztes Schimpfwortvokabular angeben sollten. Die Auswertung der Befragung zeigte den häufigen Gebrauch der Tabubereiche um Skatologie, Sexualität und körperliche Handicaps sowie die Benutzung von fremdsprachigen Ausdrücken.

Ausgehend von der qualitativen Befragung von tabuisierten Wörtern, wurde im Weiteren herausgearbeitet, dass die Wahrnehmung von Schimpfwörtern hinsichtlich ihres Schwere- und Beleidigungsgrades dynamisch ist – und das sowohl auf der subjektiven Ebene des Individuums sowie auf der historisch-gesellschaftlichen Ebene. So können Schimpfwörter im Laufe der Zeit Bedeutungswandel erfahren. Hierbei zeigte sich, dass das frequente Benutzen von Schimpfwörtern zu einer Enttabuisierung führen kann (z. B. das Lexem *Scheiße*). Ebenso können Schimpfwörter im Zuge von Bedeutungsverbesserung (*geil*) und Bedeutungsverschlechterung (*Zigeuner*, *Neger*) erst ihren Schimpfwortcharakter erhalten oder verlieren. Ausgehend von der

Analyse um den Bedeutungswandel erfolgte die Einordnung der ermittelten Schimpfwörter in ihren lexikalischen Sprachstil, der sich innerhalb der gesprochenen, umgangssprachlichen bis derben bzw. obszönen Alltagssprache wiederfindet.

Im weiteren Verlauf wurden die lexikalischen Kategorisierungen im Sinne eines semantisch-pragmatischen Ansatzes erweitert. Hierbei wurde zum ersten herausgestellt, dass Schimpfwörter durch ihre Expressivität nicht nur auf einer wahrheitskonditionalen Ebene (Was wird gesagt?), sondern auch auf einer gebrauchskonditionalen Ebene (Was ist der kommunikative Sinn?) untersucht werden müssen. Um diesen kommunikativen Sinn erläutern zu können, wurden die verschiedenen Absicht-Kategorien des Schimpfens ermittelt, die der Beantwortung der zweiten Forschungsfrage dienen. Aus der bestehenden Forschungsliteratur wurden drei Hauptkategorien ermittelt: scherzhaft (Absicht 1), kathartisches bzw. verstärkendes Fluchen (Absicht 2) und verbale Aggression in Form von direkter und indirekter Beschimpfung (Absicht 3a/b).

Nach der Analyse im allgemeinen deutschen Sprachgebrauch wurde die Lehr- und Forschungsliteratur bezüglich des Schimpfens im DaFZ-Bereich untersucht. Hierbei zeigten sich zum einen Forschungsdefizite – oder gar Tabus – und zum anderen fehlende Didaktisierungen in Lehrwerken hinsichtlich des Themas.

Die Ergebnisse des theoretischen Teils bildeten die Grundlage für den zweiten empirisch-praktischen Teil der Arbeit. In einer Korpus-Analyse mit den verschriftlichten Untertiteln aus den 20 besucherstärksten Kinospielelfilmern der Jahre 2013 bis 2018 (Altersfreigabe ab 12 Jahren) wurden die identifizierten Schimpfwörter anhand der ermittelten Tabu- und Quellbereiche kategorisiert und entsprechend ihrer Häufigkeiten deskriptiv analysiert. Die Relevanz aller neun aus der Theorie erschlossenen (Tabu-) Quellbereiche wurde dahingehend bestätigt, als dass das Korpus Schimpfwörter aus allen neun Bereichen umfasst. Der Tabuquellbereich *Ethnische Herkunft (Nationalität)* wurde überdies um Schimpfwörter erweitert, die die *soziale Herkunft* adressieren. Zudem wurden drei weitere Quellbereiche ermittelt, aus denen sich die Schimpfwörter im deutschen Sprachgebrauch ebenfalls speisen: *Drogenmissbrauch*, *negative Charaktereigenschaften* und *(Politische) Gesinnung*. Bei der Auswertung der Häufigkeiten zeigten die vier Quellbereiche der *Körperausscheidungen*, *Sexualität*, *tabuisierten Körperteile* sowie *Körperliche und geistige Gebrechen* die stärksten Frequenzen. Über 80 Prozent aller Schimpfwörter entstammen diesen Quellbereichen. Folglich lässt sich die erste Forschungsfrage dahinge-

hend beantworten, als dass die Schimpfwörter in der deutschen Alltagssprache zum überwiegenden Teil aus den tabuisierten und intimen sexuellen, skatologischen und somatischen Persönlichkeitsbereichen des menschlichen Körpers stammen.

Danach erfolgte auf Grundlage der *Fack Ju Göhte*-Filmtrilogie die exemplarische Analyse der Schimpf-Absicht als situative Dimension des Schimpfens, die in der Forschungsliteratur definierten Absicht-Kategorien postuliert. Die zweite Forschungsfrage konnte dahingehend beantwortet werden, als dass Schimpfwörter im alltäglichen deutschen Sprachgebrauch zu relevanten Anteilen sowohl mit scherzhafter, mit realer (direkt und indirekt) beleidigender sowie mit nicht-subjektgerichteter, expressiver Absicht gebraucht werden. Im Sinne einer sprechakttheoretischen Herangehensweise wurde außerdem herausgestellt, dass sich die propositionale/lokutive Ebene der Banter-Absicht mit der einer „echten“ verbalen Aggression deckt, die das Ziel der realen Beleidigung auf illokutiver und die Kränkung des Beschimpften in Form eines Gesichtverlusts auf perlokutiver Ebene intendiert. Bei der Analyse der Banter-Beispiele zeichnete sich des Weiteren ab, dass diese sowohl im Zuge freundschaftlicher-symmetrischer Beziehung im öffentlichen Sozialraum als auch zur Stärkung freundschaftlicher Bande ohne Gesichtverlust erfolgen, der Beschimpfte aber ebenso aufgrund eines öffentlichen Sozialraums durch humoristische Banter-Unterhaltung einen Gesichtverlust erleiden kann, wenn die Banter-Situation auf seine Kosten geschieht. Direkte Beschimpfungen nach Absicht 3a können durch diesen Gesichtverlust gekennzeichnet sein. Ebenso kann der in Banter-Situationen schützende private Sozialraum innerhalb der direkten Beschimpfung verstärkend wirken. Eine weniger starke Gefahr von Gesichtsbedrohung stellte die Untersuchung der Absicht 3b (*indirekte Beschimpfungen*) heraus, bei der abwesende Personen mit negativen Attributen und wertenden Äußerungen beleidigt werden. Hinsichtlich der Analyse zur Absicht (*Fluchen*) zeichnete sich zum einen die fehlende Personengerichtetheit ab, zum anderen der Gebrauch des kathartisch-emotionalen Abreagierens.

Zur Beantwortung der dritten Forschungsfrage wurden die ermittelten Ergebnisse aus dem praktischen Teil herangezogen und in Folge dessen Didaktisierungsansätze vorgeschlagen, die die Schimpfwort-Tabuthemen gewinnbringend adressieren sollen und hierbei nicht auf eine reine Vermittlung eines Kanons an Schimpfwörtern abzielen. Dazu wurden mithilfe des ersten FJG-Films kontrastive, kollokative sowie gesellschaftlich-kontextuelle Ansätze zur Auseinandersetzung mit dem deutsch- und fremdsprachigen Schimpfsprachfeld skizziert.

Diese Arbeit trägt dahingehend der Forschung bei, als dass sie das Forschungsfeld um Schimpfen und Schimpfwörter aus seiner Unsichtbarkeit und Tabuisierung hervorholt und in einem explorativen Annäherungsprozess für ein Thema sensibilisiert, dass weder im wissenschaftlichen noch im DaFZ-Kontext besondere Aufmerksamkeit erfährt, obwohl es für die deutsche Sprache relevant ist. Denn die Ergebnisse haben gezeigt, dass Schimpfwörter in ihrer Komplexität und als frequentes Ausdrucksmittel in der deutschen Sprache eine wichtige Stellung einnehmen und davon ausgehend auch für ein erfolgreiches Lernen und die Erweiterung von Sprachkenntnissen in den Unterricht miteingebunden werden könnten. Da in der bisherigen Unterrichtsgestaltung bzw. in den Lehrwerken für den DaFZ-Unterricht jedoch weder Lernern noch Lehrenden Handwerkszeug zur Didaktisierung nahegebracht wird, setzt die hier verfasste Arbeit einen ersten Schritt in diese Richtung. Die Annäherung an das Tabuthema Schimpfen arbeitet der Sprachlosigkeit des Lernalers im alltäglichen Umgang mit seinen Mitmenschen in einem noch wenig bekannten Land entgegen. Zudem vermag die Thematisierung des Tabus neue kulturell relevante Themenfelder zu eröffnen, die den Unterricht fern von regulären und wenig lebensnahen Themen bereichern. Durch metasprachliche Auseinandersetzungen mit diesem Tabu könnten Schimpfwörter mehr als nur erste Eisbrecher in Gesprächen werden und den Lernern tatsächlichen Nutzen und kulturelles Lernen abseits der Vermittlung von reinem „Schock-Vokabular“ eröffnen.

Die Arbeit hat jedoch auch Limitationen. So ist es immer noch sehr schwer, Schimpfwörter und das Schimpfen definitorisch zufriedenstellend ein- bzw. abzugrenzen. Denn die Vielzahl an unscharfen (populär-) wissenschaftlichen Definitionsansätzen erschwert eine einheitliche wissenschaftliche Begriffsdefinition. Auch in dieser Arbeit bleibt der Schimpfwörterbegriff und die darin gefassten Wörter trotz Bemühen ab einem bestimmten Grad schwammig, so dass die Eingrenzung in Teilen eventuell nicht eindeutig bestimmt, welche Schimpfwörter explizit eingefasst und welche bei der Auswertung zum Schimpfwortschatz ausgeschlossen wurden. Allerdings wird davon ausgegangen, dass der Leser dieser Arbeit die herausgearbeiteten Definitionen um Schimpfwörter abseits eines „regulären“ Wortschatzes einzuschätzen weiß. Weiterhin soll angeführt werden, dass die Korpus-Analyse auf den Dialogen von fiktionalen Filmen basiert, deren Authentizität und Repräsentativität trotz der herausgestellten Vorteile des Korpus‘ bei der Interpretation der Ergebnisse stets kritisch miteinbezogen werden müssen. Dennoch sei auch hier noch einmal angemerkt, dass nicht nur die Authentizität dieses Korpus‘, sondern auch die Authentizität gängiger Korpora ob eines möglichen Social-Bias stets kritisch betrachtet werden muss. Ebensolches gilt für Befragungen und Beobachtungen. Des Weiteren

geht die Analyse in dieser Arbeit nicht näher auf paralinguistische (Intonation, Artikulation) bzw. non-phonetische Mittel (z. B. Gestik, Mimik, Körperhaltung) ein. Diese zusätzliche Untersuchung hätte den Rahmen dieser Arbeit allerdings gesprengt. Ein Untersuchen dieser Parameter wäre aber durchaus ein attraktiver Untersuchungsgegenstand für weitere Forschungen. Zusätzlich liegt weiterführender Forschungsbedarf in der Ausarbeitung von Unterrichtseinheiten und ebenso in der konkreten Durchführung dieser. Dies sind nur einige wenige Anstöße für das kaum berührte Forschungsfeld des Schimpfens als Tabuthema, dessen Relevanz und Nutzen für die Wissenschaft und den DaFZ-Kontext mit dieser Arbeit herausgestellt wurde.

LITERATURVERZEICHNIS

- Achilles, Ilse; Pighin, Gerda (Hg.) (2008): Vernäht und zugeflixt! Von Versprechern, Flüchen, Dialekten & Co. Mannheim: Dudenverlag.
- Acke, Hanna (2011): Zum Umgang mit Pejorisierungen in einsprachigen Wörterbüchern. In: Lann Hornscheidt, Ines Jana und Hanna Acke (Hg.): Schimpfwörter - Beschimpfungen - Pejorisierungen. Wie in Sprache Macht und Identitäten verhandelt werden. 1. Aufl. Frankfurt am Main: Brandes & Apsel (wissen & praxis, 162), S. 69–125.
- Acke, Hanna; Hornscheidt, Lann; Jana, Ines; Marehn, Gisa (2011): Das Pejo-Projekt. Eine Fragebogenuntersuchung zum Umgang mit Beschimpfungen unter Jugendlichen. In: Lann Hornscheidt, Ines Jana und Hanna Acke (Hg.): Schimpfwörter - Beschimpfungen - Pejorisierungen. Wie in Sprache Macht und Identitäten verhandelt werden. 1. Aufl. Frankfurt am Main: Brandes & Apsel (wissen & praxis, 162), S. 227–235.
- Ahorner, Peter (2018): Handbuch der österreichischen Schimpfwörter. Verschärfte Ausgabe. 1. Auflage. Berlin: Ueberreuter.
- Akin, Fatih (2016): Tschick. StudioCanal, 93 min.
- Akin, Fatih (2017): Aus dem Nichts. Warner Bros., 106 min.
- Aman, Reinhold (1986): Bayrisch-Österreichisches Schimpfwörterbuch. 4. Aufl. München: Goldmann (Goldmann Taschenbücher, 8382).
- Anderson, Luvell; Lepore, Ernie (2013): What Did You Call Me? Slurs as Prohibited Words. In: *Analytic Philosophy* 54 (3), S. 350–363.
- Andreeva, Bistra; Bonacchi, Silvia (2015): Freundlich oder feindlich? Zur illokutionären Struktur und phonetischen Realisierung von indirekten supportiven und derogativen Sprechakten am Beispiel von Scheinbeleidigungen (mock impoliteness). In: *Lingwistyka Stosowana/Applied Linguistics/Angewandte Linguistik*, S. 1–19.
- Arndt, Susan (2015): Neger_in. In: Susan Arndt und Nadja Ofuatey-Alazard (Hg.): Wie Rassismus aus Wörtern spricht. (K)Erben des Kolonialismus im Wissensarchiv deutsche Sprache: ein kritisches Nachschlagewerk. 2. Auflage. Münster: UNRAST Verlag.
- Arndt, Susan; Ofuatey-Alazard, Nadja (Hg.) (2015): Wie Rassismus aus Wörtern spricht. (K)Erben des Kolonialismus im Wissensarchiv deutsche Sprache: ein kritisches Nachschlagewerk. 2. Auflage. Münster: UNRAST Verlag.
- Austin, John Langshaw (1962): How to do things with words. Oxford: Clarendon Press.
- Bartels, Joachim (1995): Beleidigungen, die es in sich haben. Im Land der Leberwürste. Köln: Eichborn.
- Baßler, Harald; Spiekermann, Helmut (2001): Regionale Varietäten des Deutschen im Unterricht „Deutsch als Fremdsprache“ (I). In: *Deutsch als Fremdsprache* 38 (4), S. 205–213.
- Baßler, Harald; Spiekermann, Helmut (2002): Regionale Varietäten des Deutschen im Unterricht „Deutsch als Fremdsprache“ (II). In: *Deutsch als Fremdsprache* 38 (1), S. 31–35.
- Bationo, Jean-Claude (2013): Umgang mit Tabus und Verboten im Unterricht Deutsch als Fremdsprache in Burkina Faso. In: E.W.B. Hess-Lüttich, Aleya Khattab und Siegfried Stein-

mann (Hg.): Zwischen Ritual und Tabu. Interaktionsschemata interkultureller Kommunikation in Sprache und Literatur. 1st, New ed. Frankfurt a.M.: Peter Lang GmbH Internationaler Verlag der Wissenschaften (Cross-Cultural Communication, 24), S. 199–216.

Bayer, Felix (2016): Was hat Böhmermann über Erdogan gesagt – und was ist davor passiert? Online verfügbar unter <https://www.bento.de/today/jan-boehmermann-der-text-des-erdogan-schmaehgedichts-und-was-davor-passierte-a-00000000-0003-0001-0000-0000000493529>, zuletzt aktualisiert am 12.04.2016, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Bechmann, Sascha (2016): Sprachwandel - Bedeutungswandel. Eine Einführung. Tübingen: A. Francke Verlag (UTB Sprachwissenschaft, 4536).

Bedeutung Online (2017): Heul leise - Online verfügbar unter <https://www.bedeutungonline.de/heul-leise/>, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Bedeutung von Namen (2019): Nachname Müller. Online verfügbar unter <https://www.bedeutung-von-namen.de/top50-nachnamen-deutschland>, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Biffar, Reinhardt (1994): Verbale Aggressionsstrategien: Analyse, Systematik, Anwendung. Aachen: Shaker (Berichte aus der Sozialwissenschaft).

Birk, Andrea; Kaunzner, Ulrike (2009): Tabu und Identität. Wie man das vermittelt, worüber die anderen schweigen. In: Ernest W. B. Hess-Lüttich (Hg.): Wie kann man vom "Deutschen" leben? Zur Praxisrelevanz der interkulturellen Germanistik; [Sommer 2007: von der Gesellschaft für interkulturelle Germanistik veranstaltete Tagung an den finnischen Universitäten Tampere und Jyväskylä ausgerichtet. Frankfurt am Main: Lang (Publikationen der Gesellschaft für Interkulturelle Germanistik, 12), S. 397–416.

Odar, Baran bo (2014): Who am I - Kein System ist sicher. Sony Pictures Releasing, 102 min.

Bonacchi, Silvia (2013): (Un)Höflichkeit. Eine kulturologische Analyse; deutsch - italienisch - polnisch. Frankfurt, M.: Lang-Ed (Warschauer Studien zur Germanistik und zur angewandten Linguistik, Bd. 13).

Bonacchi, Silvia (2015): Scheinbeleidigungen und perfide Komplimente. Kulturologische Bemerkungen zur obliquen Kommunikation in interkultureller Perspektive. In: Katarzyna Lukas und Izabela Olszewska (Hg.): Deutsch im Kontakt und im Kontrast. Festschrift für Prof. Andrzej Kątny zum 65. Geburtstag. 1st, New ed. Frankfurt a.M.: Peter Lang GmbH, Internationaler Verlag der Wissenschaften (Danziger Beiträge zur Germanistik, 48), S. 341–356.

Bonacchi, Silvia (2017): Sprachliche Aggression beschreiben, verstehen und erklären. Theorie und Methodologie einer sprachbezogenen Aggressionsforschung. In: Silvia Bonacchi und Mariusz Mela (Hg.): Verbale Aggression. Multidisziplinäre Zugänge zur verletzenden Macht der Sprache. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton (Diskursmuster, Band 16), S. 3–34.

Bonacchi, Silvia (2019): Verbale Aggression. In: Frank Liedtke und Astrid Tuchen (Hg.): Handbuch Pragmatik. Stuttgart: J.B. Metzler, S. 439–447.

Bora Dagtekin (2013): Fack ju Göhte. Constantin Film, 113 min.

Bora Dagtekin (2015): Fack ju Göhte 2. Constantin Film, 116 min.

Bora Dagtekin (2017): Fack ju Göhte 3. Constantin Film, 120 min.

Braun-Podeschwa, Julia; Habersack, Charlotte; Pude, Angela (2014): Menschen. Deutsch als Fremdsprache. 1. Aufl., [Ausg. in 6 Bd.]. München: Hueber Verlag.

Bubenhofer, Noah (2009): Sprachgebrauchsmuster. Korpuslinguistik als Methode der Diskurs- und Kulturanalyse. Berlin [u.a.]: De Gruyter.

- Büchle, Karin (1994a): "Schimpfen ist gesund" oder "Hunde die bellen, beißen nicht". Schimpfen in verschiedenen Sprachen und Kulturen. In: Bernd Spillner (Hg.): Nachbarsprachen in Europa. Frankfurt am Main u.a.: Lang (Forum angewandte Linguistik, Bd. 26), S. 189–193.
- Büchle, Karin (1994b): Schimpfwörter im DaF-Unterricht. Tabuthema, Randerscheinung oder doch mehr? In: *Beiträge zur Fremdsprachenvermittlung* (27).
- Bühler, Karl (1934/1999): Sprachtheorie. Die Darstellungsfunktion der Sprache. 3. Aufl., ungekürzter Neudr. d. Ausg. Jena, Fischer, 1934. Stuttgart: Lucius & Lucius (UTB für Wissenschaft Uni-Taschenbücher Psychologie, Sprachwissenschaften, 1159).
- Bürgerliches Gesetzbuch (2019): § 1353 Eheliche Lebensgemeinschaft. Online verfügbar unter https://www.gesetze-im-internet.de/bgb/_1353.html, zuletzt geprüft am 16.05.2019.
- Burgen, Stephen (1999): Bloody hell, verdammt noch mal! Eine europäische Schimpfkunde. 2. Aufl., Dt. Erstausg. München: Dt. Taschenbuch-Verlag. (dtv, 20137).
- Byrne, Emma (2017): Swearing Is Good For You. The Amazing Science of Bad Language. London: Profile Books.
- Camp, Elisabeth (2013): Slurring Perspectives. In: *Analytic Philosophy* 54 (3), S. 330–349.
- Chomsky, Noam (1965/2015): Aspects of the theory of syntax. With a new preface by the author. 50th anniversary ed. Cambridge, Mass.: MIT Press (Special technical report of the Research Laboratory of Electronics of the Massachusetts Institute of Technology, 11).
- Comscore (2019): Liste der erfolgreichsten Kinofilme 2013-2018. Online verfügbar unter <https://www.comscore.com/ger/>, zuletzt geprüft am 16.05.2019.
- Croom, Adam M. (2015): The semantics of slurs: A refutation of coreferentialism. In: *Amper-sand* 2, S. 30–38.
- Culpeper, Jonathan (2011): Impoliteness. Using language to cause offence. Cambridge: Cambridge University Press (Studies in interactional sociolinguistics, 28).
- d'Avis, Franz (2019): Expressivität und Lüge. Expressive Bedeutungsbestandteile von Äußerungen als Grundlage einer Lügendefinition. In: Franz Josef d'Avis und Rita Finkbeiner (Hg.): Expressivität im Deutschen (Reihe Germanistische Linguistik, 318), '25-46.
- d'Avis, Franz; Finkbeiner, Rita (2019): Was ist Expressivität? In: Franz Josef d'Avis und Rita Finkbeiner (Hg.): Expressivität im Deutschen (Reihe Germanistische Linguistik, 318), S. 1–22.
- d'Avis, Franz; Meibauer, Jörg (2013): Du Idiot! Din idiot! Pseudo-vocative constructions and insults in German (and Swedish). In: Patrizia Noel Aziz Hanna und Barbara Sonnenhauser (Hg.): Vocative! Addressing between system and performance. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton (Trends in linguistics, 261).
- Daad (2019): Gesprochenes Deutsch für die Auslandsgermanistik » Centrum Sprache und Interaktion. Online verfügbar unter <https://centrum.sprache-interaktion.de/cesi-umfasst/daad-projekt-gesprochenes-deutsch-fur-die-auslandsgermanistik>, zuletzt geprüft am 16.05.2019.
- Dammel, Antje; Quindt, Olga (2016): How do evaluative derivational meanings arise? A bit of Geforsche und Forscherei. In: Rita Finkbeiner, Jörg Meibauer und Heike Wiese (Hg.): Pejoration. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company (Linguistik Aktuell / Linguistics Today, Volume 228), S. 41–70.
- Decker, Anika (2015): Traumfrauen. Warner Bros., 109 min.

Decker, Anika (2017): High Society. Warner Bros., 100 min.

Duden (2019a): Begriff: Schimpfen. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019b): Begriff: beleidigen. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019c): Begriff: beschimpfen. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019d): Begriff: fluchen. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019e): Begriff: fluchen. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019f): Begriff: Tabu. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019g): Begriff: Kanacke. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019h): Stilistische Angaben. Online verfügbar unter <https://www.duden.de/hilfe/gebrauch>; zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019i): Sprachstil - schwul. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019j): Sprachstil - Fräulein. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019k): Sprachstil - Idiot. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019l): Sprachstil - geil. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019m): Sprachstil - Schlampe. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019n): Sprachstil - Nutte. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019o): Sprachstil - Scheiße. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019p): Sprachstil - Arschloch. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019q): Sprachstil - Titten. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019r): Sprachstil - ficken. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019s): Sprachstil - Schwuchtel. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019t): Sprachstil - Krüppel. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019u): Sprachstil - Zigeuner. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Duden (2019v): Sprachstil - Neger. Online verfügbar unter <https://owb.langenscheidt.com/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Durrell, Martin (2006): Deutsche Standardsprache und Registervielfalt im DaF-Unterricht. In: Eva Neuland (Hg.): Variation im heutigen Deutsch. Perspektiven für den Sprachunterricht. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien: Peter Lang Europäischer Verlag der Wissenschaften (Sprache - Kommunikation - Kultur, 4), S. 111–123.

Eggers, Dietrich (Hg.) (1994): Wege. Lehrwerk für Deutsch als Fremdsprache; Mittelstufe und Studienvorbereitung. Neuausg., 1. Aufl., 3. Dr. Ismaning: Hueber.

Ermen, Ilse (op. 1996): Fluch - Abwehr - Beschimpfung. Pragmatik der formelhaften verbalen Aggression im Serbokroatischen. Bern, Berlin, Frankfurt am Main: Peter Lang (Slavica Helvetica, 54. Bd).

Essig, Rolf-Bernhard (2012): Holy Shit! Alles übers Fluchen und Schimpfen. 1. Aufl. Berlin: Rütten & Loening.

Falke, Jutta; Kaspar, Ulrich (Hg.) (2001): Politiker beschimpfen Politiker. 3., aktualisierte und erw. Aufl. Leipzig: Reclam (Reclam-Bibliothek, 1728).

Feldhusen, Arne (2014): Stromberg - Der Film. NFP Marketing & Distribution, 123 min.

Fiehler, Reinhard (2012): Gesprochene Sprache - gehört sie in den DaF-Unterricht? In: Ulrike Reeg, Pasquale Gallo und Sandro M. Moraldo (Hg.): Gesprochene Sprache im DaF-Unterricht. Zur Theorie und Praxis eines Lerngegenstandes. Münster, New York, München, Berlin: Waxmann (Interkulturelle Perspektiven in der Sprachwissenschaft und ihrer Didaktik, Band 3), S. 13–28.

Filmförderungsanstalt (2018): Kinobesucher deutscher Filme 2017. Online verfügbar unter <https://www.ffa.de/kinobesucher-deutscher-filme-2017.html>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Filmförderungsanstalt (2019): Der Kinobesucher 2018. Online verfügbar unter <https://www.ffa.de/der-kinobesucher-20172.html>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Finkbeiner, Rita; Meibauer, Jörg; Wiese, Heike (2016): What is pejoration, and how can it be expressed in language? In: Rita Finkbeiner, Jörg Meibauer und Heike Wiese (Hg.): Pejoration. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company (Linguistik Aktuell / Linguistics Today, Volume 228), S. 1–18.

Fischer, Barbara; Wilkening, Susanne (2009): Wach auf! - YouTube. Online verfügbar unter <https://www.youtube.com/watch?v=Apj4x4-umM8>, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Fitz, Florian David (2016): Der geilste Tag. Warner Bros., 113 min.

Freud, Sigmund (1912/2014): Totem und Tabu. Hamburg: Nikol.

Fries, Norbert (2004): Gefühle, Emotionen, Angst, Furcht, Wut und Zorn. In: Wolfgang Börner (Hg.): Emotion und Kognition im Fremdsprachenunterricht. [versammelt die wichtigsten Beiträge der 10. Göttinger Fachtagung zum Thema "Emotion und Kognition im Fremdsprachenunterricht"]. Tübingen: Narr (Tübinger Beiträge zur Linguistik, 476), S. 3–24.

Fries, Norbert (2008): Die Kodierung von Emotionen in Texten Teil 1: Grundlagen. In: *Journal of Literary Theory* 1 (2), S. 17.

Gasteiger, Carolin (2019): Jan Böhmernann zieht vor Bundesgerichtshof. Online verfügbar unter <https://www.sueddeutsche.de/medien/erdoan-schmaehgedicht-jan-boehmermann-zieht-vor-bundesgerichtshof-1.4299639>, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Gauger, Hans-Martin (2012): Das Feuchte und das Schmutzige. Kleine Linguistik der vulgären Sprache. München: C.H. Beck (Beck'sche Reihe, v.6038).

German Web 2013 (deTenTen13) (2019): Sketch Engine. Online verfügbar unter <https://app.sketchengine.eu>, zuletzt aktualisiert am 25.04.2019, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Giga (2019): Ausdruck - Chantal heul leise. Online verfügbar unter <https://www.giga.de/filme/fack-ju-goehte/specials/chantal-heul-leise-wo-kommt-es-her/>, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Glück, Helmut; Sauer, Wolfgang Werner (1997): Gegenwartsdeutsch. 2., überarb. und erw. Aufl. Stuttgart: Metzler (Sammlung Metzler, 252).

Goehlnich, Birgit; Hönge, Folker; Poßmann, Helmut (2010): FSK Broschüre: Altersfreigaben für Filme. Informationen für Kinder und Eltern. Wiesbaden. Online verfügbar unter https://www.spio-fsk.de/media_content/2010.pdf, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Goethe, Johann Wolfgang von (1773/2008): Johann Wolfgang von Goethe, Götz von Berlichingen. 1. Aufl. Hg. v. Almuth Meissner. Stuttgart, Leipzig: Klett (Taschenbücherei).

Goffman, Erving (1955): On Face-Work. In: *Psychiatry* 18 (3), S. 213–231.

Gottburgsen, Anja (2000): Stereotype Muster des sprachlichen "doing gender". Dissertation, Wiesbaden.

Götze, Lutz (2003): Entwicklungstendenzen in der deutschen Gegenwartssprache. Normen - Deutsch als Fremdsprache (40).

Günthner, Susanne (2006): Zwischen Scherz und Schmerz. Frotzelaktivitäten in Alltagsinteraktionen. In: Helga Kotthoff (Hg.): Scherzkommunikation. Beiträge aus der empirischen Gesprächsforschung. Radolfzell: Verlag für Gesprächsforschung, S. 81–108.

Gutzmann, Daniel (2014): Beyond Expressives. 1st ed. Leiden: BRILL (Current Research in the Semantics / Pragmatics Interface Ser, v.28).

Haase, Peter; Höller, Michaela (Hg.) (2017): Kulturelles Lernen im DaF/DaZ-Unterricht. Paradigmenwechsel in der Landeskunde. Fachkonferenz "Landeskunde im Globalisierungskontext: zwischen Theorie und Praxis"; Fachkonferenz "Landeskunde im Globalisierungskontext: zwischen Theorie und Praxis. Göttingen: Universitätsverlag Göttingen (Universitätsdrucke, 96).

Hägi-Mead, Sara (2006): Nationale Varietäten im Unterricht Deutsch als Fremdsprache. Zugl.: Duisburg-Essen, Univ., Diss, 2005. Frankfurt am Main: Lang (Duisburger Arbeiten zur Sprach- und Kulturwissenschaft, 64).

Hägi-Mead, Sara (2017): Umparken im Kopf. Konstruktive Überlegungen zu Tabus und heiklen Themen in Lehrwerken und Unterrichtsmaterialien. In: Peter Haase und Michaela Höller (Hg.): Kulturelles Lernen im DaF/DaZ-Unterricht. Paradigmenwechsel in der Landeskunde. Göttingen: Universitätsverlag Göttingen (Universitätsdrucke, 96), S. 209–236.

Hahn, Heidi; Laudenberg, Beate; Rösch, Heidi (Hg.) (2015): "Wörter raus!?". Zur Debatte um eine diskriminierungsfreie Sprache im Kinderbuch. "Wörter raus!?". Weinheim, Basel: Beltz Juventa.

Hammer, Françoise (2002): Schimpf und Schande. Beschimpfung aus phraseologischer Sicht. Ein deutschfranzösischer Vergleich. In: Elisabeth Piirainen (Hg.): *Phraseologie in Raum und Zeit. Akten der 10. Tagung des Westfälischen Arbeitskreises "Phraseologie/Parömiologie"* (Münster, 2001). Baltmannsweiler: Schneider Verlag Hohengehren (Phraseologie und Parömiologie, 10), S. 239–259.

Hammer, Françoise (2004): Fluchformeln im Text und Kontext. In: Rolf Herwig (Hg.): *Sprache und die modernen Medien. Akten des 37. Linguistischen Kolloquiums in Jena 2002 = Language and the modern media*. Frankfurt am Main: Lang (Linguistik international, 14), S. 275–285.

Hammer, Françoise (2006): Schimpfen zwischen Ritualität und Kreativität. In: Ioan Lăzărescu und Peter Wiesinger (Hg.): *Vom Wert des Wortes. Festschrift für Doina Sandu zum 65. Geburtstag*. București, Wien: Meteor Press; Praesens, S. 86–93.

Haugh, Michael; Bousfield, Derek (2012): Mock impoliteness, jocular mockery and jocular abuse in Australian and British English. In: *Journal of Pragmatics* 44 (9), S. 1099–1114.

Havryliv, Oksana (2003): Pejorative Lexik. Untersuchungen zu ihrem semantischen und kommunikativ-pragmatischen Aspekt am Beispiel moderner deutschsprachiger, besonders österreichischer Literatur. Frankfurt am Main: Lang (Schriften zur deutschen Sprache in Österreich, 31).

Havryliv, Oksana (2009): Verbale Aggression. Formen und Funktionen am Beispiel des Wienerischen. Frankfurt am Main: Lang (Schriften zur deutschen Sprache in Österreich, 39).

Havryliv, Oksana (2012): Einige Besonderheiten des verbalen aggressiven Verhaltens von Jugendlichen. In: Inken Keim (Hg.): *Mehrsprachige Lebenswelten. Sprechen und Schreiben der türkischstämmigen Kinder und Jugendlichen*. Tübingen: Narr Verlag, S. 119–143.

Havryliv, Oksana (2017): Verbale Aggression: das Spektrum der Funktionen. In: *Linguistik Online Sprache und Gewalt/Language and Violence* 3 (82), S. 27–47.

Hedger, Joseph A. (2013): Meaning and racial slurs: Derogatory epithets and the semantics/pragmatics interface. In: *Language & Communication* 33 (3), S. 205–213.

Heiss, Christine; Soffritti, Marcello (2005): Parallelkorpora gesprochenen Sprache aus Film-dialogen? Ein multimedialer Ansatz für das Sprachenpaar Deutsch - Italienisch. In: Johannes Schwitalla und Werner Wegstein (Hg.): *Korpuslinguistik deutsch: synchron - diachron - kontrastiv*. Würzburger Kolloquium 2003. Berlin: De Gruyter, S. 207–218.

Herold, Dirk (2015): Die große Deutsche Schimpfwortsammlung: Eine Sammlung von ca. 11.000 Schimpfwörtern: CreateSpace Independent Publishing Platform.

Hess-Lüttich, E.W.B. (2013): Tabubruch in der interkulturellen Kommunikation. Mit Anmerkungen zur aktuellen Medien-Debatte über das Burka Verbot. In: E.W.B. Hess-Lüttich, Aleya Khattab und Siegfried Steinmann (Hg.): *Zwischen Ritual und Tabu. Interaktionsschemata interkultureller Kommunikation in Sprache und Literatur*. 1st, New ed. Frankfurt a.M.: Peter Lang GmbH Internationaler Verlag der Wissenschaften (Cross-Cultural Communication, 24), S. 21–42.

Hoberg, Rudolf, Eichhoff-Cyrus, Karin; Rüdiger Schulz, Rüdiger (2008): Tabuisierte Wörter. In: Hoberg, Rudolf, Eichhoff-Cyrus, Karin und Rüdiger Rüdiger Schulz (Hg.): *Wie denken die Deutschen über ihre Muttersprache und über Fremdsprachen? Eine repräsentative Umfrage der Gesellschaft für deutsche Sprache*. Gesellschaft für deutsche Sprache (GfdS). Wiesbaden, S. 23–27.

Hofmann, Gunther (1984): Politik, wie Klein Moritz sie sich vorstellt... Online verfügbar unter <https://www.zeit.de/1984/44/politik-wie-klein-moritz-sie-sich-vorstellt/komplettansicht>, zuletzt aktualisiert am 26.10.1984, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Hog, Martin; Müller-Jacquier, Bernd; Wessling, Gerd (1991): Sichtwechsel. Elf Kapitel zur Sprachsensibilisierung; ein Deutschkurs für Fortgeschrittene. 1. Aufl., 6. [Dr.]. Stuttgart: Klett.

Holdorf, Katja; Maurer, Björn (2017): Spiel-Film-Sprache. Grundlagen und Methoden für die film- und theaterpädagogische Sprachförderung im Bereich DaZ/DaF. Muenchen: kopaed.

Hom, Christopher (2008): The Semantics of Racial Epithets. In: *Journal of Philosophy* 105 (8), S. 416–440.

Hom, Christopher; May, Robert (2013): Moral and Semantic Innocence. In: *Analytic Philosophy* 54 (3), S. 293–313.

Hornsby, Jennifer (2001): Meaning and Uselessness: How to Think about Derogatory Words. In: *Midwest Stud Philos* 25 (1), S. 128–141.

Imo, Wolfgang (2012): Hattu Möhrchen? Gesprochene Sprache im DaF-Unterricht. In: Ulrike Reeg, Pasquale Gallo und Sandro M. Moraldo (Hg.): Gesprochene Sprache im DaF-Unterricht. Zur Theorie und Praxis eines Lerngegenstandes. Münster, New York, München, Berlin: Waxmann (Interkulturelle Perspektiven in der Sprachwissenschaft und ihrer Didaktik, Band 3), S. 29–56.

Jakobson, Roman (1960/1979): Linguistik und Poetik. In: Roman Jakobson: Poetik. Ausgewählte Aufsätze; 1921 - 1971. Hg. v. Elmar Holenstein und Tarcisius Schelbert. Frankfurt am Main: Suhrkamp (Suhrkamp-Taschenbuch Wissenschaft, 262), S. 83–121.

Jakobson, Roman (1960/1979): Poetik. Ausgewählte Aufsätze; 1921 - 1971. Hg. v. Elmar Holenstein und Tarcisius Schelbert. Frankfurt am Main: Suhrkamp (Suhrkamp-Taschenbuch Wissenschaft, 262).

Jay, Kristin L.; Jay, Timothy B. (2015): Taboo word fluency and knowledge of slurs and general pejoratives: deconstructing the poverty-of-vocabulary myth. In: *Language Sciences* 52, S. 251–259.

Jay, Timothy (1992): Cursing in America. A psycholinguistic study of dirty language in the courts, in the movies, in the schoolyards and on the streets. Philadelphia: Benjamins.

Jay, Timothy (2009): The Utility and Ubiquity of Taboo Words. In: *Perspectives on psychological science: a journal of the Association for Psychological Science* 4 (2), S. 153–161.

Jontes, Günther (2014): Das neue österreichische Schimpfwort-ABC. Graz: Steirische Verlag-Ges.

Jüngst, Heike E. (2010): Audiovisuelles Übersetzen. Tübingen: Gunter Narr Verlag.

Kaplan, David (2004): The meaning of ouch and oops. Explorations in the theory of meaning as use. Unveröff. Manuskript, University of California. Los Angeles.

Keller, Rudi; Kirschbaum, Ilja (2003): Bedeutungswandel. Eine Einführung. Berlin: De Gruyter (de-Gruyter-Studienbuch).

Kelly, Natasha (2014): Das N-Word. In: Adibeli Nduka-Agwu und Lann Hornscheidt (Hg.): Rassismus auf gut Deutsch. Ein kritisches Nachschlagewerk zu rassistischen Sprachhandlungen. 1. Auflage. Frankfurt am Main: Brandes & Apsel (wissen & praxis, 155), S. 157–167.

- Kiener, Franz (1983): Das Wort als Waffe. Zur Psychologie d. verbalen Aggression. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht ((Sammlung Vandenhoeck)).
- Kleeberg, Dieter (2010): Das Sächsische Schimpfwörterbuch. Nur gemeene Wörter. Oberhaching: Vmn Naumann.
- Kohtz, Patrick (2016): Schimpfwörter-Malbuch für Erwachsene. 1. Auflage. Berlin: creative standard; adrian Verlag.
- König, Ekkehard; Stathi, Katherina (2010): Gewalt durch Sprache: Grundlagen und Manifestationen. In: Sybille Krämer und Elke Koch (Hg.): Gewalt in der Sprache. Rhetoriken verletzenden Sprechens. München, Paderborn: Fink, S. 45–60.
- Kotthof, Helga (2010): Humor mit Biss zwischen sozialer Konjunktion und Disjunktion. In: Sybille Krämer und Elke Koch (Hg.): Gewalt in der Sprache. Rhetoriken verletzenden Sprechens. München, Paderborn: Fink, S. 61–96.
- Kotthoff, Helga (Hg.) (2006): Scherzkommunikation. Beiträge aus der empirischen Gesprächsforschung. Radolfzell: Verlag für Gesprächsforschung. Online verfügbar unter <http://www.verlag-gespraechsforschung.de/2006/kotthoff.htm>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.
- Krüger, Michael (1990): Die dumme Gans ist keine blöde Kuh. Schimpfwörter im Deutschunterricht? Lehrwerkergänzung durch Wortschatzerweiterung. In: *Fremdsprache Deutsch* (3), S. 40–45.
- Kümmel, Peter (2011): Deine dicke Mutter. Über die Zentralfigur der neuen deutschen Witzkultur. Online verfügbar unter <https://www.zeit.de/2011/03/Spitze>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.
- Kümmerling-Meibauer, Bettina; Meibauer, Jörg (2015): Soll man "schlimme Wörter" in Kinderbüchern ersetzen? Normenkonflikte, Figurenrede, Fußnote. In: Heidi Hahn, Beate Laudenberg und Heidi Rösch (Hg.): "Wörter raus!". Zur Debatte um eine diskriminierungsfreie Sprache im Kinderbuch. Weinheim, Basel: Beltz Juventa, S. 14–38.
- Künstler, Torsten (2018): Hot Dog. Warner Bros., 100 min.
- Lay, Tristan (2009): Film und Video im Fremdsprachenunterricht. Eine empirisch quantitative Erhebung zur didaktisch-methodischen Implementierung filmspezifischer Arbeit im universitären Deutschstudium Taiwans. In: *Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht* 14 (1).
- Lebedewa, Jekatherina (2016): Tabu und Übersetzung. Berlin: Frank und Timme GmbH (Ost-West-Express, v.26).
- Leech, Geoffrey N. (1983/2016): Principles of Pragmatics. London: Taylor and Francis (Longman Linguistics Library, v. Vol. 30).
- Lehmann, Aron (2018): Das schönste Mädchen der Welt. TOBIS Film, 102 min.
- Lehrwerk: Menschen. Deutsch als Fremdsprache: Kursbücher A1.1 - B1.2 (2012-2014). Isma-ning: Hueber Verlag.
- Lehrwerk: Sicher! Deutsch als Fremdsprache: Kursbücher B2.1 - C1.2 (2012-2016). Isma-ning: Hueber Verlag.
- Linke, Angelika; Nussbaumer, Markus; Portmann-Tselikas, Paul R.; Willi, Urs; Berchtold, Simone (2004): Studienbuch Linguistik. Ergänzt um ein Kapitel "Phonetik/Phonologie" von Urs Willi. 5., erw. Aufl. Tübingen: Niemeyer (Reihe germanistische Linguistik Kollegbuch, 121).

- Linnemann, Heiko (2015): Von Arschgeige bis Wuchtbrumme. Die 333 lustigsten Schimpfwörter. 1. Aufl. s.l.: Duden.
- Ljung, Magnus (2011): Swearing. A cross-cultural linguistic study. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Mac, Agnieszka (2011): Zum Einsatz von authentischem Quellenmaterial im Fremdsprachenunterricht am Beispiel von Fernsehnachrichten. In: *Glottodidactica. An International Journal of Applied Linguistics* 37.
- Maijala, Minna (2007): Jugendsprache und Jugendkultur in finnischen und schwedischen DaF-Lehrwerken. „Voll die Liebe“: „Boys“ und „Girls“. In: Eva Neuland (Hg.): Jugendsprachen: mehrsprachig - kontrastiv - interkulturell. Frankfurt am Main: Lang (Sprache - Kommunikation - Kultur, 5), S. 283–298.
- Marehn, Gisa (2011): "Friss einen Hund, du hässliche Hure!". Zur sprachlichen Konstruktion von Vorstellungen über Normalität und Abweichung. In: Lann Hornscheidt, Ines Jana und Hanna Acke (Hg.): Schimpfwörter - Beschimpfungen - Pejorisierungen. Wie in Sprache Macht und Identitäten verhandelt werden. 1. Aufl. Frankfurt am Main: Brandes & Apsel (wissen & praxis, 162), S. 95–125.
- Markefka, Manfred: Ethnische Schimpfnamen. Kollektive Symbole alltäglicher Diskriminierung. In: *Muttersprache* (109), 96–123, 193–206, 289–302.
- Mateo, José; Yus, Francisco (2013): Towards a cross-cultural pragmatic taxonomy of insults. In: *JLAC* 1 (1), S. 87–114.
- Mayring, Philipp (2010): Qualitative Inhaltsanalyse. 11. Auflage. Weinheim: Beltz.
- McKinnon, Sean; Prieto, Pilar (2014): The role of prosody and gesture in the perception of mock impoliteness. In: *Journal of Politeness Research* 10 (2).
- Mebus, Gundula; Pauldrach, Andreas; Rall, Marlene; Rösler, Dietmar (1996): Sprachbrücke. Lehrwerk für Deutsch als Fremdsprache. 1. Aufl., 6. [Dr.]. München: Klett (Edition Deutsch).
- Meibauer, Jörg (2013b): Expressive compounds in German. In: *Word Structure* 6 (1), S. 21–42.
- Meibauer, Jörg (2013a): Hassrede. Hate speech: Interdisziplinäre Beiträge zu einer aktuellen Diskussion. Unter Mitarbeit von Jörg Meibauer. 2. Fassung mit Korrekturen (Okt. 2013). Giessen: Giessener Elektronische Bibliothek (Linguistische Untersuchungen, 6).
- Meibauer, Jörg (2016): Slurring as insulting. In: Rita Finkbeiner, Jörg Meibauer und Heike Wiese (Hg.): Pejoration. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company (Linguistik Aktuell / Linguistics Today, Volume 228), S. 145–167.
- Meininger, André (2017): Sie Vollpfosten! Gepflegte Beleidigungen für jeden und jede. Unter Mitarbeit von Pascal Heiler. 1. Auflage. Berlin: Dudenverlag (Duden).
- Nduka-Agwu, Adibeli; Hornscheidt, Lann (Hg.) (2014): Rassismus auf gut Deutsch. Ein kritisches Nachschlagewerk zu rassistischen Sprachhandlungen. 1. Auflage. Frankfurt am Main: Brandes & Apsel (wissen & praxis, 155).
- Neuland, Eva (2018): Jugendsprache. 2., überarbeitete und erweiterte Auflage. Tübingen: A. Francke Verlag (UTB, 2397).
- Neuner, Gerd (1999): Deutsch konkret. Ein Lehrwerk für Jugendliche in 3 Lernstufen. 14. Dr. Berlin: Langenscheidt.

Nübling, Damaris; Dammel, Antje; Duke, Janet; Szczepaniak, Renata (2006): Historische Sprachwissenschaft des Deutschen. Eine Einführung in die Prinzipien des Sprachwandels. Tübingen: Narr (Narr-Studienbücher).

Nübling, Damaris; Vogel, Marianne: Fluchen und Schimpfen kontrastiv. Zur sexuellen, krankheitsbasierten, skatologischen und religiösen Fluch- und Schimpfwortprototypik im Niederländischen, Deutschen und Schwedischen. In: *Germanistische Mitteilungen. Zeitschrift für deutsche Sprache, Literatur und Kultur* 59, S. 19–33.

Pafel, Jürgen (2015): Pragmatik. In: Jörg Meibauer, Ulrike Demske, Jochen Geilfuß-Wolfgang, Jürgen Pafel, Karl Heinz Ramers, Monika Rothweiler und Markus Steinbach (Hg.): Einführung in die germanistische Linguistik. 3., überarbeitete und aktualisierte Auflage. Stuttgart, Weimar: Verlag J.B. Metzler, S. 212–254.

Perlmann-Balme, Michaela; Schwalb, Susanne; Matussek, Magdalena (2016): Sicher! Deutsch als Fremdsprache. 1. Auflage. München: Hueber Verlag, S.88.

Petersen, Wolfgang (2016): Vier gegen die Bank. Warner Bros., 96 min.

Pfeiffer, Herbert (1997): Das große Schimpfwörterbuch. Über 10000 Schimpf-, Spott- und Neckwörter zur Bezeichnung von Personen. 2. korrig. u. erw. Aufl. Frankfurt am Main: Eichborn.

Philippi, Jule (2010): Zu Gast bei Freunden. Schimpfen und fluchen in 114 Sprachen. Orig.-Ausg. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag (sachbuch, 62603).

Potts, Christopher (2007): The expressive dimension. In: *Theoretical Linguistics* 33 (2), S. 197.

Prostituierten-Schutzgesetz (2016) ProstSchGe. Online verfügbar unter <https://www.gesetze-im-internet.de/prostschg/BJNR237210016.html>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Pursch, Günter (Hg.) (2011): Herr Präsident, der lügt! Das parlamentarische Schimpfbuch; Stilblüten, Spott und Geistesblitze unserer Volksvertreter. Ungekürzte Taschenbuchausg. München, Zürich: Piper (Piper, 5911).

Reershemius, Gertrud; Ziegler, Evelyn (2015): Sprachkontaktinduzierte jugendkulturelle Stile im DaF-Unterricht: Beispiele aus dem Film „Fack ju Göhte“. In: Wolfgang Imo und Sandro M. Moraldo (Hg.): Interaktionale Sprache. Und ihre Didaktisierung im DaF-Unterricht. Tübingen: Stauffenburg (Stauffenburg Deutschdidaktik, Bd. 4), S. 243–278.

Reissenberger, Christl (2019): Materialien für den Unterricht zum Film Fack ju Göhte von Bora Dagtekin. Online verfügbar unter <https://www.goethe.de/resources/files/pdf/117/fack-ju-ghte---arbeitsbltter.pdf>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Sadigh, Parvin (2019): LGBTQ: Immer noch die "Scheißschwuchtel". Online verfügbar unter https://www.zeit.de/gesellschaft/familie/2019-04/lgbtq-jugendliche-schule-diskriminierung-homosexualitaet?utm_source=pocket-newtabhttps://www.google.com, zuletzt aktualisiert am 15.04.2019, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Saka, Paul (2007): Hate Speech. In: Paul Saka (Hg.): How to think about meaning. Berlin, Heidelberg: Springer (Philosophical Studies Series, 109), S. 121–153.

Saka, Paul (Hg.) (2007): How to think about meaning. Berlin, Heidelberg: Springer (Philosophical Studies Series, 109).

Sauer, Anne (2001): "Fy Fan"! - "verfluchte Scheiße". Fluchen und Schimpfen im Schwedischen und Deutschen. In: Annegret Heitmann (Hg.): Arbeiten zur Skandinavistik. Frankfurt

am Main: Lang (Texte und Untersuchungen zur Germanistik und Skandinavistik, 48), S. 247–254.

Saussure, Ferdinand de (1916/2014): Ferdinand de Saussure: Cours de linguistique générale. Studienausgabe in deutscher Sprache. Hg. v. Peter Wunderli. Tübingen: Narr.

Schiller, Friedrich (1783/1974): Die Verschwörung des Fiesco zu Genua. Ein republikanisches Trauerspiel. Leipzig: Leipzig Insel.

Schipper, Sebastian (2015): Victoria. Senator Film, 138 min.

Schröder, Hartmut (1995): Tabuforschung als Aufgabe interkultureller Germanistik. In: (Jahrbuch Deutsch als Fremdsprache. Intercultural German Studies, 21), S. 15–35.

Schröder, Hartmut (1997): Tabus, interkulturelle Kommunikation und Fremdsprachenunterricht. Überlegungen zur Relevanz der Tabuforschung für Fremdsprachendidaktik. In: Annelie Knapp und Martina Liedke (Hg.): Aspekte interkultureller Kommunikationsfähigkeit. München: iudicium (Reihe interkulturelle Kommunikation, 3), S. 93–106.

Schröder, Hartmut (1998): Interkulturelle Tabuforschung und Deutsch als Fremdsprache. In: *Deutsch als Fremdsprache: Zeitschrift zur Theorie und Praxis des Faches Deutsch als Fremdsprache* (4), S. 195–198.

Schuster, Theo; Mergener, Leander (1997): Plattdeutsches Schimpfwörterbuch für Ostfriesen und andere Niederdeutsche. 2., erw. und grundlegend überarb. Aufl. Leer: Schuster.

Schwarz, Regina; Schober, Michael (2010): Das verrückte Schimpfwörter-ABC. Ein Klipp-Klapp-Buch [17.576 Klipp-Klapp-Kombinationen. 6. Aufl. Esslingen: Esslinger.

Schwarz-Friesel, Monika (2013): Sprache und Emotion. 2., aktualisierte und erw. Aufl. Stuttgart, Tübingen: UTB GmbH; Francke (utb-studi-e-book, 2939).

Schweiger, Till (2018): Klassentreffen 1.0. Warner Bros., 127 min.

Schweighöfer, Matthias (2015): Der Nanny. Warner Bros., 110 min.

Searle, John R. (1975): A taxonomy of illocutionary acts. In: Keith Gunderson (Hg.): Language, mind, and knowledge. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press (Minnesota studies in the philosophy of science; 7), S. 344–369.

Selting Margret (2009): Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem 2 (GAT 2). In: *Gesprächsforschung - Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion* (10).

Siemens, Ansgar (2017): Posse um Böhmermanns Schmähedicht: Erdogan-Anwalt springt Merkel bei - SPIEGEL ONLINE - Kultur. Online verfügbar unter <http://www.spiegel.de/kultur/gesellschaft/jan-boehmermann-anwalt-von-recep-tayyip-erdogan-springt-angela-merkel-bei-a-1167671.html>, zuletzt aktualisiert am 14.09.2017, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Silvia; Jentges; Swerlowa, Olga; Ros-El Hosni, Lourdes; Klötzer, Sabine; Sokolowski, Kathrin; Reinke, Kerstin (2011): Aussichten A2. Deutsch als Fremdsprache für Erwachsene. 1. Aufl., [Dr.] 1. Stuttgart: Klett, S. 35.

SketchEngine (2019a): Kollokation: homosexuell. Online verfügbar unter <https://www.sketchengine.eu/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

SketchEngine (2019b): Kollokation: schwul. Online verfügbar unter <https://www.sketchengine.eu/>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Solte, Elena: "Film im Fremdsprachenunterricht": Methoden, Tipps und Informationen. Hg. v. Sarah Duve. Vision Kino gGmbH – Netzwerk für Film und Medienkompetenz (14).

Sosa, David (Hg.) (2018): *Bad words. Philosophical perspectives on slurs*. Oxford: Oxford University Press (Engaging philosophy).

Sperber, Dan; Wilson, Deirdre (1986/1995): *Relevance. Communication and cognition*. 2. ed. Oxford: Blackwell.

Spiekermann, Helmut (2010): Variation in der deutschen Sprache. In: Hans-Jürgen Krumm (Hg.): *Deutsch als Fremd- und Zweitsprache*, 2. Halbband. Ein internationales Handbuch. Berlin, New York: De Gruyter Mouton (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 35,2), S. 343–359.

SPIO - FSK (2017): Fack Ju Göhte 3 - Altersfreigabe. Online verfügbar unter <https://www.spio-fsk.de/?seitid=2737&tid=469&Vers=1&FGID=4365>, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Spotorno, Nicola; Bianchi, Claudia (2015): A plea for an experimental approach on slurs. In: *Language Sciences* 52, S. 241–250.

Sprache, Institut für Deutsche; Mannheim; IDS; Pragmatik, Abteilung; Deutsch, Archiv für Gesprochenes: DGD - DATENBANK FÜR GESPROCHENES DEUTSCH. DGD. Online verfügbar unter https://dgd.ids-mannheim.de/dgd/pragdb.dgd_extern.welcome, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Steinbach, Markus (2015): Semantik. In: Jörg Meibauer, Ulrike Demske, Jochen Geilfuß-Wolfgang, Jürgen Pafel, Karl Heinz Ramers, Monika Rothweiler und Markus Steinbach (Hg.): *Einführung in die germanistische Linguistik*. 3., überarbeitete und aktualisierte Auflage. Stuttgart, Weimar: Verlag J.B. Metzler, S. 164–211.

Strafgesetzbuch (2019): §§ 130 StGB – Volksverhetzung. Online verfügbar unter https://www.gesetze-im-internet.de/stgb/_130.html, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Tahoun, Riham (2013): Tabus im DaF-Unterricht. Ein Tabu? In: E.W.B. Hess-Lüttich, Aleya Khattab und Siegfried Steinmann (Hg.): *Zwischen Ritual und Tabu. Interaktionsschemata interkultureller Kommunikation in Sprache und Literatur*. 1st, New ed. Frankfurt a.M: Peter Lang GmbH Internationaler Verlag der Wissenschaften (Cross-Cultural Communication, 24), S. 159–178.

Technau, Björn (2016): The meaning and use of slurs. An account based on empirical data. In: Rita Finkbeiner, Jörg Meibauer und Heike Wiese (Hg.): *Pejoration*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company (Linguistik Aktuell / Linguistics Today, Volume 228), S. 187–218.

Technau, Björn (2017): Aggression in banter. Patterns, possibilities, and limitations of analysis. In: Silvia Bonacchi und Mariusz Mela (Hg.): *Verbale Aggression. Multidisziplinäre Zugänge zur verletzenden Macht der Sprache*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton (Diskursmuster, Band 16), S. 97–130.

Technau, Björn (2018): *Beleidigungswörter. Die Semantik und Pragmatik pejorativer Personenbezeichnungen*. Berlin/Boston: De Gruyter (Linguistik – Impulse & Tendenzen).

Technau, Björn (2019): Die expressive Bedeutung von Beleidigungswörtern. Tabubrüche, Sprechereinstellungen, Emotionen. In: Franz Josef d' Avis und Rita Finkbeiner (Hg.): *Expressivität im Deutschen* (Reihe Germanistische Linguistik, 318), S. 75–108.

Tetzeli von Rosador, Hans Jürg; Eggers, Dietrich (Hg.) (1996): *Wege. Lehrwerk für Deutsch als Fremdsprache; Mittelstufe und Studienvorbereitung*. Neuausg., 1. Aufl., 3. Dr. Ismaning: Hueber.

Tielmann, Christian (2018): Dr. Tielmanns streng geheimes Schimpfwörterbuch. Von Affenpups bis Zahnlückenzombie. Unter Mitarbeit von Stefanie Jeschke. Frankfurt am Main: FISCHER Sauerländer.

Trumm, Tanja (2014): Dem Schweigen Worte geben. Wege der Annäherung an Tabu und Tabuisierung im Deutschunterricht. Zugl.: München, Ludwigs-Maximilians-Univ., Diss., 2011. Baltmannsweiler: Schneider-Verlag Hohengehren (Schriftenreihe der Deutschen Akademie für Kinder- und Jugendliteratur, 42).

Verhoeven, Simon (2016): Willkommen bei den Hartmanns. Warner Bros., 116 min.

van Berkum, Jos J. A.; Holleman, Bregje; Nieuwland, Mante; Otten, Marte; Murre, Jaap (2009): Right or wrong? The brain's fast response to morally objectionable statements. In: *Psychological science* 20 (9), S. 1092–1099.

Vorname (2019): Vorname - Zeki. Online verfügbar unter <https://www.vorname.com/name,Zeki.html>. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Watzlawick, Paul (2017): Menschliche Kommunikation. Formen, Störungen, Paradoxien. 13., unveränderte Auflage. Bern: Hogrefe (Klassiker der Psychologie).

Weber, Anne (2009): Handbuch zur Frage der Hassrede. Straßburg: Generaldirektion für Menschenrechte und Rechtsangelegenheiten Europarat.

Wellhöfer, Esther (2014): Straffrei fluchen: Welche Schimpfwörter erlaubt sind. Online verfügbar unter <https://www.ksta.de/ratgeber/finanzen/recht/beleidigung-beschimpfung-beleidigt-straft-straft-schimpfwoerter-850272-seite2>, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Wer hat Urheberrecht (2019): Interview „Marketingkampagne am Beispiel von FACK JU GÖHTE“. Online verfügbar unter https://www.wer-hat-urheberrecht.de/fileadmin/user_upload/urheberrecht/unterrichtsmaterial/t5_unternehmen_wirtschaft/Marketing_am_Bei-spiel_von_FACK_JU_G%C3%96HTE.pdf. zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Whiting, Daniel (2013): It's Not What You Said, It's the Way You Said It: Slurs and Conventional Implicatures. In: *Analytic Philosophy* 54 (3), S. 364–377.

Wiese, Heike (2012): Kiezdeutsch. Ein neuer Dialekt entsteht. München: C.H. Beck (Beck'sche Reihe, v.6034).

Wnendt, David (2013): Feuchtgebiete. Majestic Filmverleih, 109 min.

Zdf (2018): Joschka Fischer in Zitaten: "Herr Präsident, mit Verlaub, Sie sind ein Arschloch". Online verfügbar unter <https://www.zdf.de/nachrichten/heute/zitate-von-joschka-fischer-102.html>, zuletzt geprüft am 16.05.2019.

Zübert, Christian (2015): Hin und Weg. Majestic Filmverleih, 95 min.

Zübert, Christian (2017): Lommbock. Wild Bunch, 91 min.

ANHANGVERZEICHNIS

- Anhang A:** Liste der Schimpfwörter aus der Online-Befragung (Quelle: Eigener Datensatz)
- Anhang B:** Liste der Schimpfwörter aus den Quellbereichen 1a und 1b: Tabuisierte Körperausscheidungen (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)
- Anhang C:** Liste der Schimpfwörter aus den Quellbereichen 2a-c: Tabuisierte Körperteile (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)
- Anhang D:** Liste der Schimpfwörter aus den Quellbereichen 3a-c: Sexualität (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)
- Anhang E:** Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 4: körperliche und geistige Gebrechen (Handicaps) (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)
- Anhang F:** Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 5: Religion (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)
- Anhang G:** Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 6: Nationalität bzw. ethnische und soziale Herkunft (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)
- Anhang H:** Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 7: Familie (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)
- Anhang I:** Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 8: fremdsprachige Ausdrücke (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)
- Anhang J:** Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 9: Tierbezeichnungen und tierische Attribute (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)
- Anhang K:** Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 10: negative Charaktereigenschaften (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)
- Anhang L:** Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 11: Drogenmissbrauch (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)
- Anhang M:** Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 12: (politische) Gesinnung (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

Anhang N: Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 13: Sonstige (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

Anhang C: Liste der Schimpfwörter aus den Quellbereichen 1a und 1b: Tabuisierte Körperausscheidungen (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

1a - Tabuisierte Körperausscheidungen – skatologisch

Scheiße	243
scheißen	108
Scheiß	59
scheißegal	23
beschissen	18
verkacken	16
Kacke	15
kacken	11
Schiss	5
Scheißer	4
klugscheißen	3
Scheißdreck	3
Scheißgeld	3
Scheißidee	3
Scheißleben	3
Scheißding	3
Furz	3
ankacken	2
Scheißkind	2
Kackleben	2
Scheiß-Hurensohn-Wichser	2
Arschgeigen	2
Scheißtür	2
Verkacker	2
Scheißkrankenwagen	1
Scheißfresse	1
Scheißwohnung	1
Scheißarsch	1
Scheißhose	1
Scheißknarre	1

Scheißwaffen	1
Scheißjacke	1
Scheißauto	1
Scheißzigarette	1
Scheißkohle	1
Scheißroller	1
Scheißclub	1
Scheiß-Schuhe	1
Scheiß-Essen	1
Scheißhaus	1
Waldorfschulenpipikacke	1
Klugscheißerin	1
Scheißjunkie	1
Scheiß-AG	1
Kacktag	1
Scheißfenster	1
Scheißfilm	1
Scheißmoment	1
Scheißabwasserkanal	1
Scheiß-Fairtrade-Kaffeebauer	1
Scheißdiamant	1
Kackbuch	1
Kackladen	1
Scheißkinder	1
Scheißlandheim	1
Kacknase	1
Scheißausflug	1
Scheißspritze	1
Scheißmaskottchen	1
Scheißjob	1
Scheiß-alles	1
Scheißtype	1
Scheißmücke	1

Scheißfloß	1
Scheißplan	1
Scheißdinger	1
Schisser	1
Scheißniete	1
Scheißtag	1
Kack-Kreditkarten	1
Scheißplakatständer	1
Scheißidiot	1
Scheiß-Fidschi	1
Hosenscheißer	1
Scheißlaune	1
Fernsehscheiß	1
Scheißbedreck	1
Scheißkabel	1
Klugscheißer	1
Scheißheizung	1
Scheißlügner	1
Scheiß-Tusch	1
Scheiß-Motorrad	1
Scheiß-Vater	1
Scheiß-Redaktionsjob	1
Scheißende	1
Scheißafrika	1
Scheißkerl	1
Scheißkopftuch	1
Scheiß-Wellnessoase	1
Scheiß-Afrikaner	1
Kackstreifen	1
Kackwurst	1
Scheißleistungstest	1
Scheißschule	1
Scheiß-BIZ	1

Scheißaktion	1
Scheißplantage	1
Scheißdrecks-Franken-Nazibauer	1
Scheißpraktikum	1
Kackparanoia	1
Sesselfurzer	1
Scheiß-Taschentuch	1
Scheiß-EC-Automat	1
Scheiß-Codewörter	1
Schmutzwurst	1
Oberkacke	1
Scheiß-Vorgesetzte	1
Scheiß-Klavier	1
Scheißteil	1
scheißverkrampft	1
Kackwurst	1
scheißsteuer	1
gefurzt	1
furzegeal	1
Schmutzwurst	1
Drecksjournalistin	1

1b - Tabuisierte Körperausscheidungen – nicht-skatologisch

verpissen	39
Verpiss	17
pissen	16
pinkeln	6
Pisser	5
Piss	2
angepisst	2
strullern	1

auskotzen	1
anpissen	1
Waldorfschulenpipikacke	1
Pisskind	1
Rotz	1
Rotzmassaker	1
rotzedicht	1

Anhang C: Liste der Schimpfwörter aus den Quellbereichen 2a-c: Tabuisierte Körperteile
(Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

2a - Tabuisierte Körperteile – skatologisch (Gesäß)

Arsch	101
Arschloch	50
verarschen	32
Arschgesicht	5
Arschgesichter	3
Arschtritt	3
arschkalt	3
Arschgeigen	2
Arschbacke	2
Arschgeweih	2
zurückverarschen	1
Scheißarsch	1
Arschnase	1
Arschologe	1
Arschresten	1
Arschmodel	1
Arschverletzung	1
Öko-Arsch	1
Arschwichser	1
Arschritze	1
Tsunami-Arsch	1
Verarscher	1
Arschhausen	1
Arschgeweihe	1
Arschgeige	1

Schweinebacke	1
Kapitalistenarsch	1
Bankarsch	1
Arsch-Kermit	1
Arschloch-Syndrom	1
Arschgesichtern	1
Arschgeburten	1
Anal-Admiral	1
Arschloch-Reisen	1
Arsch-Duschen	1
Rosettenkönig	1

2b - Tabuisierte Körperteile - weiblich

Fotze	29
Muschi	16
Titte	9
Fotzen	6
Muschis	4
Titti	3
Mäusetitte	2
Mini-Möps	1
Mäusetittchen	1
Türkenfotze	1
Pussi	1
Specktitte	1
Fitnessstudio-Titten	1
Suizid-Fotzen	1
Fotzenschule	1

Bullenfotzen	1
Bullenfotze	1
Fötzchen	1

2c - Tabuisierte Körperteile - männlich

Schwanz	17
Pimmel	7
Pimmelnase	2
Schwanzgesicht	2
Sackgesicht	1
Pimmelfechten	1
Schwingel	1
Schwengel	1

Anhang D: Liste der Schimpfwörter aus den Quellbereichen 3a-c: Sexualität (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

3a - Sexualität – sexuelle Handlungen

geil	85
ficken	49
Wichser	28
bumsen	21
vögeln	20
blasen	19
Fick	11
geilst	11
verfickt	10
lecken	7
lutschen	6
Ficker	6
wichsen	3
untervögelt	3
Geiler	3
poppen	3
rumbumsen	1
wegwichsen	1
zurückbumsen	1
fremdficken	1
rumficken	1
Bumsbirne	1
Rudelbums	1
Fick-Frosch	1
Fickschule	1

Fickfresse	1
Arschwichser	1
Fick-Option	1
Wichsbirne	1
Wichse	1
Fickbude	1
Wichsgriffel	1
Internet-Fickereien	1
unbumsbar	1
mega-versaut	1
ungebumst	1
gefickt	1
konsumgeil	1
versaut	1
ungefickt	1
dauergeil	1
notgeil	2

3b - Sexualität - sexuelle Orientierung

schwul	27
pervers	3
Schwulen	2
schwuchteln	1
Sexmonster	1
Schwuchtel	1
Schwanzlutschen	1
Homofreund	1
Schwuchteln	1

Russen-Schwuchtel	1
Schwule	1
Schwulensauna	1
Homo	1
Pädo	1
abartig	1

3c - Sexualität - Prostitution

Nutte	22
Schlampe	11
Hure	6
Hurensohn	4
Scheiß-Hurensohn-Wichser	2
nuttig	2
huren	1
rumhuren	1
Hurenkind	1
Husos	1
Escortschlampe	1
Flittchen	1
Hitparadenpuff	1
Stricher	1

Anhang E: Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 4: körperliche und geistige Gebrechen (Handicaps) (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

blöd	55
spinnen	46
bescheuert	37
dumm	29
hässlich	27
verrückt	23
dick	21
behindert	20
Idiot	16
fett	16
doof	12
Spast	11
Trottel	9
Vollidiot	8
Freak	5
Psycho	5
dämlich	5
Schwachkopf	4
Spacko	3
Dachschaden	3
hohl	3
durchknallen	2
Dummheit	2
Spastis	2
Specki	2
Depp	2

Dumme	2
mittelintelligent	2
gestört	2
zurückgeblieben	2
geisteskrank	2
Spatzenhirn	1
Spasti	1
Blödmann	1
Krüppel	1
Schwachmat	1
Schwachmaten	1
Vollhorst	1
Spackenfresse	1
Vollhonk	1
Hohlbirne	1
Fettsack	1
Dickerchen	1
Bekloppte	1
Idiotinnen	1
Porschedeppen	1
Volltrottel	1
Porsche-Idiot	1
Scheißidiot	1
Oberspastis	1
Spacken	1
Blödsinn	1
Blöde	1
Hoteltrottel	1
Dumpfbacke	1

Spackos	2
Vollspacken	1
Vollhorst	1
unbumsbar	1
dümmlich	1
bekloppt	1
bescheuertst	1
Honks	1
strohduhm	1
geistesgestört	1
unterbelichtet	1
idiotisch	1

Anhang F: Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 5: Religion (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

verdammt	33
Höllenmobil	1
Obermufti	1
Himmelhergott	1

Anhang G: Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 6: Nationalität bzw. ethnische und soziale Herkunft (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

Assi	8
Zigeuner	8
asozial	5
Pack	4
Assis	3
Assi-Kind	2
harzt	1
Eskimo	2
Knoblauch-Locher	1
Döner-Dödel	1
Inder-Lohn	1
Kanack	1
Schlitzauge	1
Hartz-IV-Atzen	1
Knecht	1
Ossi	1
Assi-Laufbahn	1
Türkenfotze	1
Türkengegend	1
Russen-Freund	1
Russen-Schwuchtel	1
Scheiß-Fidschi	1
Scheiß-Afrika	1
Neger	1
Scheiß-Afrikaner	1
Kanacke	1

Kokospflücker	1
asi	1
superasozial	1
prollig	1

Anhang H: Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 7: Familie (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

Hurensohn	4
Scheiß-Hurensohn-Wichser	2
Bastard	2
Hurenkind	1
Husos	1
Crackmutter	1

Anhang I: Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 8: fremdsprachige Ausdrücke
(Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

Fuck	53
Bitch	17
Shit	6
Bullshit	4
abfucken	1
Bitches	1
abgefuckt	1
gay	1
fucking	1
abgefuckter	1
Fuck-Tornado	1

Anhang J: Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 9: Tierbezeichnungen (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

fressen	55
heulen	29
Schnauze	18
Mist	13
Maul	13
besaufen	6
versauen	3
Mäusetitte	2
Drecksau	2
Bullerei	2
reinfressen	1
Spatzenhirn	1
Rudelbums	1
Waffelfresser	1
Fick-Frosch	1
Mini-Möps	1
Fickfresse	1
Mistviecher	1
Thai-Bullerei	1
Unschuldsmesse	1
Drecksarbeit	1
Spackenmisse	1
Kübbisschimpanse	1
Schnapsdrossel	1
Köter	1
Schweinemisse	1

Schweinebacke	1
Dreckschwein	1
Biest	1
Mistkerl	1
Schweinerei	1
Sauerei	1
Stinker	1
Bullenfotzen	1
Bullenfotze	1
Rattengesicht	1
versifft	1

Anhang K: Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 10: negative Charaktereigenschaften
(Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

heulen	29
Feigling	8
spießig	6
Blender	4
Tussi	3
ekelhaft	3
petzen	3
anlabern	2
verpetzen	2
Lügner	2
Langweiler	2
Schnösel	2
arrogant	2
schleimst	1
Billig-Casanova	1
Weichei	1
Spießer	1
Drecksverräter	1
Gör	1
Memmenlehrer	1
Memmenkind	1
Besserwissereien	1
Macho	1
Tussi-Klischee	1
Abzockerladen	1

Ekelpaket	1
Scheißlügner	1
Heulsuse	1
Geizhals	1

Anhang L: Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 11: Drogenmissbrauch (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

saufen	8
besoffen	8
besaufen	4
weggefixt	1
zugeballert	1
kiff	1
Druffis	1
Schluckspechtsache	1
Scheißjunkie	1
Fixer	1
Schnapsdrossel	1
Alki	1
Crackmutter	1
Saufwette	1
blödgekifft	1

Anhang M: Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 12: (politische) Gesinnung (Quelle:
Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

Öko-Arsch	1
Faschister	1
Nazi-Großeltern	1
Öko-Weicheier	1
Ökos	1
Öko-Faschist	1
Emo-Elend	1
Scheißdrecks-Franken-Nazibauer	1
nazimäßig	1

Anhang N: Liste der Schimpfwörter aus Quellbereich 13: Sonstige (Quelle: Datensatz aus erstelltem Filmkorpus)

Igitt	6
Weib	5
Versager	4
Gör	1
Memmenlehrer	1
Hammernase	1
Memmenkind	1
Botox-Beulenpest	1
Milchbubis	1
Ekeligste	1
Widerwärtigste	1
Bankfuzzis	1
Witzfigur	1
Schmutzwurst	1
Drecksjournalistin	1
Schrumpelbeinchen	1